

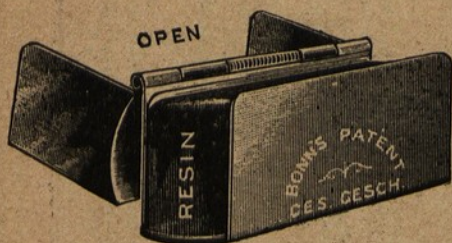
BRANCO E NEGRO



PRIMEIRA TOILETTE

PREÇO 40 RÉIS

N.º 10



RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

— ULTIMA NOVIDADE —

O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO

DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE



Preço de cada caixa completa — 240 réis

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á



— ARTE MUSICAL —

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 100 réis	2 200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1 300 "	2 600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 050 réis	2 100 réis	4 200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 10

LISBOA, 7 DE JUNHO DE 1896

1.º ANNO

○ JORNALISMO PORTUGUEZ

O «COMMERCIO DO PORTO»



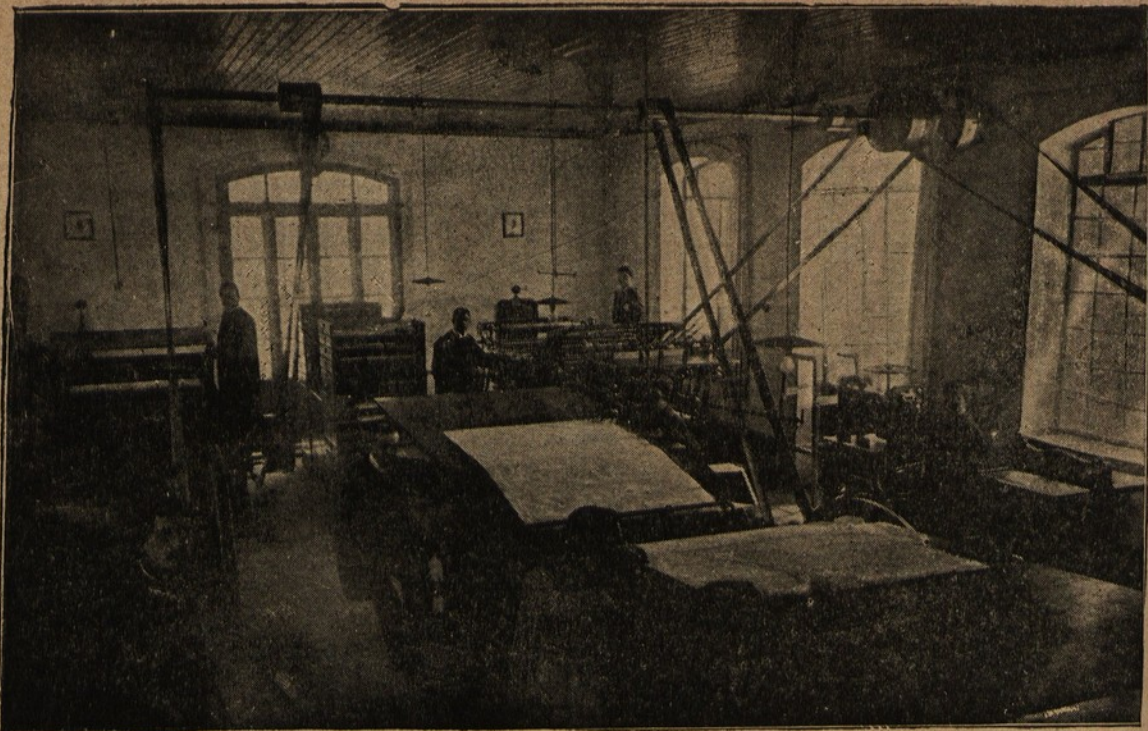
GABINETE DA DIRECÇÃO

O profundo historiador Luiz Blanc, em um dos mais bellos capitulos da obra que foi o encanto e o tormento da sua vida, ao descrever a acção do jornalismo, em França, em 1789, exclama, considerando no subito desenvolvimento que tomou esse novo poder que a Revolução Franceza gerou: — «Que mudança no mundo desde que um pedaço de papel, lançado de Veneza, tomára o nome de *Gazeta*, por se ter vendido por uma *gazza!*» Que mudança tambem no nosso paiz e no jornalismo portuguez desde que, em 1854, principiou a publicar-se o *Commercio do Porto*, que então apresentava o modesto formato de menos da quarta parte do que hoje tem, sahindo apenas tres vezes por semana!

No meio do desvairamento politico d'aquella epocha e da corrente dos partidos que se reorganisavam, tendo qual mais d'um apaixonado propulsor, Manuel de Sousa Carqueja e o dr. Henrique Carlos de Miranda entenderam que o movimento commercial da terra que lhes fôra berço devia ter um orgão que lhe defendesse especialmente os interesses, e fundaram o *Commercio do Porto*, cujo programma, tão simples como sincero, intemeratamente mantido, se reduz n'estas breves palavras: «pelo bem geral, pela moralidade e honestidade.»

Manuel de Sousa Carqueja, filho de abastados e honrados commerciantes portuenses, recebeu no antigo e afamado Collegio da Formiga, uma educação litteraria que o habilitou a dirigir com pulso firme o jornal que creou, tornando constantemente interessante, variada e instructiva a sua leitura, acreditando-o, do mesmo passo, como segura fonte de minuciosa informação. A enorme actividade que desenvolveu n'este labor e os padecimentos que lhe advieram abreviaram-lhe a existencia; mas a lucidez, a dignidade e a probidade, que são apanagio da familia, ficaram adstrictas ao periodico, cujo credito e prosperidade foram a sua permanente preocupação.

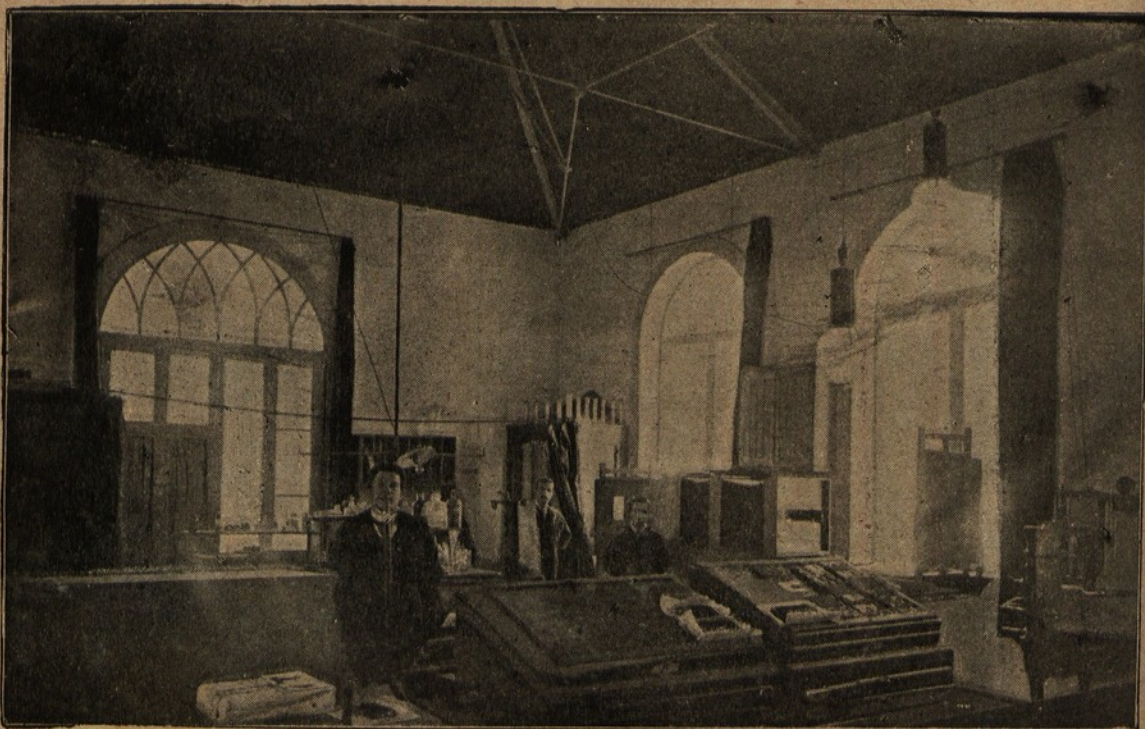
O saudoso extincto encontrára no dr. Henrique Carlos de Miranda um espirito perfeitamente identificado ao



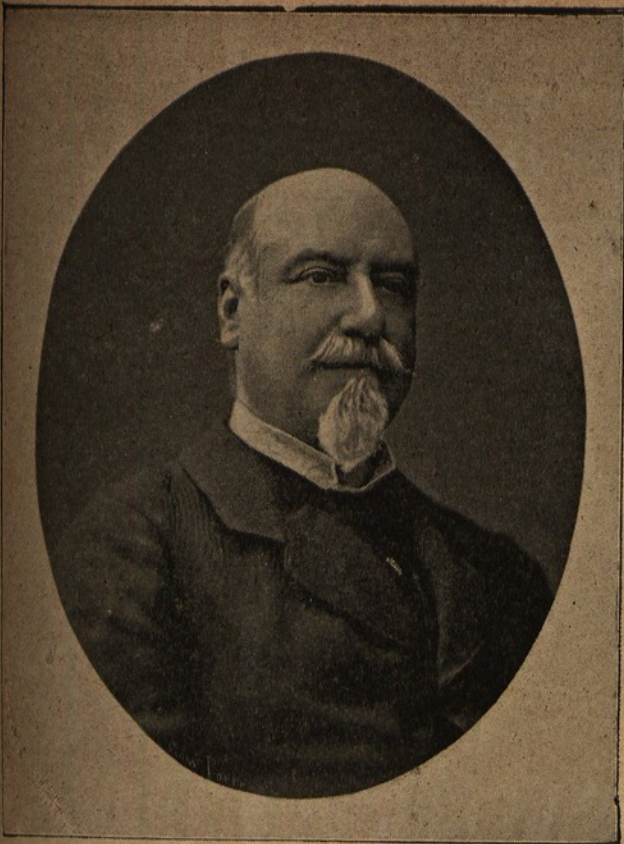
OFFICINA DE IMPRESSÃO

seu, para a empreza a que se abalçaram, e os seus nomes jungiram-se no alto do jornal, como designando uma mesma personalidade e cobrindo-o com a sua boa sombra.

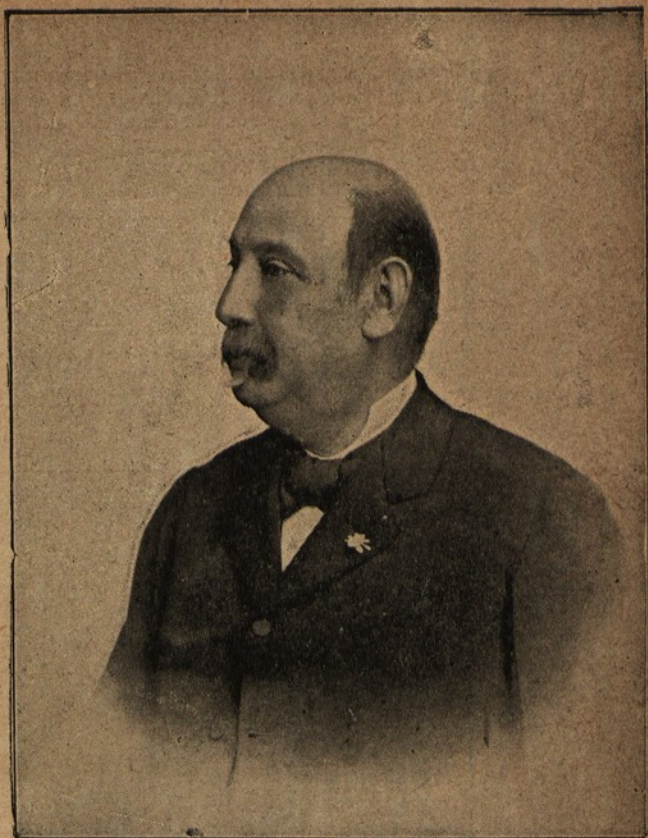
Superiormente illustrado, o dr. Henrique de Miranda, decano dos jornalistas portuenses, gosa da mais justificada consideração, pela nobreza do seu character e inconcussa probidade, podendo em verdade asseverar-se que a classe não conta no Porto um representante que seja mais geralmente amado. Francisco de Sousa Carqueja, que já em vida de seu irmão Manuel compartilhava da direcção do periodico, concilia todas as sympathias pela infinita candura d'um coração compassivo, generoso e humanitario, abscrvendo-lhe de preferencia a attenção a immensa obra de caridade de que as columnas do *Commercio do Porto* dão eloquentissimo testemunho. No meio da sua consideravel labuta ainda lhe sobra tempo para fazer prosperar, com o concurso prestimoso da sua dedicação, instituições de caridade e de ensino, a que vinculou o seu nome abençoado e em que deixou perduraveis vestigios



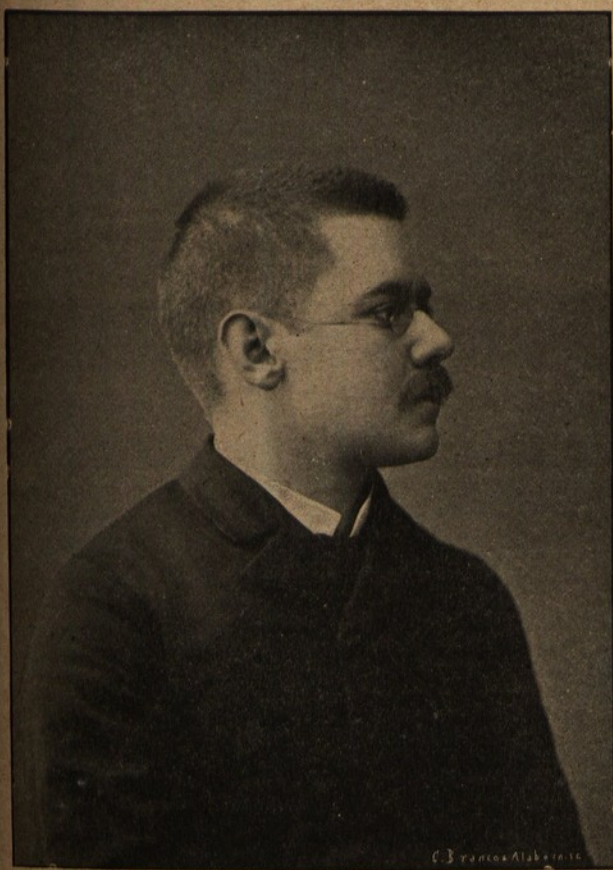
OFFICINA DE GRAVURA



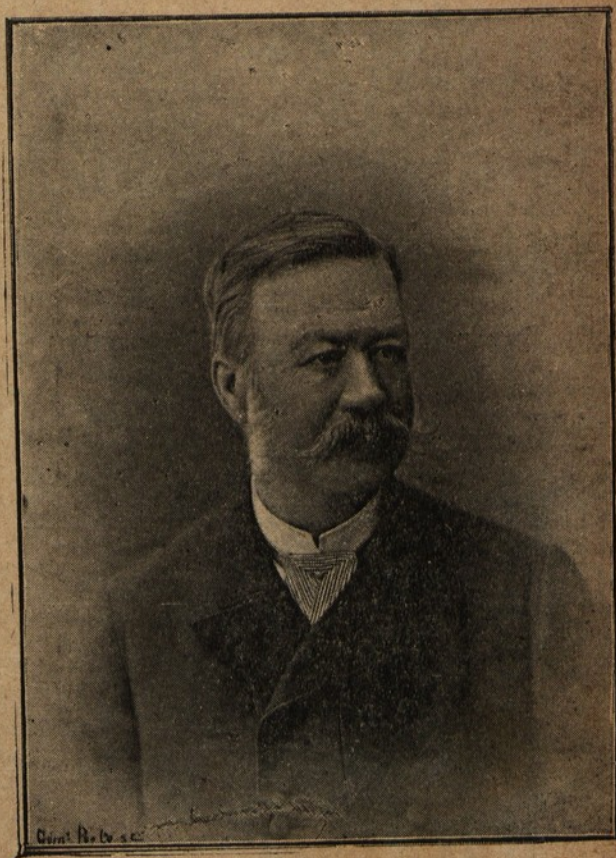
MANOEL DE SOUSA CARQUEJA,
um dos fundadores do *Commercio do Porto* (fallecido)



FRANCISCO DE SOUSA CARQUEJA,
irmão do fallecido fundador, e actualmente um dos proprietarios e directores



BENTO CARQUEJA,
proprietario e director do *Commercio do Porto*



DR. HENRIQUE CARLOS DE MIRANDA,
um dos fundadores, proprietarios e directores do *Commercio do Porto*

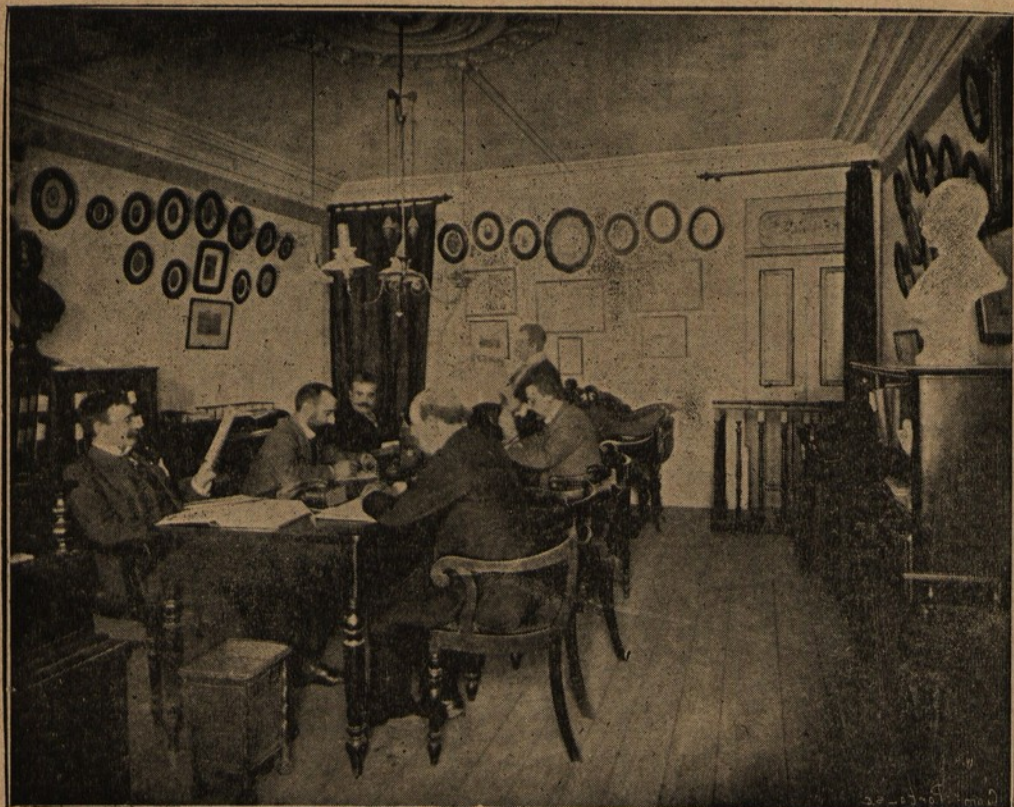
que demonstram a sua bondade, como seja, entre outras, o Recolhimento das Orphãs que administrou com um zelo superior a todo o elogio.

Contrariando-lhe a reconhecida modestia, o governo agraciou-o com a medalha d'ouro por serviços á instrução popular, entregando-lhe o monarca as insignias, quando a familia real esteve no Porto em 1891. Nada mais justo do que esta alta mercê, das poucas que ainda distinguem o verdadeiro merito, porque a orphandade, a viuvez e a pobreza encontraram sempre a mais desvellada protecção na prestantissima interferencia de Francisco de Sousa Carqueja.

Seu sobrinho e genro Bento de Sousa Carqueja, entrando para a direcção do jornal, de que ficou co-proprietario por morte de seu tio Manuel, dilatou-lhe consideravelmente a expansão e introduziu-lhe apreciaveis melhoramentos, não só com a sua redacção assidua como pela collaboração variada de brilhantes pennas que primam em diversos generos, desde a litteratura amena até ás questões scientificas, economicas, administrativas e sociaes.

Tendo concluido com distincção o curso de agronomia na Academia Polytechnica do Porto, e tendo percorrido os principaes paizes da Europa em viagem de instrucção, a sua penna exercita-se, com facilidade, elegancia e vigor, em variados assumptos, e a palavra, imaginosa e quente, sae-lhe com fluencia, quando discursa nas solemnidades, para que a sua presença é vivamente sollicitada. Captiva, enthusiasma, e o auditorio cobre-o sempre de calorosos applausos.

D'uma actividade febril, além da regencia da cadeira de botanica applicada, na Escola Normal, pode dizer-se



SALA DA REDACÇÃO

que vive exclusivamente para o periodico, que elle desejaria ver engrandecer e prosperar com successivas innovações, como o demonstram os soberbos numeros illustrados que tem publicado á maneira do *Figaro*.

Para manter esta soberania, não hesitou em instituir, adjuncto ás officinas typographicas, um magnifico atelier de photogravura, zincographia e chromotypia, dotado de bellas machinas e dos mais modernos apparatus que elle mesmo adquiriu em uma das suas viagens ao estrangeiro, d'onde trouxe um artista especial para dirigir os trabalhos e educar operarios n'estas modernas artes graphicas.

Atarefadissimo sempre, porque é devéras laboriosa e fatigante a superintendencia d'um periodico das dimensões e circulação do *Commercio do Porto*, ainda assim tem inventado tempo para exercitar a penna em assumptos diversos, publicando o seguinte: — *Conflit diplomatique entre le Portugal et le Brésil*, opusculo que foi muito apreciado; *A liberdade da imprensa*, um bello livro de consulta e vigorosa defeza da instituição a que o auctor pertence; e *As doenças da videira*, sua natureza, seus symptomas e seu tratamento, — lições professadas pelo auctor na Escola Normal do Porto, no anno lectivo de 1895-96.

Do colorido, da frescura e vivacidade da sua penna ha formosas amostras em diversos folhetins do *Commercio*, impressão das excursões do auctor, pelos Açores, Hespanha, Africa do Mediterraneo e outros paizes.

A nova officina do *Commercio do Porto*, que possui uma esplendida machina de imprimir a quatro côres, achase actualmente em plena laboração para o publico, apresentando especimens que lhe confirmam os credits, entre a numerosa clientella que tem.

Obteve o *Commercio do Porto* um diploma honroso na exposição de artes graphicas realisada em Milão em 1894; se concorrer agora a qualquer certamen identico, a recompensa ha de ser verdadeiramente triumphante: bastará que apresente os retratos e illustrações que as suas novas officinas teem produzido.

O *Commercio do Porto* é, depois do *Jornal do Commercio* de Lisboa, o diario mais antigo do continente; acrescentar que é dos mais considerados e de maior circulação é repetir o que todos sabem.

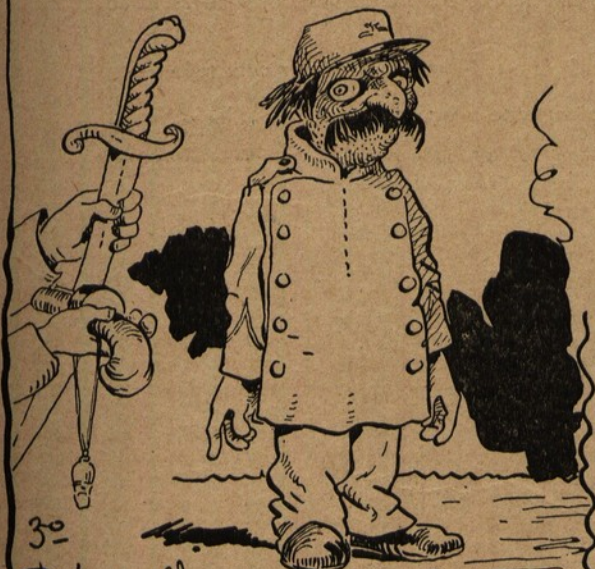
CARAS E CARETAS

Revista Comica Semanah - Receita para fazer policia:



2º Ensiná-se-lhe a contingencia.

1º Pegá-se n'um selvagem qualquer



3º

Dá-se-lhe um Sabre, um revolver e um apito ...



e está um policia feito!...

N.B. Depois d'isto feito sempre é bom juntar-lhe quatro figados de leão e oito Kilos de civilidade.

PM.98

(E) 50/



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

OS DOIS ALMOCREVES

(Sobre um conto popular em Traç-os-Montes)

(Conclusão)

O desgraçado Isidoro não se cansava de chorar a sua triste sorte. Chamava em altas vozes pelo companheiro, mas ninguém lhe respondia.

No campo deserto apenas se ouviam os sinos, que na capelinha branca do cimo do monte, repicavam alegremente tocando ás *Avé Marias*. Meio dia, o sol abrazava. Isidoro ajoelhou pedindo protecção a Deus. Depois, mais consolado sentou-se debaixo d'uma arvore, matou a fome com um pedaço de pão, que trazia no bolso e ás apalpadellas foi procurando um lugar seguro onde se abrigasse do ardor do sol e do frio da noute. Encontrou um asylo debaixo d'uma fragã. Deitou-se, chorando sempre a sua triste sorte e tanto chorou, tanto se lamentou, que por fim adormeceu.

Era alta noute quando acordou sobresaltado, ouvindo grande barulho de vozes e gritos, sobre a fraga onde elle estava escondido.

Quando acalmou o tumulto ouviu então uma conversa, percebendo logo que eram os demonios que alli se reuniam a contar o mal que n'esse dia tinham feito á humanidade. Cada um vinha por sua vez enumerar a lista dos seus maleficios; e quanto maiores eram, maior era a alegria de todos. O pobre Isidoro estava tranzido de medo, não se cansando de rezar todas as orações que sabia. Qual não foi o seu espanto ouvindo um que dizia: — Eu obriguei dois almocreves a ficarem sem missa e um a tirar os olhos ao outro. Foi preciso vestir-me de tres maneiras, que o rapaz estava teimozo! Mas por isso ficou cego. E o que elle não sabe é que debaixo d'esta fraga ha uma herva, que esfregando os olhos com ella ficaria bom!...» —

— «E tu que fizeste?» —

— «Eu tirei a agua a Lisboa. Meti uma pedra no chafariz e tudo hade desesperar com sede.» —

— «E tu?» —

— «Eu metti-me no travesseiro da rainha e tanto a pingo, tanto a faço soffrer, que ella hade morrer desesperada e lá a teremos no inferno.» —

Isidoro que isto ouviu deixou-se estar muito calado, fazendo-se pequeno a um canto, estarecido de medo. Logo que a manhã rompeu, o que elle conheceu pelo cantar dos passarinhos, tratou de procurar a herva e d'esfregar os olhos. Immediatamente ficou bom!

Que alegria a do pobre rapaz em poder contemplar o céu azul, o campo verde, as flores que se alevantavam tão lindas na frescura da manhã!

Cahi de joelhos e chorando de felicidade agradeceu a Deus a salvação da sua alma e a vista, que assim milagrosamente tinha recobrado.

Os nossos inimigos fazem-nos bem, querendo fazer-nos mal! Se o nosso coração é puro e a nossa consciencia está livre, Deus protege-nos, obrigando os maus a descobrirem a sua maldade.

Logo que se viu outra vez com vista, era tal a satisfação que sentiu o nosso amigo, que não fazia senão cantar e saltar pela estrada fóra.

Foi andando até que chegou a Lisboa. O seu primeiro cuidado foi pedir agua. Negaram-lh'a na maior consternação. Havia dois dias que o chafariz tinha secado e se continuasse assim, morria tudo. Foi o que Isidoro quiz ouvir. Dirigindo-se logo ao governador offereceu-se para de novo fazer correr a agua, se lhe dessem tres contos de réis. Aceite o negocio, foi ao chafariz, tirou a pedra que o demonio lá tinha posto, e logo a agua correu abundante e crystallina como antes.

O povo, cheio de reconhecimento encheu o nosso heroe de festas e presentes. Alem do que elle tinha pedido, ainda lhe deram mais dinheiro. Foi d'alli o bom do Isidoro ao palacio real e pediu para falar á rainha.

Disseram-lhe que não podia ser, pois que ella estava tão doente que dia e noute não fazia senão gritar. Teimou elle que o deixassem falar-lhe, que elle a curaria.

Preveniram o rei e elle sabedor do bem que o rapaz tinha feito á cidade mandou-o entrar.

Logo que chegou ao quarto da rainha doente, pediu uma brazeira com brazas bem acezas e uma caldeirinha com agua benta. Tirou o travesseiro da cama e pondo-o sobre as brazas deitou-lhe por cima a agua benta.

Um fumo muito espesso encheu o quarto e um estrondo tão grande se sentiu, que todas as janellas tremaram.

Correu tudo á cama e viram a rainha já bôa, a rir muito satisfeita, como se lhe tivessem tirado de sobre o corpo o pezo de muitos kilos; vestiu-se logo e andava pela casa tão bôa, que ninguém diria que era a mesma.

palacio. Mas elle não era ambicioso, por cousa nenhuma do mundo abandonaria a sua terra e a bôa mãe que lá o esperava. Comprou um cavallo e ei-lo ahí vai pela estrada fóra de volta á sua querida aldeia, promettendo a si mesmo nunca mais de lá sahir e não faltar a missa nenhuma, por mais que lhe dissessem. E fazendo os seus planos de vida futura, todo o caminho lhe parecia curto. Compraria uma casa com a sua horta pegada. Depois, casado com a Rosa, a sua namorada, que a essas horas já estaria bem afflicta. Coitada, os paes e os irmãos, todos teriam onde se recolher. E teria filhos muito alegres como elle e muito bonitos como a Rosinha.

Não cabia em si de contente o nosso amigo:

No meio do caminho, quem hade elle encontrar? O almocreve seu antigo companheiro, com os machos e competente carga. Admirado ficou de ver Isidoro com vista e tão bem posto, não se cançando de lhe fazer perguntas. Este que não era de resentimento entendia na sua simplicidade melhor que outros com muita esperteza, que as creaturas não teem direito de castigar; — contou tudo que lhe tinha acontecido desde que se tinham separado.

O outro não quiz ouvir mais, entregou-lhe os machos e foi-se pôr debaixo da fraga para ouvir os demonios que assim davam occasião de ganhar dinheiro.

Quando chegou a noute elle ahí estava d'ouvido á escuta. Primeiro um barulho infernal, depois os mesmos demonios que falavam. Disse o primeiro: «antes de mais nada vamos ver debaixo da fraga se lá está alguém. Por causa d'aquelle maroto que nos ouviu, apanhei eu uma escaldadella de brazas e agua benta, que ainda tremo. E nunca mais posso entrar no quarto da rainha.»

— «E eu perdi o meu trabalho porque a agua já corre outra vez em Lisboa.» — E o terceiro: — «E eu ensinei-lhe sem querer como se havia de curar da cegueira. Vamos ver debaixo da fraga!» — Vamos, vamos, — gritaram vozes de todos os lados, que era d'atordoar. O almocreve que isto ouviu, quiz fugir, mas foi logo agarrado e deram-lhe tanta pancada, fizeram lhe taes tratos, que ao outro dia foi encontrado no fundo d'um valle, já morto e tão negro como negra era a sua alma.

Tambem ninguem teve pena d'elle. Era o castigo que merecia pelo mal que quiz fazer ao companheiro, o bom do Isidoro. Esse lá foi para a terra com toda a sua fortuna e mais ainda os machos do almocreve. Foi muito feliz toda a sua vida. Rodeado de filhos e netos, sempre temente a Deus, alegre e caridoso para todos, morreu muito velhinho, deixando muitas saudades na terra.

Setubal. 18-5 96.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

Caldas da Rainha

O anno findo, um hespanhol gottoso de finia assim as Caldas da Rainha:

Aguas... em obras

Era este hespanhol um engenheiro doente que fazia d'essa viagem de saude uma especie de missão d'officio. Em vez de dizer: vou tratar-me, dizia elle: vou ver as obras! E tinha surpresas:

— Uma parede que elle vira nascer... uma parede que se poderia dizer elle trouxera ao collo! Santo Deus! crescera, subira, engrossára! Já com barba! seu ar casquilho no coco do tecto!

E tinha decepções:

Achava elle um grande ar imbecil áquelles muros... o mesmissimo ar d'essas creaturas que nascem gravemente... mas sem saber p'ra quê!

No dia seguinte ao da chegada, este estrangeiro visitava sem falta o D. Rodrigo. Abraçava-lhe pobrememente os flancos com os braços curtos e ficava muito pasmado a olhal-o, passada a primeira expansão do cumprimento. O D. Rodrigo sorria, inevitavelmente e por deferencia velha ia mostrar-lhe as obras. E tinha elle sempre o mesmo gesto e o hespanhol invariavelmente o mesmo pasmo.

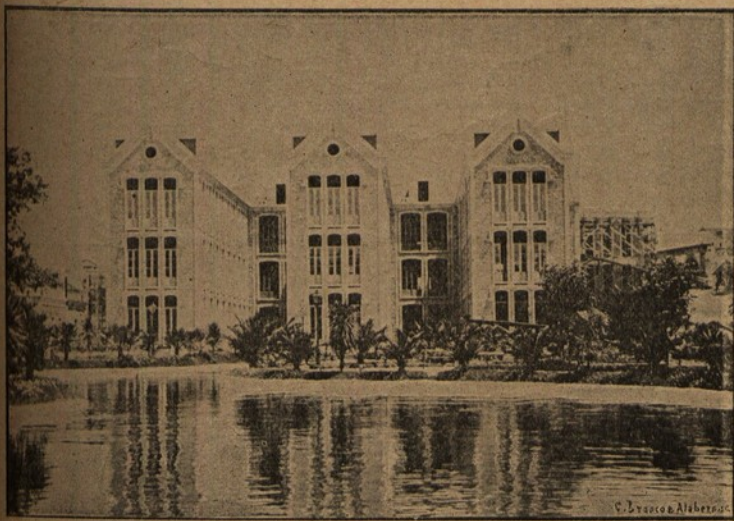
O D. Rodrigo de dizer:

— Adivinhe!

E o doente de murmurar:

— Hombre! Caramba! Quê Dios!

E nem o hespanhol adivinhava nem o D. Rodrigo explicava... p'ra que cresciam os muros e se alastravam as paredes!



O HOSPITAL E O PARQUE

Sabidissimo é que depois da fundadora da Villa que lhe deu o cunho fidalgo e o symbolico escudo, não consta, decorridos quatro seculos, que influencia mais de cunho acoitasse o logar, que está do D. Berquó.

De forma que é bem vulgar chegar-se á terra (detunto já o desvelado protector), e aflorar como um habito, em labios distrahdos:

— E o D. Rodrigo... bem?
 E em vez d'indagar banalmente da temperatura:
 — Faz por cá muito frio? perguntar com interesse:
 — Fazem-se por cá muitas obras? E' que não podendo este original, dada a convenção dos limites, augmentar a villa em extensão orbicular, dava-lhe mais superficie... com paredes... com muros...

* * *

Bella terra! Com um ar claro d'aceio no saibro das estradas e no cair das casas e um certo sabor a saude... e amas de leite!

A vida alli no pascigo meudo da doença p'ra quem só soffre de *meia gotta* e esteja remediado moralmente (se isso é possível) deve ser d'uma simplicidade preguiçosa!

Alamedas sombreadas!

Ardores causticos de sol n'um lago azul! Pavimentos de croquet! Risos de moças! Um club p'ro meneio e p'ro debique com todo o cortejo galante do amor... valsado: mecanica maneira de peneirar o sentimento, de levantar poeira, e de fazer cahir as meias... afóra o mais!

Bella terra! Industrialmente rica, com uma barreira em cada excavação e uma fertilidade gorda de verdes.

Como paisagem, basta sahir á estrada e p'ra qualquer excursão que se dispare, o panorama surge varrido e largo, com manchas de pinhaes, longes de mar, abruptos de rochas, dorsos de montes e o rutilar faiscante dos logares como lençoes lavados... á torreira do sol.

Bella terra!

Como character... terra d'amas de leite?!

E' fama! E' fama!

D. Rodrigo Berquó... um dia teve a seguinte phylantropica idéa: fundar uma crèche.

Recentemente uma mulher estrangulára um filho!...

Entrava o D. Berquó d'expôr a idéa, objecta-lhe o Raphael Bordallo:

— Você acha... uma crèche!

E o D. Rodrigo:

— Pois se ellas matam os filhos!

— Homem... pois se ellas matam os filhos, a crèche é inutil... você não acha?

— Hein!

— Homem... pois se ellas matam os filhos... faça você antes uma penitenciaria!

* * *

Amas... p'ra exportação, e por demais muito falsificadas... como as cavacas!

Eu não as vi, por mais que as procurasse... ás amas, está bem visto.

Emquanto ás cavacas... meu Deus! Muros do D. Berquó por camas! Cavacas por travesseiros! Eis o que de caracteristico se dá nos albergues aos forasteiros... que vão vêr as obras!



A AVENIDA DOS PLATANOS

No Hyppodromo

Domingo. O verde em baixo, o azul em cima,
 O crystal da manhã vibrando em maio.
 O sol parece um guizo d'oiro, cheio
 Da alegria sonora de uma rima.

Bello dia de luz para um torneio
 De florete, que os musculos anima,
 E o sangue então, na intrepidez da esgrima
 A espadanar-te, em purpura, do seio,

Ou para um *tour de champ* de meia legua
 N'um *phaeton* d'azas, atrelada a egua,
 Lustrosa ao sol como o verniz de um chromo

Vendo-te, a fina flôr da archibancada,
 Como uma bella e rutila granada
 Rebentando na raia do hyppodromo.

B. LOPES (Brazileiro).

CONTOS RIBATEJANOS

UMA APPARIÇÃO INESPERADA



Fôra ali, n'aquelle sitio do rio, muito lavado e profundo, que os chorões ensombram e onde os patos brancos — tão brancos como o cysne — nadam constantemente... fôra alli que a Jeronyma, a filha do Ze Quinteiro, cahira um dia deixando mergulhado na mais profunda desolação o Chico da Velha, um moço-tão eiffelesco que promettia saude a rôdo.

..... Vespera de nupcias — coitados !

A Jeronyma vinha todas as tardes esperar o Chico, junto da velha ponte de madeira, ennodada de lichens, que o sr. conde mandara construir p'ra beneficio dos povos que se empregavam na labuta dos campos e ali se ficava pensativa, bonita como todos os diabos, té que o namorado chegasse, contente, repleto d'essa alegria ruidosa que os favonios inspiram e o perfume dos trevos robustece.

As Circes do campo, gaiatas como andaluzas, sempre que se lhes deparava o amoroso par, em requebros d'amor, desferiam trovas d'uma malicia picante :

Toma conta, moreninha,
Não queiras andar a monte
Que podes escorregar...
E cahir de sobre a ponte.

Os melros galhofeiros, muito cheios de ironia, já assobiavam esta trova campezina, mas a Jeronyma, que o peccado nunca té'ali mordera, ria... ria muito da letra *sobrescriptada* d'aquellas raparigas folgazãs que vinham, caminho do povoado, sobraçando grandes feixes de cannas maduras p'ra queimar, á noite, á lareira.

E assim proseguiam as conversas, ao entardecer, junto da velha ponte, té que um dia, sem que viv'alma presenciasse tão tragico successo, a Jeronyma, no momento em que se debruçava junto do canal, p'ra colher um malmequer, cahiu no mais profundo do rio que os chorões ensombram e onde os patos brancos — tão brancos como o cysne — nadam constantemente.

A aldeia cobriu-se de luto. O sr. prior, meigo e bondoso como o velho Froilão do *Alfageme*, veio, por entre pezares que entristeciam, dizer palavras de conforto ao Ze-Quinteiro que se ficava agora dias inteiros no moinho, junto dos grandes ulmeiros, petrificado pelo estupendo acontecimento que punha no seu coração de pae uma ferida incuravel, e o Chico da Velha — desditoso amante — abysmado na immensidade d'uma dôr estridula, prometteu solteirar toda uma existencia : tão incommensuravel fôra a perda recebida !...

E no emtanto, por mais buscas que se fizessem, ninguem atinava com o destino da terna moreninha que, casualmente, se afogara no mais profundo do rio que os chorões ensombram e onde os patos brancos — tão brancos como o cysne — nadam constantemente.

Uma manhã — já cantavam gallos p'los casaes aléni — foi a aldeia alvoraçada com uma nova que vinha alimentar, á laia de manjar succulento, a palestra do *soalheiro*: o Chico da Velha, aquelle moço-tão como uma torre, que promettia saude a rôdo e jurara p'la Senhora das Mercês ficar eternamente solteiro — ai, o patife ! — raptara p'la calada da noite a ama do *sôr* prior, uma roliça de carnes macias, com roscas no pescoço papudo e bigode de porta-machado, que assim deixava o abbade entregue ás garras de morpheu.

E já no caminho, bordado de silvedos e de grandes piteiras que pendiam p'r'ó chão as suas largas folhas empoeiradas, a senhora Pulcheria ria atrevidamente da cara patusca do bom do sacerdote quando, chegada a hora do leite, elle chamasse do quarto com a sua voz encatharroada e o nariz impando de meio-grosso...

Esse momento deveria ser, fatalmente, para o bondoso prior — o *quarto d' hora de Rabelais*.

Já se haviam passado dias té que uma manhã o Chico, picado pl'a nostalgia da fresca aldeola, onde passára toda uma juventude de amores biblicos, com pastorinhas gentis de saia de sirguilha, a descobrir pernas modeladas, de Corregio — phantasiou matrimoniar-se com a senhora Pulcheria, que se exhibia agora no acume da garri-dice, *tantalusada* por um amor outoniço que já-gora ia nos quarenta bem puxados. Pois se ella até cortava á the-soura as guias do bigode hirsuto como junco !

E o caso é que elles casaram d'ahi a tempo na freguezia proxima.

A senhora Pulcheria, rebolando o seu corpanzil de baleia, involucrado em lã côr de salsa, atirava ás ondas de rapazio mãos-cheias de confeitos vermelhos, delirante, na expectativa d'uma lua de mel cheia de caricias e de mendas com peixe-frito, lá na aldeia, junto da ponte...

Depois o prior, espumando raivas, quando passasse á sua beira, e ella, muito grave, exhibindo a molhada de cordões archeologicos — offertas do abbade: que grande descaramento ! — e as cachopas solteironas raivando d'inveja, as delambidas, que só tinham *arte* p'ro verde-gaio, nas descamisadas, á luz da lua.

Ah ! como faria ruído a sua apparição na aldeia !

.....
E' talvez tarefa penosa, detalhar o consorcio e a entrada na aldeola do Chico da Velha e da senhora Pulcheria. O que posso, todavia, dizer sem reбуço — porque m'o narrou pessoa circumspecta — é que na occasião em que o par transpunha a velha ponte de madeira, ennodada de lichens, lá em baixo, como um protesto vivo contra a inconstancia do Chico, appareceu, boiando, o cadaver da Jeronyma... no mais profundo do rio que os chorões ensombram e onde os patos brancos — tão brancos como o cysne — nadam constantemente.

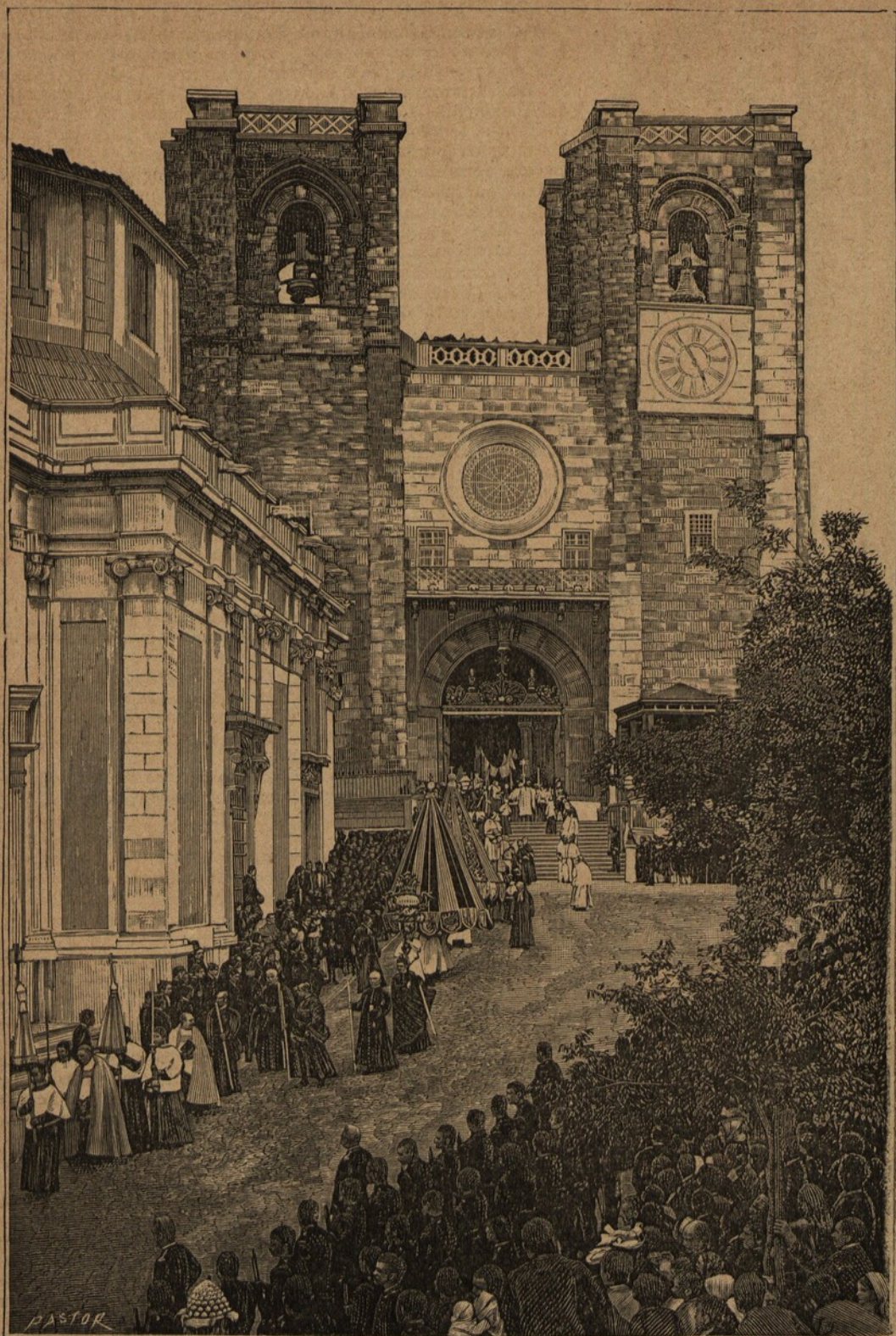
E, mais adiante, um homem encanecido, com o barrete na mão, atravessava-se diante do cortejo, a rir, a rir perdidamente :

— *Vocês* não a viram, pois não ? !... Ah ! ah ! ah !...

Era o pobre do Ze Quinteiro que enlouquecera, abandonando o moinho, e se ficava agora por ali casquinando umas risadas profundamente lugubres.

João ARRUDA.

A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS



O CORTEJO NO LARGO DA SÉ

DO NATURAL

O canzarrão velhissimo e tropego apanhou no ar, n'um secco estalido de fauces, a bolita mortifera que o policia, que amigavelmente o chamara, lhe atirou d'alto sorrindo uma covardia triumphante de Judas; e com toda aquella ancia soffrega dos esfaimados e glutões, ingeriu-a rapidamente... O guarda affastou-se então, olhando aos poucos para traz, como para se certificar da proficuidade do seu acto malevolo, e o rapazio numerozo e infrene não mais despregou a attenção do sordido animal, que ha dias andava pelo bairro exhibindo as suas pustulas e a sua miseria, escorraçado de todos, com fome e sem dono, curtindo n'um vegetar estúpido e inconsciente o desprezo do mundo, que o enxotava a ponta-pés e nem um osso réles lhe atirava á sua dentuça pôdre...

Pouco acostumado a carnes frescas, o bólo fez lhe bem ao paladar; lambeu os cantos da bôcca com a extremidade da lingua suja e crispada, e pôz-se a olhar imbecilmente para o guarda, que já ia longe, como se desejara mais d'aquella petisqueira deveras saborosa. E como o homem da lei não se dignava voltar, o cachorro foi-se d'ali mansamente, pacatamente, cabeça baixa, rabo descido, dançando-lhe as moscas em volta das lombadas chaguntas umas *valsas* loucas, que o bruto não percebia, seguindo sempre o cavado das valetas onde as imundicies se juntavam em pequenos monticulos, e nas quaes elle esfoinhava mais uma vez procurando, de balde, o alimento, procurando a vida...

E quando por elle passou correndo, sempre desenvolto e gentil, a cadellita branca do prior, o velho cão ousou erguer para ella o seu olhar amortecido e perfilar-se attento a vel a n'uma tremelicante attitude de devasso encanecido, eternamente sensual e tolo. Entretanto, a garotada do sitio mirava o inquietamente, n'uma desconfiança grande, quasi justificada. Parecia-lhe que *aquillo* deveria sortir immediatamente os seus effeitos terrivelmente destruidores; e estes já se demoravam bastante, era certo. E n'uma phylosophia extravagante, dos gavroches bem propria, todos elles achavam natural que d'aquelle dianho do immundo cão, de miseravel que era, nem a propria morte, por repugnada a valer de o observar sempre assim tão pulha e despresivel, se importasse de o distinguir agora com a honra d'uma visita sua...

O que levou alguns dos mais atrevidos a bestialisarem-se no prazer de o ir correndo d'ali á pedrada, rua em fóra, n'uma gritaria ensurdecadora e infame, que fazia rir a bom rir os carrejões alvares das esquinas e punha revoltados gestos de persignaões rapidas, atabalhoadas, na fronte encarquilhada das beatas velhas que vinham do templo proximo. — Estes garotos são o diabo, Nosso Senhor me perdôe... T'arrenego! E sumiam-se na volta da rua, besuntando o espirito n'uma indignação forçada e pitadeando se a valer com o seu esturrinho pataqueiro e pingão...

Subitamente, na tropega fuga em que ia, o cão teve um estremecimento violento que o agitou todo; estacou firme n'uma desorientação de doido parado, e logo cambaleante, a agitar-se muito como um arbusto flexivel batido da ventaneira forte, caiu pesadamente em plena rua. A strychnina operava, emfim. A canalha, meio satisfeita já, aproximou se fazendo semi circulo largo em volta do infeliz: e de olhares attentos cravados no lazaro, espiondo-lhe todos os movimentos febris e desharmonicos, os rapazes sentiam agora dentro em si o quer que fosse d'uma sensação vaga a que andavam pouco affeitos, que lhes lançava palavras de piedade á flór dos labios e um aspecto de compuncção nos rostos frescos e corados como cerejas. Corações simples, sem os vicios egoistas das existencias avançadas, a especie de malevolencia que ha bem pouco elles haviam mostrado, perseguindo o animal, desapareceu sem mesmo darem por isso, para ceder o logar aos sentimentos humanitarios dos que são natu-

ralmente puros e bons devido á curta idade propria.

E ficaram-se enternecidos a ver o miseravel, que estrebuchava estirado para ali, muito repuchado, muito rigidio, procurando, em vão um ponto de apoio para poder levantar-se, abrindo a bocca espumante e babujada do vomito n'uma ancia infinita de ar que lhe faltava. Repentinamente, com as patas a agitarem-se em frente parecendo querer segurar uma coisa vaga, intangivel, que se comprazia em fugir lhe, conseguiu erguer se, e saltando como uma mola disparada violentamente, foi em movimentos bruscos, cego e torto, cavernosamente resfolgante, no derradeiro lampejo forte das vitalidades prestes a extinguir se, estatelar se mais adeante batendo de chofre, pesadamente, nas pernas de duas Marias d'aldeia, que despreoccupadamente fallavam de peccado, e que fugiram espavoridas apostrophando o mostrengo.

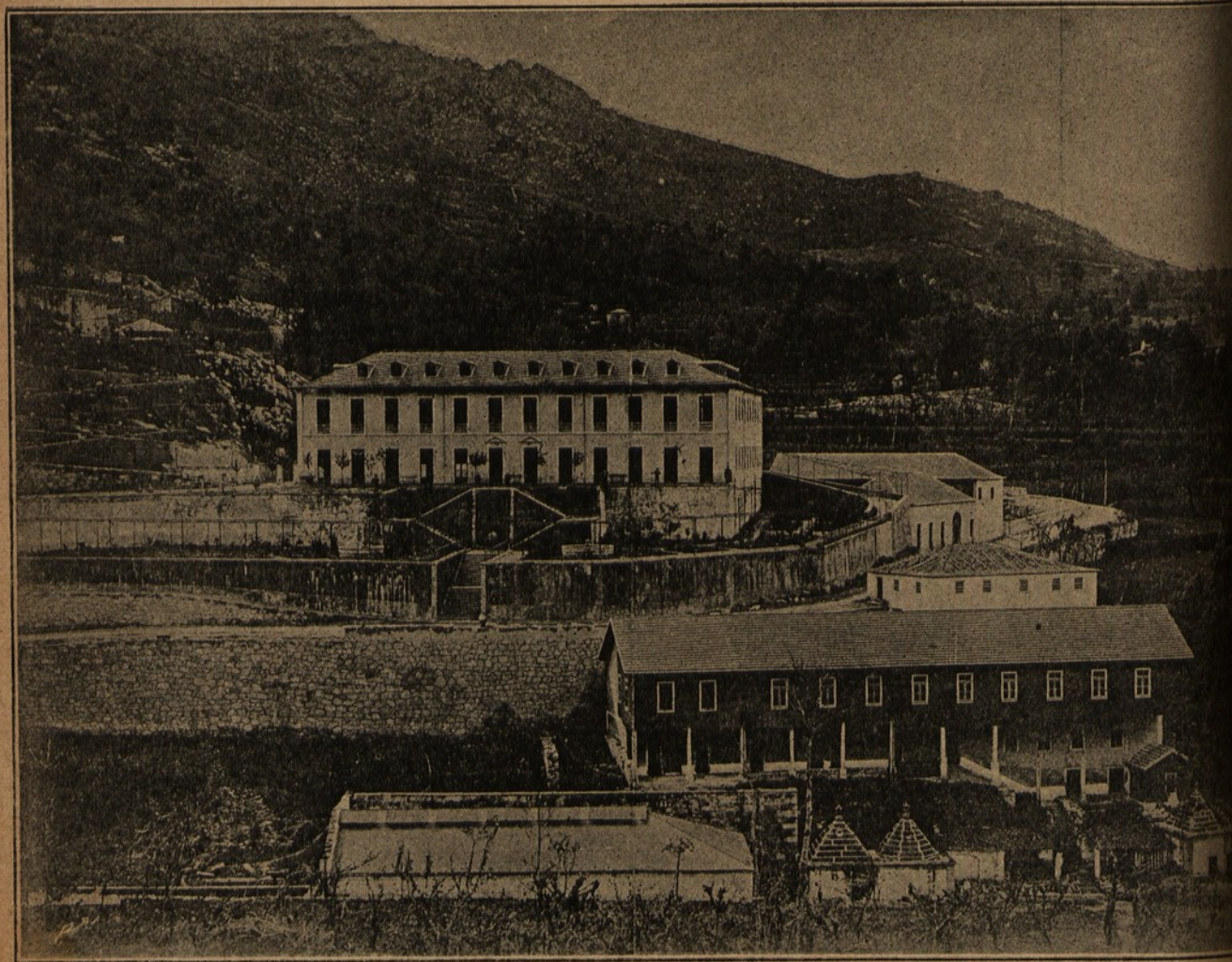
Já no seu periodo final, a agonia acorrentou-o de vez ás pedras humidas da calçada: e prostado, extenuado, aproveitou o ultimo esforço para revirar a dentuça aos longinquos espaços azues, ficando assim como n'um sorriso petrificado, d'uma tragica expressão nervosa e sinistra, que causava terrores, — sorriso singular, talvez de infinita maldicção aos que passavam...



THERMAS DE PORTUGAL

CALDELLAS

CHEGADA a epocha em que a população das cidades, procurando melhores aguas, melhores ares, allivios aos seus padecimentos phisicos, e distracções para o espirito, vemol-a debandar e espalhar-se pelas estações de banhos, praias ou thermas, que, dia a dia, se estão multiplicando d'um modo assombroso. Assim, não nos parece desavisado ir dando aos nossos leitores algumas notas, ainda que ligeiras, do melhor que, no genero, possui este abençoado torrão e que até do estrangeiro nos vem attrahindo visitantes.



CALDELLAS — O HOTEL E AS THERMAS

Começaremos por Caldeellas, cujas aguas já teem fama de mirificas virtudes desde os tempos mais remotos. Situadas a 15 kilometros de Braga, na povoação de S. Thiago de Caldeellas, foram estas aguas conhecidas por largos annos pelo nome de Caldas de Rendufe, nome que lhes provinha talvez do convento de Rendufe, sob cuja administração estiveram até á extincção das ordens religiosas em Portugal, e que lhes fica a pouca distancia; depois d'essa extincção, tomou conta do balneario o parcho de Caldeellas que, na estação propria, o franqueava aos pobres, gratuitamente.

Os povos de Amares haviam mandado construir em 1803 quatro casas de banhos, cada uma com um grande tanque de pedra, alimentadas por tres abundantes nascentes, que se denominavam *Poço da elephantiase*, *Poço fresco*, *Poço do rheumatismo* e *Poço do Carvalho*; perto d'estas casas, havia uma excavação d'onde brotava agua medicinal para bebida. Tudo isto se conserva ainda. Mas tal era a virtude milagrosa d'estas aguas, que, apesar da pobreza das installações, era enorme a concorrência a fazer uso d'ellas; conhecendo-lhes os effeitos maravilhosos, sujeitava-se aos incommodos da viagem por caminhos invios, ao desconforto da habitação, e á promiscuidade nos poços de banhos.

Foi n'estas condições que o sr. visconde de Semelhe, grato ao beneficio que n'elle produziram aquellas aguas, pois que o alliviaram, assim como haviam já alliviado sua mãe, de um padecimento gastro-hepatico, que tinha resistido tenaz e persistentemente a todas as drogas e aguas minero-medicinaes de Portugal e Brazil, se resolveu a dotar Caldeellas d'um estabelecimento thermal, á altura do valor therapeutico das suas aguas, onde os pacientes encontrassem as condições indispensaveis de conforto e hygiene.

Situado junto ao ribeiro de Caldeellas, acha-se este estabelecimento, dividido em dois corpos de edificio, contando-se no primeiro 14 banheiras de zinco para immersão, alimentadas por agua das nascentes, captadas de



PONTE ROMANA SOBRE O RIO HOMEM, proximo de Caldellas

mem, que passa a cerca de 500 metros do local das Caldas, e que por si só constitue o objectivo d'um magnifico passeio; tem ainda estradas em todos os sentidos com pontos de vista lindissimos, onde todos os dias o carro do hotel leva hospedes a gosarem deliciosos panoramas.

Quanto á acção physiologica e emprego therapeutico das aguas de Caldellas, que é o objectivo principal dos visitantes d'aquellas thermas, basta citar a opinião do sr. Dr. Alfredo Luiz Lopes, no seu precioso livro *Aguas Míneraes Medicinaes de Portugal*, para se fazer ideia do seu valor:

«Tomadas na dóse de 80 a 100 grammas por dia, em duas vezes, uma de manhã em jejum e outra de tarde, longe das refeições, acompanhando a ingestão de um certo exercicio, não determinam, durante os primeiros dias, qualquer effeito physiologico apreciavel; mas, em regra, do terceiro ou quarto dia em diante, as dejecções tornam-se frequentes e liquidas, apparecendo por vezes ligeiras cólicas. Estas pequenas perturbações intestinaes continuam-se ou suspendem-se, segundo se continua, suspende ou diminue a quantidade de agua ingerida.

O effeito diarrheico não é constante com a citada dóse. Elevando-a porém a 200, 400, 500 ou 600 grammas, é certo por fim produzir-se acompanhado de bastantes cólicas.

A esta acção desobstruente está ligado um effeito geral sobre os actos intimos da nutrição, o qual se torna muito apreciavel após o uso demorado das aguas. E' a combinação dos dois effeitos que se deve a acção therapeutica incontestavel d'estas aguas no tratamento d'um certo numero de doenças.

Os banhos de Caldellas são essencialmente sedantes, tendo tambem uma outra acção especial dependente da sua mineralisação, que, embora fraquissima, produz sobre a pelle, e com especialidade sobre as mucosas, uma muito branda acção irritante.

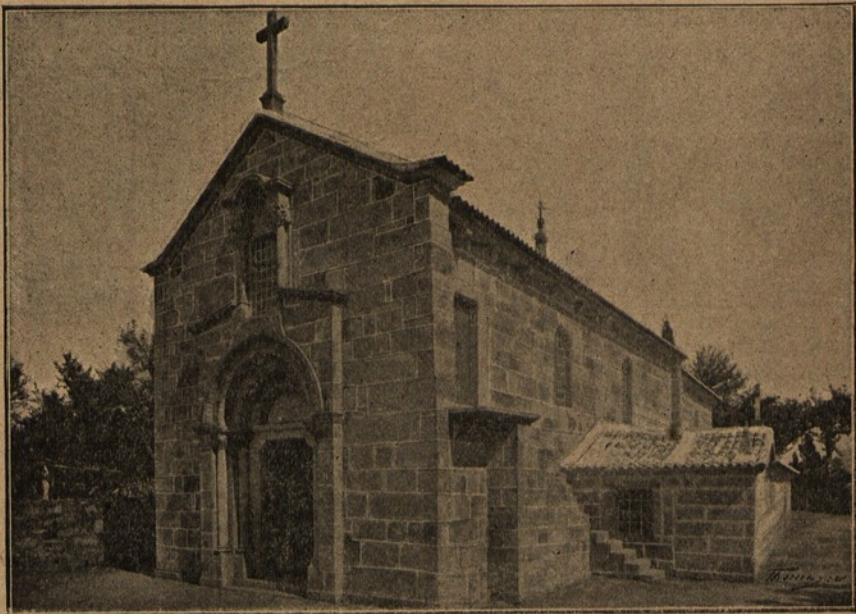
São com grande vantagem estas aguas applicadas no tratamento de catarrhos e dyspepsias do estomago, nos engorgitamentos chronicos do figado e baço, lythiase herpetica e renal, gravella, rheumatismo e gotta, doenças de pelle, e n'algumas nevroses. Os seus effeitos são mais marcados quando estas enfermidades especialmente dependem do vicio arthritico, hoje infelizmente tão generalisado.»

Terminaremos esta ligeira noticia pela indicação de que a viagem até Caldellas não apresenta as complicações, que algumas outras estações apresentam; é muito simples: caminho de ferro até Braga, e uma excellente estrada de 15 kilometros, cortando as verdejantes campinas do Minho e estabelecendo a comunicação entre esta cidade e a famosa estação thermal.

modo a evitar o contacto do ar e as infiltrações; no segundo, fica installada a sala de duches, inhalações e pulverisações.

Devido ainda ao benemerito Visconde de Semelhe, encontra-se na localidade o magnifico Hotel Bella Vista, dotado de todos os confortos modernamente exigidos em casas d'esta ordem e que póde accommodar para cima de duzentas pessoas.

Passeios, nenhuma estancia balnear portugueza os tem tão bonitos e variados; ha-os para todos os paladares e para todas as forças, por isso que não faltam as altas montanhas cobertas de exuberante vegetação, nem deliciosos valles onde serpeiam os regatos convergindo ao rio Ho-



EGREJA DE COUCIEIRO



CONVENTO E SERRA DA ARRABIDA

FEIRAS E ROMARIAS

A SENHORA DA ARRABIDA

Realizou-se ha dias esta tão pittoresca festa, do outro lado do Tejo, a que costumam concorrer todos os povos d'aquellas bandas e muita gente de Lisboa.

Para descrever essa região de Setubal e Arrabida, de um tão grandioso encanto, soccorremo-nos da penna brilhante de Fialho d'Almeida que, muito melhor do que nós, lhe dá tojo o colorido e todo o pittoresco que ella tem.



A Phylarmonica Perpetua Azeitonense regressando da esta

fior d'agua. O fórté hoje é casa de verão do snr. Peito de Carvalho, que annexou jardinetes á esplanada, tornando as casernas em residencia confortavel, e envolvendo os canhões n'uma camisa de trapadeiras cascatantes. Anda-se além, e a estrada trepa mais, sobre verdadeiros montes agora, internando-se ao de leve, para nos fazer gozar todos os pontos panoramicos do seu curso; e assim, junto á *Comenda*, no mais sobranceiro tramite do macadam, a duzentos metros da agua, o espectáculo é quanto pôde ser d'extatico, e magnifico! Tem se p'ra baixo, á esquerda, esborcinando o olhar da amura de madeira, profundos precipicios, revoluções de terra que as aguas castigaram, calvarios destacados, ravinas bruscas, quebradas, tudo d'uma côr vermelho sangue, cortada de verde bronze, ou sujo, ou mais vivo, ou mais violento, e sobre este casco de gangas ferruginosas, da côr tragica das guerras e dos poentes, pinheiros direitos, decapitados nas cópas, esgalhados lugubrememente nas braçadas, altercando entre si como cruces que se disputam um mau ladrão para um supplicio.

Pela direita toda, sempre a serra, com as suas massas d'argillas fuscas, areias quaternarias, calhaus conglomerados em cabeçorras nuas, lá nos pinaros — a serra a despenhar se sobre o viandante, cheia de cicatrizes dos tiros dos britadores, lascada a prumo por machados de cyclopes furiosos, e curveteando sempre, e desdobrando-se com um extraordinario pictoresco d'agulhas, creneis, contrafortes d'apoio, linhas, socalcos, fustigada da luz, zebra-da de nevoeiro, em destaques cruéis e escuros rhembrandescentes, e d'uma infinita poesia d'ajoelhar e dizer os hymnos d'Eurico sobre o Calpe! Tal a visão da terra. Para exprimir a do rio, necessario se faz fluidar tintas d'estylo té inverosimil lance de gradações quasi incorporaes, ter ligeireras de tom capazes d'exprimir não sensações, mas sonhos de sensações, almas de côres, tão vaporosa immaterialidade se exhala d'essa marinha unica de harmonia, emballadora d'idyllo, a entredizer, n'um murmuro de beijos, como Hamlet:

«...dormir, talvez sonhar, talvez...»

— Dormir, sonhar... Oh! como a bahia ganha, entre Setubal e Troia, tons de saphira e azul ferrete, d'uma frescura de mar grégo, onde as silhuetas dos barcos põem sua aza nitida e cantante! Atraz de nós a cidade é uma manchinha jovial, entre azues d'agua e verdes d'arvoredo, com as gredas da Saude, amarellas de bilis, contrastando; depois na outra margem do golpho, Troia e as areias brancas, invasoras, palhetadas de mica, avançando a estrangular o corredor d'entrada dos navios, e para além de Troia o mar intermino, com gargalhadas d'espuma em pelotões sobre os bancos d'areia afogados na agua viva, o mar risonho, o mar supremo, com seus meios de chispas causticas, listras clara zebrando-lhe o azul ventre de carpa, e aquelles fundos d'azul pallido, que ao achegarem-se á rocha vem cambiando até ao verde ultramarino. Abaixo de cada ravina ou convulsão violenta das barreiras, um portinho doce, alcatifado de branco, cheio de conchas e algas, onde romanescos saveiros se balançam: — e um tal silencio, um socego, que as mesmas gaivotas caminham com o accento circumflexo das azas, á procura d'uma exclamação mais alta, p'ra velarem... A carruagem internou se agora entre duas colinas redondas, vinhedos e oliveiras, veem se casas, uma capella sem cruz, com a janellas do côro atochadas de mólhos de feno — postes de pedra apoiando latadas já sem uvas, cyprestes e cedros em avenidas entre as cepas, e inda arribanas, e alpendroadas com utensilios de cultura, carros de matto em fueiros, tonneis sem arcos, e alfim, n'uma pyramide de rochas, entre eucalyptus e abetos, á beira d'agua, a casa nobre da quinta da Comenda, propridade d'um conde d'Armand, antigo embaixador francez, em Portugal. E' o momento em que a estrada, deixando o estrangulamento entre montanhas, resvála docemente á ribeira d'Ajuda, uma risonha garganta, que enfeixando os caminhos d'agua dos mame-lões das serras proximas, abre até ao mar seu largo leito, entre decorações alpinas, e bastidores de piçarra e matto inimitaveis.

A estrada circumtorna a garganta, em ferradura, como se quizesse prolongar ao viandante o angelus da

scismadora belleza alli gozada, e aproveita o estrangulamento que os regatos da serra fazem á entrada, p'ra lhes saltar por cima, e proseguir, cingida ao contraforte d'além, té aos baluartes d'Outão, outra vez agora á beira d'agua. Mas que socego ! nem um rumor despaysando a quietura unisona d'esse mimoso e gracil paraíso ! algum passarito nos medronhaes do matto, a pipiar sem echo, eclogas do tempo em que não havia sêtas nem espingardas. No chão da ribeira, fôfos tapizes de herva eternamente verde, fetos mui tenues, iris d'agua e capillarias em pequenos pufs de folhagem. Porticos de granito, com butareus grosseiros, isolados como monolinhos de sepulchros, restos da antiga guarnição mural da propriedade, hoje em ruinas. A' direita e á esquerda, montanhas gigantescas, com o peplum d'argillas rôto, e mamellas de rocha, encaroçadas de calhaus, todas á mostra. Depois ao fundo, conicos montes de pinhaes verde esmeralda, penetrados de vapores, as cristas scintillantes, e tão a prumo na scena, com os seus creneis feudaes e velludos verdes nos hombros de reis barbaros, que elles chegam a parecer encantamentos d'antigos genios do *humus terrae*, postos de guarda aos valles onde o silencio móra, e ao luar as antigas almas se assembléam. Emfim a torre. Como fixar-lhe agora a configuração irregular, accessivel do lado da terra por uma especie de porta de quinta com fecharias de bronze, ornada de lampeões, e da banda do mar, como n'outr'ora por formidaveis pontes levadiças ? A porta aberta, dá-se por um corredor d'abobada, na esplanada do meio, ou da cisterna, e alçando a vista, apercebemos cravada no enorme terraço uma torre de pedra, quadrada e bronca, corpos de construcção mais sobranceiros, a lanterna do pharol por cima, e mais ás escalonadas, como apoiando-se nos contrafortes graniticos da serra, as casamatas terreas, a capella, e outras dependencias razas do baluarte.

FIALHO D'ALMEIDA.

ARRABALDES DE LISBOA



EM CAMPOLIDE

Logo ao sahir a estação de Campolide, deixando para traz a *Rabicha* e o *Ferro de Engommar*, quintarolas aridas onde Lisboa operaria e burgueza se vae refastelar aos dias santos ; longe os arcos gigantescos das *Aguas livres*, d'onde o famigerado Diogo Alves, de pavorosa e lugubre memoria despenhava os incautos que se aventuravam por ali, ás noites, encontra-se na ravina da esquerda esse pedaço que, com ser de uma tristeza desolada, — com a sua ponte de pedra de dois arcos e as ruinas de uma casa que tem uma apparencia de pombal abandonado, — abre na monotonia das montanhas escalvadas e mirradas a alegria de um fio d'agua cantando de pedra em pedra e despenhando-se de um talude baixo a que fica sobranceira uma pequena horta verdejante e bem tratada, mercê da humidade constante do terreno. Quatro arvores levantam para o céu o esqueleto dos seus ramos mal cobertos ; mas apesar da pequenez da paysagem tem seu aspecto pittoresco esse recanto d'extra-muros, animado sempre pelas lavadeiras que batem a roupa nas pedras, enterradas n'agua até ao tornozelo e pintalgando com as côres vivas dos seus trajos a saibrenta perspectiva das pedreiras.

Não se pôde exigir mais d'esta esbrazada zona que corre á volta de Lisboa e que aos olhos do viajero que vem das uberrimas terras lá de cima tem o aspecto secco de um deserto.

Preciso se torna andar mais leguas para descobrir mais arvores que dêem sombra e mais aguas que refresquem. Cintra mesma, só nos altos é bella ; e no emtanto, o lisboeta que tem amor á sua terra acha-a um paraíso. Apesar d'isso, um grande escriptor nosso que tem corrido mundo e que alli acampou o anno passado n'uma estação de quatro mezes, levou tal horror da decantada e fresca villa que jurou aos seus deuses não a querer ver mais... nem pintada.

Nós, que n'este logar somos de uma neutralidade absoluta, vamos dando photogravuras dos aspectos mais pittorescos e mais bonitos que houver á roda de Lisboa, abrindo já hoje por esse minusculo recanto de Campolide.

PHOTOGRAPHIA RECREATIVA

UMA QUEDA POUCO PERIGOSA



Por mais longe que o photographo amator leve o seu amor pela arte, ninguem acreditará que elle se deixe cahir do alto de uma escada para experimentar, apontando para si mesmo o foco da sua objectiva, a rapidez da sua machina! E no emtanto, a photographia que damos aos nossos leitores parece a realisação d'esta experiencia... Apesar d'isso, o habil operador que ella representa, arrastando na sua queda quadros, escada, etc., não soffreu a mais leve commoção, nem sequer a que se ha-de apoderar dos nossos leitores á vista d'esta degradingolade.

E o motivo é o modo extremamente simples de operar, ao alcance de todos e em que não ha nenhum quebra-cabeças!

Suspendendo a machina photographica alguns metros acima do sobrado do atelier, de maneira a tornar o vidro despolido horizontal (entre os dois lados de uma escada de thesoura collocando a machina em cima de uma tabua horizontal com o foco virado para baixo, para o que é preciso fazer-lhe uma abertura circular ao meio, *estende se no chão um bocado de papel de forrar casas* de 2 metros de comprimento por 1^m,50 de largo. Uma escada, alguns quadros, uma estatueta e uma garrafa estão dispostos sobre esta tapeçaria de modo a produzir para um observador collocado no cimo da escada a illusão de uma parede de quarto, sala de jantar, etc.; alguns pregos e um martello estão espalhados nos sitios que

se escolham. Emfim, colloca-se uma prancha de 1^m,50 por 0^m,75 d'altura, sobre que se prega um tapete, um prato de cartão, etc., sob os pés de uma cadeira que parece descançar sobre este sobrado fingido fazendo angulo recto com o chão do atelier.

Tudo está preparado; o operador ou qualquer outra pessoa, deita-se tranquillamente no meio d'estes objectos, compõe um ar atterrado e espera que o ruido do obturador lhe annuncie que póde deixar esta posição, realmente pouco incommoda! Isto é apenas um exemplo que os nossos leitores pódem modificar e variar á sua vontade.

MANUAL DE GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

**1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs.
Enc. 15000 rs.**

HISTORIAS DE ANIMAES

POR J. Q. TRAVASSOS LOPES

1.^a Parte: 1 volume com 100 gravuras; — 2.^a parte: 1 volume com muitas gravuras.

Preço de cada volume, br. 200 rs. Com uma linda encadernação em percalina, 400 rs.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé os n.ºs 2, e seguintes do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa de cabeça de vitella. Batatas recheiadas. Linguados á hollandeza. Lombo de vacca com feijão verde. Espargos com molho branco. Letria d'ovos.

SEGUNDA-FEIRA. — Sopa de cevadilha. Bifes de vacca panados. Cherne assado á portugueza. Coelho á caçadora. Salada de alface. Arroz do Japão.

TERÇA-FEIRA. — Sopa de semola. Pastellinhos de pescada, cozidos no fôrno. Nabos recheiados. Rim com presunto. Cabrito assado. Creme de baunilha.

QUARTA-FEIRA. — Purée de ervilhas. Pastellinhos folhados de hortaliça. Pargo assado. Dobrada guisada á portugueza. Ganso assado. Compota de morangos.

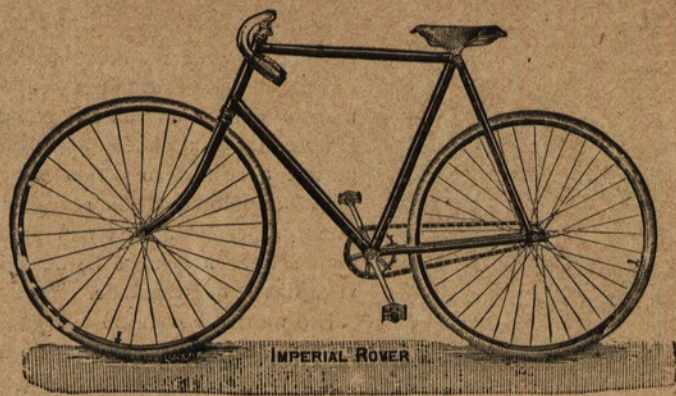
QUINTA-FEIRA. — Sopa de arroz com alface. Filetes de linguados. Mãos de carneiro de fricassé. Lingua grelhada com molho de azedas. Salada russa. Doce d'ovos á portugueza.

SEXTA-FEIRA. — Sopa de feijão manteiga. Pastellinhos de arroz de peixe. Pescada cosida com batatas. Pastellão de eiroz. Goraz assado. Pudim de laranja.

SABBADO. — Sopa economica. Cebolas recheiadas. Linguado cosido. Pastellão de carne. Pato com molho de azeitonas. Pãesinhos de tapioca á brasileira.

IMPERIAL ROVER

Pecam catalogos illustrados das "Rovers"



Fortaleza, elegancia, ligeireza

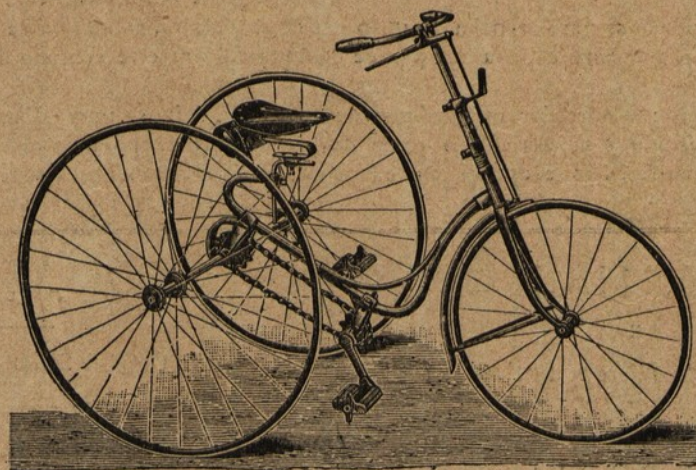
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são nichelados em parte, e têm travão e rodas com cautuchut.



Ha tricycles para adultos bem assim para senhoras, em grande sortimento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Pecam catalogos a esta casa



Velocipedes para rapazes de 4 a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

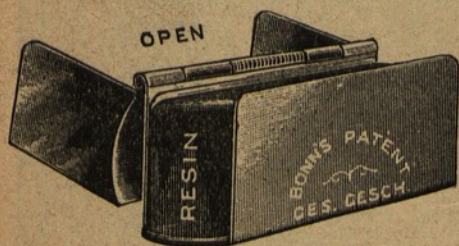
BRANCO E NEGRO



NA VESPERA DE SANTO ANTONIO

PREÇO 40 RÉIS

N.º 11



RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

— ULTIMA NOVIDADE —

O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO

DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE

Preço de cada caixa completa — 240 réis

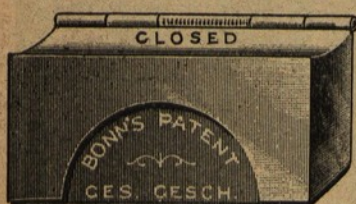
UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á

— ARTE MUSICAL —



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 11

LISBOA, 14 DE JUNHO DE 1896

1.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(11)



VILLA NOVA DE CONSTANCIA

Esta villa, que se estende por uma collina verdejante, na confluencia do rio Zezere com o Tejo, é, por certo, uma das mais pittorescas e das mais bellas d'essa porção do Ribatejo, extensa e arida, composta de lezirias onde pastam constantemente as grandes manadas de gado bravo.

Conta a Historia que de aldeola alegre e risonha passou a villa por pedido de Simão Gomes, o *Sapateiro Santo*, que por ali passou no celebre anno de 1579, que chegou até nós com o tristissimo nome de *anno da peste*.

A sua terra é fertilissima porque é accidentada, cavada em valles fundos onde a agua se infiltra; e a payzagem, produzida por esta exuberancia d'aguas, é de um extremo encanto, desenrolando-se a perder de vista.

Fica-lhe a um lado o pittoresco castello d'Almourol, cuja reproducção demos já em photogravura, construido sobre rochedos no meio do Tejo e que é uma das mais bellas obras que nos ficaram da Edade Média.

A ponte que lhe fica mais acima, e que atravessa o Tejo, é grandiosa, sendo a melhor do caminho de ferro de leste.

Não é perdido, pois, o passeio que se dê até á formosa villa do Ribatejo, que guarda em si alguma coisa de alegre e cantante como uma aldeia perdida em plena floração do Minho.

COIMBRA



O CHOUPAL

que, no verão, correm em pequenos fios d'água, serpenteando por entre as areias finas e doiradas. E nos primeiros dias quentes, quando a primavera começa a fazer desbrochar as flôres, os estudantes povôam aquellas ruas solitarias, como um enxame zumbidor sahido do coitico, com gargalhadas estridulas e um alegre esvoaçar das capas tradicionaes. Esta cantiga tão popular:

O' Coimbra! O' Coimbra!
Que fazes aos estudantes?...
Vão p'ra lá tão innocentes
Vem de lá extravagantes.

deriva, certo, do mysterio que envolve aquelle delicioso ponto e que transtorna, de mistura com os olhos negros das tricanas, o juizo da rapaziada das escolas.

A Quinta de Santa Cruz, a Entre Muros, é tambem um dos locais pittorescos de Coimbra, alli mesmo no coração da cidade, a dois passos do Mercado. E' onde hoje está installada uma *escola regional*. N'outro tempo havia ali annualmente uma festa; enchia-se tudo aquillo de gente que se espalhava pelos recessos do bosque, em alegre companhia, comendo os farneis que se levavam de casa sobre a toalha fresca da relva, á sombra das grandes arvores que por toda a parte formam verdadeiros ninhos onde o sol não entra nunca e onde as encalmadas tardes se passavam, de perna estirada e barriga para o ar, vendo luzir o azul do céu por entre a rama espessa das arvores.



LAVADEIRAS NO CHOUPAL



QUINTA DE SANTA CRUZ

Toda esta região de Coimbra é de um encanto que prende e nos leva, na aza leve do sonho, para as chymeras em que, em certos momentos da vida, a nossa alma se compraz.

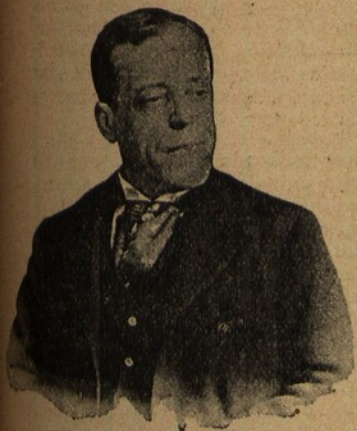
E depois, na historia portugueza, tem ella um lugar proeminentemente poetico, pois que ali se passaram, na encantada quinta das Lagrimas, do lado de lá do rio, para á esquerda de quem desemboca da ponte, os tragicos amores de Ignez de Castro, ali vividos á beira de uma agua que corre por sobre pedras vermelhas que a lenda diz serem tingidas pelo sangue d'aquella que Camões invoca:

Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

ESTUDOS PHYSISOMICOS

A LEITURA DA PEÇA

(Pelo actor hespanhol Sanches de Castillo)



1.º — Com que então vem lê-me a sua primeira peça?

2.º — Não vejo moita d'onde saia coelho...

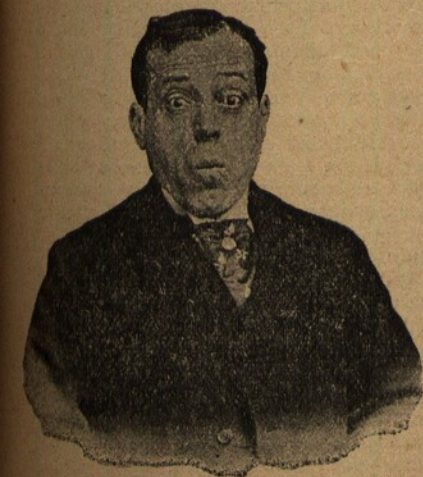
3.º — Deus me dê paciência!



4.º — Sim, sim, muito bonito!

5.º — O que! tem ainda mais quadros?

6.º — Continua a estopada!



7.º — Que atrocidade!

8.º — Não está má, não senhor...

9.º — Que valente mamarracho!

SANTO ANTONIO



CONEGO ALVES MENDES

COMMEMORANDO hoje a popularissima festa de Santo Antonio, extractamos do brilhante discurso de Alves Mendes, pronunciado o anno passado na Real Capella de Santo Antonio, esse luminoso pedaço que é uma das paginas mais fulgurantes da litteratura portugueza.

Damos tambem a reproducção da Basilica de Mafra, consagrada a Santo Antonio.

EXCELLENTISSIMA CAMARA :
MEUS SENHORES :

VIMOS a esta Real Casa soltar um brado e celebrar uma apothose ; — brado que aviva uma data famosa, e apothose que solemnisa uma individualidade augusta. Faz hoje (*) setecentos annos, que, n'este mesmo sitio, no mesmissimo aposento, ainda patente e subjacente áquelle altar, n'este sitio, antigo solar da familia Bulhões, erecto e reerecto em templo por D. Manuel e D. Pedro III ; sim, faz hoje setecentos annos, que, aqui mesmo, vagia uma bella creança, despontava um formoso menino, um nobre menino, o qual, a breve trecho, — ao levantar do seculo XIII, — se tornou na Europa um homem extraordinario, phenomenal ; um homem facundo como um tribuno da Grecia, illuminado como um propheta da Judêa e austero como um penitente da Thebaida ; um homem cuja vida foi um holocausto remodelado pelo holocausto da Cruz, e cuja morte uma transfiguração parecida á Transfiguração do Thabor.

Este homem, que teve a intensidade e agilidade da flamma, passou depressa, desapareceu rapido como meteoro ; e, ao desaparecer, logo ao desaparecer, as gentes o appellidam Santo, a egreja o canonisa Santo, todo o mundo o proclama, o exalta, o invoca e adora Santo ; e, como se as mesmas pedras, quaes pedaços d'estrellas, quizessem associar-se a esta constellação pamosa, a esta ingente glorificação, unica, nunca vista nos annos da historia, de subito, por encanto, surge um monumento colossal, excelso, imponentissimo e esplendidissimo, um monumento que o divinisa assombrosamente diante de todo um povo commovido e de todo um seculo maravilhado !

Quatrocentos e tantos annos depois, áquelle monumento visinho do Adriatico e feito com esmolos de todas as nações, corresponde outro monumento proximo do Atlantico e fabricado pelas bizarras de um monarcha. Portugal, onde, como estamos memorando, esse homem nasceu, mediu-se então alterosamente, opulentamente com a Italia, onde esse mesmo homem morreu. E estes dois monumentos — grandes entre os maiores do planeta. — ambos consagrados a Santo Antonio, ambos esplendrosos, ambos magnificentissimos, um com o nome de Basilica de Padua e outro com o nome de Basilica de Mafra ; aquelle, com os seus quatro orgãos e sete cupulas, a transcender a propria Basilica de S. Marcos, e este, com os seus seis orgãos e cento e dezeseis sinos, a sobrepujar a propria Basilica de S. Pedro, ah ! estes dois monumentos, abarcando o valor e abalisando e frisando o prestigio do seu alto Titular, evidenciam, *a giorno*, a toda a luz e a toda a força, famosamente e resonantemente, o nome poderoso e a gloria celsissima do incomparavel portuguez, — unico portuguez que todo o universo conhece ou adora, unico que em vida de seus paes alcançou honras divinas, e o maximo na immortalidade, que sobreviverá sempre á terra em que nasceu. Se a vida de Antonio não fôra uma vida prodigiosa, isto, de si só, orçaria por um enorme prodigio !

Foi o seculo XIII um seculo profundamente synthetico e salientemente typico, — o seculo em que as brumas da idade-media começaram de tingir-se e esmaltar-se com os primeiros arreboes da Renascença, o seculo fundador das religiosas Instituições mendicantes, e o seculo creador e impulsor das magnas transformações sociaes, o seculo que assignala a decadencia do espirito feudal e a emergencia do espirito moderno. Este seculo, eternamente e egregiamente rememoravel, resumindo e aferindo a civilização, representou e personificou, a primor, tudo quanto era válido, tudo quanto era bello, e tudo quanto era grande : — a soberania catholica em Innocencio III, a legislação catholica em Alonso X, a magestade catholica em S. Luiz, a sciencia catholica em S. Thomaz, a poesia catholica no Dante, a pintura catholica no Giotto, a esculptura e a architectura catholica em Nicolau de Pisa e João de Pisa, a palavra catholica em Domingos de Gusmão, a ascese catholica em Francisco de Assis, e a palavra, a ascese, a energia e a vida catholica em Antonio de Lisboa. Aparecido n'outro qualquer seculo, e ainda com talentos vulgares, poderia o nosso compatriota assumir um nome honroso e até illustre, mas, no seculo XIII, o impôr-se admiravel e admirado na Europa e celeberrimo em todo o mundo, revela predicamentos insignes — dotes muito raros e meritos muito superiores.

Cousa notavel ! Destacam-se, n'aquella epocha, homens exuberantes, pujantemente originaes, Alberto Magno e Roger Bacon, por exemplo, ou, sobre todos, Boaventura e Thomaz de Aquino — o Platão e o Aristoteles da idade media. Estes homens, de fama universal, revolveram e sondaram a natureza e o espirito ; sulcaram com a sua palavra e com a sua penna os abysmos da creação e tocaram com a sua idéa os terminos da sciencia ; fallaram e escreveram divinamente, adoravelmente, de Deus e dos attributos de Deus, do que existe em realidade e do que existe no possivel ; aguentaram sobre a espalda o peso do imponderavel e attingiram com a envergadura o cerne do inacessivel ; voaram arrojadamente, espantosamente, desde o grão de areia ao astro luminoso e do astro ao ether e do ether ao anjo e do anjo ao Verbo, fitando e penetrando a dupla immensidade do infinito material e do infinito moral ! Foram monstruosas fulgurações do genio, descommunes encarnações e culminações da intelligencia, aguias gigantes, uns portentos. Em face d'elles, confrontado a elles, Antonio perde no confronto.

(*) Este discurso foi proferido no dia 15 d'agosto, anniversario do nascimento de Santo Antonio.

Não importa. As aguias, que habitam as cimas alpestres, e, sentindo a tempestade sob as azas, pairam magestas no azul e bebem serenas os raios do sol em sua retina de diamante, poderão ser as aves symbolicas do genio, mas não, com certeza, as aves queridas do altar, que melhor se ajusta ás brandas azas da pomba. E, assim, embora, pela audacia do seu genio e pela rijeza do seu verbo, se chamem aguias esses padres sublimes, haverá sempre mais poesia, mais encanto no vôo tímido e no meigo arrullo da pomba, — porque esse arrullo e esse vôo, muito melhor que o agudo e aspero syllogismo na bôcca secca do doutor valentissimo, significam e exhibem no labio facunlo do humilde frade, o terno e mavioso murmúrio de uma prece.

D'est'arte, estes homens eminentes e, aliás, para sempre gloriosos, talhando a rigor obras primas, obras immortaes, não vingaram, como Antonio, nomes populares. A popularidade de Antonio provou se inexcedivel e inatungivel, recrescente e sem rival. Antonio foi o Santo mais popular da edade-media, e ficou sempre popularissimo. Neste sentido, contrasta os, vence os, varre-os completamente. E porquê? Por uma razão simplicissima: — Porque elles foram de poucos e para poucos e Antonio foi de todos e para todos — um theorisante e um propagandista, um theologo e um communicativo, um asceta absorto nos livros e um penitente arrojado ás multidões, um cathedratico que ensinava claro para que todos o entendessem e um prégador que fallava alto para que todos o ouvissem; porque, mais que nenhum d'elles, foi um consummado, um adestrado, um eloquentissimo, um copiosissimo e versadissimo apostolo.

Certamente, o mundo illumina-se pela intelligencia, mas domina-se pela vontade. São admiraveis os que sabem sentir. Os pensadores são magnos. os oradores são maximos. A idéa é astro, o amor é fogo; a idéa prende, o amor empolga; a idéa fascina, o amor arrebatá; a idéa engendra glorias, o amor opera milagres. Por isso, — como essencia da Essencia de Deus, — só o amor é omnipotente: só a braza do amor é viva, só a palavra do amor é forte, só a eloquencia do amor é grande!

*
*
*

Não é, pois, de estranhar, que a historia, fertil em grandes philosophos, seja esteril em grandes oradores — como se a natureza, zelosa de tanta soberania, de tamanha honra, receiasse generalisal a, facilitando este dom precioso, apenas concedido aos seus eleitos.

Famosissimo imperio da eloquencia, exercitado pelos primeiros d'entre os homens, que nos seja forçado reco-



BAZILICA DE SANTO ANTONIO, EM MAFRA

nhecer te e que me seja permittido saudar-te! Ah! não se conhece figura comparante ao orador que, do alto da tribuna ou da cathedra, despede a sua voz e transfunde as suas energias e as suas idéas a toda uma assembléa — a qual vibra se elle vibra, freme se elle freme, e chora se elle chora, — formando com ella uma só crença, uma só vida, uma só alma! porque, n'essa hora solemne e soberana, a palavra chega a confundir-se e a identificar-se com o espirito como o calor se confunde e identifica com a luz. E não se conhece vulto defrontavel ao prégador, quando elle, dominado por um pensamento sublime ou transfigurado por uma paixão tempestuosa, jorra, em catadupa, sobre um publico sedento dos mananciaes da fé, esse rio caudaloso da verdade que, rehentando-lhe do peito sacerdotal, como da rocha ferida pela vara divina, se despenha de seus labios e vae fertilisar e aviventar as multidões, sussurrante e limpido como uma torrente! — especie de Niagara mysterioso que, bramindo e espadanando, se lança em cachão aos abysmos e se levanta em vapores e em iris aos ceus!

E' o prégador o orador por excellencia, o orador dos oradores porque, mais que nenhum outro, necessita apoiar-se dos espiritos e sustentar e sustentar se no imperio das almas. Ora, a palavra é a mais rica e variada manifestação do espirito, e o regimen das almas, na phrase de Gregorio Magno, é a *arte das artes*. De conseguinte, o prégador, que usa da palavra como instrumento d'este regimen, deve comprovar-se homem multiplice — vasto sabedor e artista consummado: deve pensar como theologo, argumentar como philosopho e dizer como litterato; deve construir como architecto, colorir como pintor, cinzelar como estatuario, e movimentar se, afinar se e arrôbar-se, como actor, cantor e poeta; deve, enfim, ter a vida integra de um sacerdote e a fé inquebrantavel de um apostolo. E são estas prendas intimas e estas condições plasticas que, revestindo e revelando a alta eloquencia, dotam a palavra fallada de uma superioridade enorme e de uma celebridade immensa sobre a palavra escripta.

O Milagre do Santo



ANDANDO Sant'Antonio galhofeiro enfeitando as moças por este mundo de Christo, a elle se chegou uma velha, arrebicada e tola, e lhe disse com a sua voz mais doce que um assucar em ponto :

— O' meu rico Sant'Antonio, dá-me outra vez a mocidade que eu irei apregoando ao mundo que tu és o mais Santo entre todos os Santos e o mais virtuoso entre todos os homens.

Sorriu o Santo e retrucou-lhe :

— P'ra que queres tu a mocidade, mulher ? Pois não vês que vão voltar os teus dias de tormentos, o amor sem esperança, as angustiadas noites á espera do Bem-Amado, os soffrimentos do ciume, as torturas horrorosas da Carne?...

A velha abanou a cabeça, como quem se não dá por convencida. E erguendo os olhos ás Alturas, assim lhe respondeu :

— Deixa isso por minha conta, Antonio. O meu coração ficará mais gelado que as brancas regiões do pólo, será mais seco que os cardos dos caminhos, mais insensível que as pedras das calçadas. Não sentirei o Amor nem as crispações voluptuosas da carne. Quero ser bella e fria como um marmore. Só assim conseguirei esmagar as outras mulheres, porque não serei vulneravel.

O Santo sorriu imperceptivelmente ; e tocando-lhe com o seu bordão de peregrino transformou-a na mais escultural belleza que olhos humanos tenham visto.

E seguiu seu caminho sem mesmo vêr o prodigio que tinha operado.

Andou Antonio arrimado ao seu bordão, prégando em lingua d'oiro, por todas as paragens do mundo. Acconteceu-lhe essa dos peixes o virem escutar, fora d'agua, extendidos sobre as loiras areias ; salvou o pae da forca ; e tantas e tantas maravilhas que até nós chegaram, embrulhadas no perfume das lendas.

Fazia milagres aos cardumes ; semeiou muito amor e muito desespero ; muita lagrima regou os seus benditos pés ; e Antonio galhofeiro e casto, brincalhão e jovial, ia andando, ia andando, sem que o seu coração erguesse a voz n'aquelle desabrochar de tantos céos que se offereciam, como um paiz de suaves delicias, onde elle descansasse a colher os pòmos d'oiro da ventura.

Entrou n'uma cidade onde pairava o lucto e o desespero ; os sinos tocavam a finados ; por toda a parte passavam enfiadas de luzes amarellas, em grandes procissões de penitencia. Indagou de que provinha aquelle clamor erguido para os céos ; se era peste ou coisa ruim que tinha cahido sobre aquelle miseravel povo. Com grande espanto seu soube que a razão era outra : — uma mulher mais bella que uma estatua grega endoidecia os mancebos e os velhos ; paralyticos apaixonavam-se por ella e morriam no meio de contorsões

horriveis ; cegos, só pela musica da sua voz d'archanjo, não podendo obter d'ella mais que um riso de ironia, atiravam-se das pontes, esmagavam as cabeças nas pedras, degolavam se, enforcavam-se nas arvores picadas de flores que nunca viram ; as mulheres eram abandonadas pelos maridos ; filhos morriam ao desamparo ; os proprios prelados, ascetas e morrendo n'um lento jejum d'annos, não tinham força para a exorcismar, e fugiam, perdidos, da tentação da sua carne cõr de rosa.

Antonio teve um sorriso de indefinida piedade e pediu que o conduzissem ao palacio d'essa mulher, que era o terror e desgraça de um povo tão feliz até então.

Estava em festa a casa. Luzes em todas as janellas ; e uma musica mysteriosa que era uma verdadeira musica do céo, subia do jardim illuminado, onde pareciam voejar as almas encantadas de todos os que tinham soffrido a tortura do Amor, bebida pelos labios d'aquella que não tinha coração.

Antonio entrou, só. O povo, que o tinha acompanhado, em silencio como n'um enterro, ficou cá fóra, taciturno.

De repente, escureceram as luzes de todas as janellas ; cessou a musica ; os sinos deixaram de tocar a finados ; começaram a sahir para a rua, em alegres bandos, as mulheres pelo braço dos maridos ; as creancinhas chalaravam como aves livres da gaiola ; e pelo proprio céo correu um sorriso de clemencia, no azul pallido do seu pesado manto todo picado de scintillações de estrellas.

Antonio appareceu, com o seu sorriso de infinita doçura, trazendo pelo braço uma velhinha tropega, com os cabellos cõr de prata e o olhar amortecido e baixo, como apagado por muitas lagrimas que houvesse chorado.

E assim fallou ao povo, que applaudia e ria, cheio de um immenso jubilo e de uma grande adoração :

— Esta mulher tinha-me pedido a mocidade. N'uma hora d'alegre bom humor concedi lhe essa graça ; mas

não pude dar-lhe um coração. O corpo ficou bello e fresco, com perfumes de inauditas tentações; mas a alma ficou seca como os cardos dos caminhos e insensível como as pedras das calçadas. Não fiquei a contemplar a minha obra, não a conhecia, mas tinha a certeza de que se algum mal viesse a praticar eu o saberia logo, e, mal me chegasse a ella, a faria despir o envulcro com que outr'ora a presenteei. Foi essa a promessa que fiz e eil-a cumpri. Mas não a blaspheméis porque maior castigo foi o d'ella: — não ter um coração é mil vezes peor que a morte mais medonha, é não conhecer as suaves delicias d'esta vida, as alegrias e os confortos carinhosos do lar. Vêde como ella chora e pede a Deus, do intimo do coração, que agora tem, lhe perdõe todos os maleficios que espalhou n'este mundo.

Assim fallou o Santo; e o povo, maravilhado e constricto, beijou-lhe a fimbria do manto, com a profunda veneração com que se acolhe um enviado de Deus.

BOB.

Arte Portuguesa em Berlim

DAMOS em seguida a corresponderia enviada de Berlim ao *Commercio do Porto*, em que se citam as opiniões de auctorizadas revistas berlinenses sobre o merito dos quadros que os nossos pintores expõem na grande Exposição d'arte que foi agora inaugurada em Berlim.

Folgamos em registrar no nosso jornal o entusiasmo com que foram recebidas as telas portuguezas, tanto mais que estamos pouco acostumados a elogios da parte de extraneiros.

Na nossa pagina central damos o bello quadro de Malhõa *O ultimo interrogatorio do Marquez de Pombal* que tem sido muito elogiado nas revistas d'arte da Allemanha; e no nosso proximo numero daremos os retratos dos pintores portuguezes que concorreram áquelle certamen, resalvando, porem, desde já qualquer ommissão, visto não nos ser possível, talvez, obter a photographia de todos elles.

TIVE que esperar até hoje para enviar esta carta, referente ao papel que os artistas portuguezes representam na nossa grande expcissão de bellas-artes, que é ao mesmo tempo uma exposição jubilar, em commemoração da fundação da Academia das Bellas-Artes, de Berlim, em 1696.

Tive que esperar — disse — a fim de poder expôr não só a minha propria opinião, mas tambem a opinião critica dos jornaes berlinenses.

Pois bem, como correspondente do «Commercio do Porto» sinto verdadeira satisfação em poder dizer que esta primeira visita dos artistas portuguezes a Berlim teve um exito completo; mais ainda: — foi uma surpresa e uma revelação assombrosa para o mundo artistico e litterario de Berlim.

Para vergonha dos berlinenses, devo confessar que, até ao presente, nada se conhecia aqui ácerca da arte portugueza. Admiravam-se, é certo, os numerosos artistas hespanhoes que, em todas as exposições, vinham visitar nos ha quinze annos; mas de Portugal, nada. Assim, a surpresa é muito maior ainda.

Leiam o que diz o jornal berlinense «Correio da Bolsa» que, apesar do seu titulo, é o nosso primeiro jornal em materia de arte. Escrevendo em geral ácerca do Salão portuguez na exposição, diz:

«Alguns dos pintores que Portugal nos apresenta são de tal *collossalidade*, que se tornam desde já dos nossos mais intimos amigos, d'esses que nos orgulham sempre. Nunca ouvimos o nome de Columbano, e comtudo, eil-o ahí com a verdade victoriosa dos seus dois retratos de actores e do seu grupo de Camões e as Musas, que no seu realismo natural, no desenho e colorido, nos apresenta taes obras primas, que o collocam perante qualquer jury artistico da Europa em um dos primeiros lugares na arte moderna.»

O mesmo jornal, referindo se ao grande quadro de Carlos Reis «O pôr do Sol», diz:

«Quantos pintores haverá na Europa que tenham sido capazes de amoldar tal problema a uma téla tão enorme!»

O «Correio da Bolsa» elogia igualmente nos termos da mais alta admiração os dois grandiosos quadros de Velloso Salgado: «Retrato da rainha de Portugal» e «Jesus Christo solitario».

Um outro jornal o «Berliner Tageblatt», que ainda não sahio da critica das obras de esculptura, mostra-se cheio de admiração por duas bellas obras de Teixeira Lopes: «A viuva» e uma cabeça de estudo. Observei pessoalmente o grupo «A viuva», que se encontra na grande sala da entrada destinada aos esculptores, e é de tal ordem que o publico reconheceu immediatamente o grande interesse artistico d'aquelle grupo emocionante.

Os artistas portuguezes — com excepção do snr. Teixeira Lopes, que devia estar entre os esculptores de todas as nações, na sala commum — os artistas portuguezes acham-se todos reunidos n'uma grande sala e n'um gabinete immediato. D'este modo, o publico póde melhor formar uma ideia geral do valor actual da arte portugueza. As duas salas lusitanas estão ao lado da exposição de Hespanha, e é interessantissimo comparar o caracter geral artistico das duas nações.

A Hespanha sobresahe pelo esplendor das côres, emquanto que os artistas portuguezes, quasi sem excepção, além do desenho magistral e do colorido vigoroso, mostram-se ao mesmo tempo como *pensadores*. Ha mais scintillações nos quadros hespanhoes, como ha mais alma nos artistas lusitanos.

Uma apreciação significativa da arte portugueza entre o jury da exposição, é que o catalogo illustrado contém uma boa duzia dos principaes quadros portuguezes.

Não ha senão *uma* voz na critica berlinense ácerca dos *retratos* portuguezes. Os dois grandes retratos de Velloso Salgado: Rainha de Portugal e Braamcamp Freire; e os dois retratos de actores de Columbano, são os mais notaveis de toda a exposição. Estou perfeitamente convencido de que aquellos dois emeritos artistas são premiados.

Não posso, nos estreitos limites d'esta carta, enumerar todos os quadros portuguezes, tanto mais que devo dizer, em harmonia com a verdade, que os portuguezes quasi nada de mediocre enviaram a Berlim. Comtudo, devo mencionar o grande quadro historico de Jose Malhõa «O juigamento de Pombal» e em seguida, Antonio Ramalho, com o seu quadro «Fabricante de lanternas», quadro que attrahe muito a attenção. Antonio Ramalho tambem será provavelmente um dos galardoados.

Julio Ramos teve a boa sorte de vêr o seu bonito quadrinho vendido logo no primeiro dia. A bella camponeza de Julio Costa merece e terá a mesma sorte. Ha ainda uma bella paizagem de Prat; tres magnificos ramos de flôres, de Greno; um estudo notavel de Antonio Ribeiro; um maravilhoso pastel, «Uma rapariguita com gatos», de José de Brito; uma bella caçada, de M. H. Pinto; uma paizagem fluvial de grande valor, de Luciano Freire; e um bonito retrato de genero de Zoe Wauthélet.

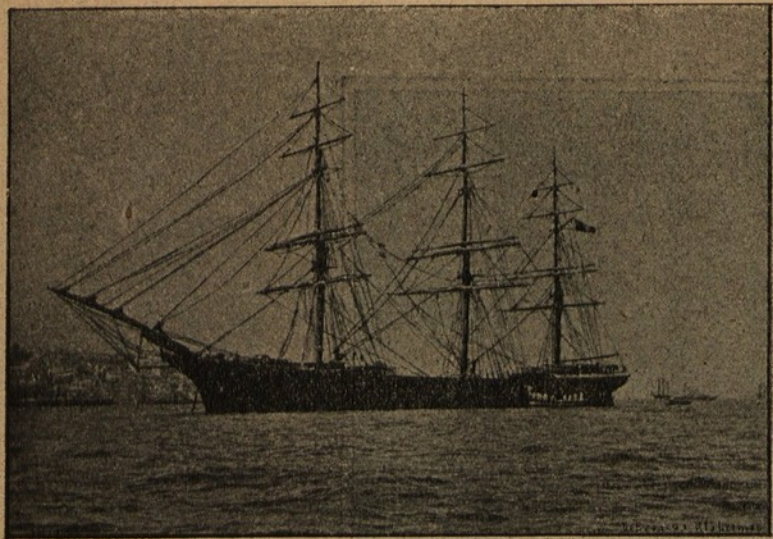
A critica berlinense elogia tambem e com justiça um retrato de mulher de Adolpho Benarus e os dois pintores de Lisboa, Vaz e Verde. No gabinete, as aguarellas de Gameiro estão entre as melhores da exposição.

Finalmente, esta primeira visita da arte portugueza a Berlim é de bom agouro para o futuro. Os artistas hespanhoes conquistaram de ha muito o mercado allemão; é de esperar que os portuguezes os seguirão. O primeiro passo está dado; trate-se agora de o continuar.



O ULTIMO INTERROGATORIO DO MARQUEZ DE PARRA, quadro de José Malhó, enviado á Exposição de Berlim

Marinha de Guerra Portugueza



O NOVO TRANSPORTE PERO D'ALEMQUER

correspondendo a todos os requisitos precisos nos barcos d'esta especie.
Está fundeado em frente da alfandega.

O novo barco mandado construir nos estaleiros inglezes pelo governo portuguez é excellente, tendo feito, de Plymouth a Lisboa uma viagem magnifica e attingido uma velocidade de quinze milhas por hora, — que é realmente extraordinaria para um navio de véla e que excede a todos os navios de guerra portuguezes, á excepção dos torpedeiros.

O *Pero d'Alemquer* que entrou no nosso porto no dia 29 do mez passado trazia a bordo 1.200 toneladas de carvão.

O novo navio de guerra é elegantissimo, de uma construcção linda e magnifica e



A CAÇA AOS TARALHÕES, quadro de M. H. Pinto enviado á exposiçãõ de Berlim

FLOR DO LINHO

QUANDO a Princeza-Luar se foi á sua tapada, cahia a tarde serenamente. Pela rama dos chorões andavam melros cantando; e na agua das lagôas havia um certo murmúrio de folhas que se extinguiu suave, suave, n'um somno lirico... A flauta dos pastores do palacio punha na alegria das encostas o soluço musical d'uma canção... A nora do milharal chorava. Como se alguma Fada marinha lhe arremessasse, pela mão das onabada de violetas, o pôr do Sol estava roxo... E nas florestas, nas charcas, nas fontes, por toda a tapada real, andas, uma davam Faunos de mármore a sorrir, com um sorriso lisongeiro feito de finas malicias...

O carreiro do moinho bordado a flores, p'ras bandas da levada azul, era o passeio predilecto da Princeza-Luar. Na poeira do seu leito não havia mais do que a pégada leve dos seus passos. Aquella solidão, aquella tristeza de caminho abandonado, tentava ao sonho; e quem fosse noiva, como o era a Princeza-Luar, não acharia na terra uma estância mais doce para sonhar as alegrias do seu noivado! Ninguem a perturbaria na sua passagem; ninguem desviaria os seus pensamentos com alguma importuna palavra...

Mas n'aquella tarde, quando a Princeza-Luar ia passando sonhadora, e, descuidosa, poz o seu chapim doirado sobre uma Flor-do-Linho que alli estava na orela do linhal, uma certa voz occulta assim lhe fallou:

— Tem dó da pobrezinha, ó Princeza-Luar! Tem dó de quem é pobre. e de quem não tem um amparo na vida a que se encoste! Não calques, contra o pó da terra, quem um dia ainda pode vir a beijar o morangal do teu seio e respirar o perfume immaculado das tuas virgindades... —

Maravilhada d'estas fallas, a Princeza-Luar, como tivesse na alma um grande orgulho do seu sangue real, retrocedeu no seu caminho e foi de novo, despeitada, calcar com o seu chapim doirado a pobre Flor que se estorcia na terra...

— «Não pizes a Flor-do-Linho, ó Princeza-Luar! Não n'a pizes!... Olha que até das mais altas Princezas se pode tirar vingança! Até as flores se vingam!...» —

E, senhora dos seus orgulhos, a Princeza foi se de novo ao seu passeio, depois de se certificar que a Flor-do-Linho ficara espeznhada na terra, castigada d'aquelle atrevimento de fazer reparos a uma Princeza que vai no seu caminho, a sonhar...

Mas, mal andados alguns passos, logo o sonho do seu noivado tornou a tomar posse dos seus pensamentos e a prendel-os todos, um por um, á ponte levadiça do seu castello de illusões...

Ia a Noite caindo, doce, como o cerrar de palpebras d'uma criança. A muzica dos ninhos esmorecia; os lagos, sonhavam. Porta-estandartes da Lua, as primeiras estrellas phosphoreavam no Ceu: — eram os Anjos a pestanejar...

Entretanto a Flor-do-Linho, no segredo calmo d'aquella Noite, teve sinistros planos. Jurara vingar-se. E, a custo, erguida de novo no hastil despedaçado, levantou, bem alto, a sua corola azul e assim fallou ás suas companheiras:

— «Bem vistes, minhas Irmans, como fui pizada pelo chapim vaidoso da Princeza-Luar! Bem vistes como fui desprezada! Juremos todas, pela nossa vida, tirar vingança d'esses orgulhos de princeza!...» —

E era lindo ver as Flores-do-Linho, solememente, áquella hora romantica da Noite, como arrastadas por um legitimo impulso de camaradagem, alli jurarem todas vingar se das vaidades da Princeza.

— «Juramos.»

As flores, quando se revoltam — lá o diz a lenda — desejariam ser cardos do monte, ao menos um instante, p'ra se vingarem de quem as maltrata! Cardos ou espinheiros, não importa; contanto que tivessem á mão um punhal p'ra matar!...

— «Hei de ser tela fina da sua camiza, na noite do noivado!» —

— «Hei de ser lençol, p'r'á beijar!» —

— «Hei de ser almofada do seu leito, para lhe morder os cabellos!» —

— «Hei de ser mortalha, p'r'á enterrar!» —

Taes eram, no callada da noite mysteriosa, as palavras quentes de vingança que todo o linhal ia murmurando revoltado... E, a essa hora, tranquillamente, na sua varanda de Julieta, a Princeza-Luar quebrava-se de languôr nos braços do Noivo. Os rouxinoes do pomar cantavam-lhe á roda a ballada dos amores; havia beijos á flor dos lagos; as fontes arrulhavam pelo jardim... E, de longe, coada pela ciranda verde dos amores, veio até ao ouvido dos namorados esta fatidica aria de vingança que as Flores-do-Linho iam cantando:

Flor-do-Linho! Flor-do-Linho!...
Não se esquece a Flor-do-Linho
De certo pé de Princeza
Que a pizou no seu caminho!...

E, ao baloiço dos ramos, essa canção andava no ar, como uma ameaça, feita de sangue a escorrer...

Chegou a hora branca das nupcias. Aos seus pés, ajoelhado, o Noivo ia ouvindo a muzica doirada das palavras que a Noiva lhe dizia:

— «Serão teus beijos os primeiros que voarão no pomar do meu seio!... serão teus dentes os primeiros que provarão a romã da minha bocca!... serão teus olhos os primeiros que illuminarão o mármore branco do meu colo!...»

E os beijos do Noivo queriam ter azas de aguia p'ra voar; os seus dentes queriam ser de diamante p'ra morder mais fundo a bocca da Noiva; os seus olhos queriam ser estrellas p'ra lhe doirarem a alvura do colo...

Mas, quando a Princeza-Luar se foi esconder no leito do noivado, assim lhe fallaram certas vozes misteriosas:

— «O' serras de neve, beijai-me!» —

Era a tella fina da sua camiza.

— «O' columnas de jaspe, confundi-vos na minha neve!» —

Era o lençol do seu leito.

— «O' cordas de oiro, desfiái vos!» —

Era a renda da sua almofada.

— «O' cadaver de Noiva, embrulha-te no meu lençol!»

Era a sua mortalha de defunta que appareceu na sala, como um espectro, a caminhar...

(Contos de Princezas e de Flores, quaes são aquelles que não findam assim, com lagrimas?..)

ADOLFO PORTELLA.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

JOÃO «O SEM MEDO»

João era um garoto vivo, esperto, perspicaz, e, caso raro na sua terra, não acreditava em phantasmas. Vivía com seu tio, sacristão da igreja da freguezia, que o sustentava em troca de alguns serviços que o João lhe prestava, como tocar os repiques nos baptisados, ajudar á missa, varrer a igreja, etc.

Lá na freguezia contavam-se scenas horripilantes de phantasmas, que, a meia noite, appareciam nas encruzilhadas dos caminhos, com boccas escancaradas e olhos chamejantes, que se transformavam em cabras e davam ais de arripiar os cabellos. O tio de João era muito supersticioso. Contava elle, que uma noite estando a tocar ao *Senhor fóra*, lhe appareceu um lobishomem na torre, agarrou o, fez-lhe bater com a cabeça no sino grande, e se elle se não benze tres vezes para o afugentar, era victima, decerto.

Desde então nunca mais voltou á torre de noite. Quando era preciso, mandava o sobrinho.

O João troçava constantemente o tio, por aquello medo infundado.

O sacristão não via com bons olhos as zombarias do sobrinho, e um dia, para se vingar, arranjou um boneco e collocou o encostado á porta da torre. A' meia noite mandou o João tocar nove badaladas no sino grande. João vendo o boneco á porta da torre e tomando-o por um homem, perguntou :

— O' tiosinho, vm.^{cê} quer alguma coisa ?

Ninguem respondeu.

— Não ouve ? insistiu.

Novo silencio.

— Ah ! não quer responder . . . pois não estou para me ralar.

Subiu, tocou o sino e voltou para casa, sem dizer nada.

O tio suppondo que elle não tivesse dado pelo boneco, collocou o agarrado ao badalo do sino e na noite seguinte mandou-o de novo á torre.

João tomou um cacete e foi ; vendo o boneco n'aquella posição, disse placidamente :

— Já que ahi está, faça favor, toque nove badaladas, sim ?

O boneco não se mecheu.

— Ah ! você é o mesmo de hontem, retorquiu o João, não quer fallar . . . pois eu já o ensino.

Atirou-lhe uma paulada, deitou-o por terra, tocou o sino e foi para casa.

O tio mordia-se de inveja, da temeridade do sobrinho.

Ao pé da igreja havia uns pardieiros, a que chamavam a *Casa das Bruxas*, onde ninguem queria habitar, porque, dizia-se, appareciam por lá lobishomens, bruxas e almas do outro mundo. Um dia, o tio disse ao João :

— Não és capaz de dormir uma noite n'aquella casa.

— Sou, sim senhor, não tenho medo, exclamou elle.

A' noite foi a uma esfolhada, recolheu a casa ás onze horas, e dispunha-se a cear, quando o tio lhe diz :

— Ora já que és tão valentão, has de dormir esta noite na *Casa das Bruxas*.

— Pois, sim senhor, e até lá vou cear.

Dito e feito. Pegou na ceia, um cobertor para se embrulhar, uma candeia e foi. Entrou, trancou a porta da rua, revistou a casa, certificou-se de que estava só, accendeu o lume para se aquecer, e começou a cear sentado na lajeira. Sôa a meia noite no relógio da torre, e ouve-se um grito penetrante.

João applica o ouvido, e de repente uma voz cavernosa grita de cima da chaminé :

— Ai, que eu caio.

— Mau, exclama o João muito atrapalhado. Querem ver que me cae em cima da ceia ?! . . . E mais alto : Espere, espere ! Não caia já ! — E retirando muito depressa a ceia :

— Póde cair agora, mas cautella que a fogueira é grande.

N'isto, seguro por uma corda, desceu um homem pela chaminé. João reconheceu o tio.

— Ah ! era vocemecê, disse tranquillamente, podia ter chamado á porta.

O tio ficou desapontado.

— O' João, pois tu não tiveste medo ? !

— Eu não senhor. Medo de quê ?

Era impossivel. Nada havia capaz de o assustar.

Uma tarde, andando o tio a cavar n'uma terra sua, apanhou uma andorinha. Metteu-a dentro de uma caixa, e como o sr. prior gostava muito de andorinhas, quando o João appareceu, mandou-lh'a ir entregar, recommendando-lhe que não abrisse a caixa ; mas não lhe disse o que ia dentro.

No caminho, João, movido pela curiosidade, abriu a caixa. A andorinha antevendo a liberdade voou rapidamente, e com as azas esbofeteou-lhe a cara. João deu um grito de espanto, e cahiu no chão, sem sentidos.

A' noite, o tio, ao voltar para casa, encontrou o sobrinho estendido no meio do caminho. Chamou-o uma, duas, tres vezes, mas ninguem respondeu.

João, o temerario, o valente, o heróe, tinha morrido de . . . medo.



Uma aventura castelhana

COM a mão no punho da espada e a capa rojando para traz, D. Manuel, um moço cavalleiro vindo a Madrid para vêr as festas que foram dadas por ocasião do baptisado do infante Balthazar, passeiava uma noite pelas ruas com todo o ar d'um gentilhommẽ que procura uma aventura de batalha ou d'amor, quando uma dama, de manto negro e velada, sahiu de uma casa n'uma fuga precipitada, correu a D. Manuel, e disse-lhe:

— Se é, como parece, um cavalleiro de nobre e leal raça, salvará uma senhora ameaçada de perder a honra e a vida! Meu marido esteve a ponto de me surprehender, quasi nua, em casa de um dos seus amigos de quem é muito ciumento sem razão. Tive apenas tempo para agarrar no manto e para descer a escada. Mas elle persegue-me! Detenha-o como pudér. Porque, se elle me agarra, estou deshonorada e morta!

D. Manuel respondeu:

— Fuja em paz, senhora.

E, enquanto a dama se afastava correndo, plantou-se diante da porta d'onde não tardou a precipitar-se um homem com os fatos em desalinho e de bastante mau humor, a julgar pelo arrebatamento dos seus gestos e pelas pragas que vociferava.

— Cavalleiro! disse D. Manuel depois de um cumprimento de uma lenta e perfeita cortezia; chegado ha poucos dias a Madrid não é extraordinario que eu me tenha perdido n'esta cidade, que é tão grande como bella. Dignar-se ha, espero, indicar-me a rua de S. Bernardino, onde tenho a alegria de ser esperado por uma pessoa que me quer bem, e que, esta tarde, na Florida, me prometeu abrir a sua janella logo que a sua aia tivesse adormecido?

— Deixe me passar! gritou o outro; bem vê que estou apressado.

— Eu não o estou menos que o senhor! pois que aquella que me espera tem os olhos mais lindos d'este mundo. Mas repugna-lhe talvez prestar-me auxilio n'uma aventura d'amor? Não tenho senão a louvar a delicadeza dos seus sentimentos, e eis-me disposto a ligar amizade com um

gentilhommẽ de uma virtude tão distincta. Não fallemos mais da rua de S. Bernardino! Ao menos, não se recusará a ensinar-me o caminho para alguma igreja recommendavel pelas reliquias que encerre. Passarei de bom grado em oração a noite que tinha tido o mau intento de consagrar a occupaões menos austeras.

— Vá p'r'ó diabo! e deixe-me passar!

— Pois que! não poderei fazer nem as minhas devoções nem o amor?

— Por S. Thiago, disse o marido desesperado, está a caçoar commigo!

— No seu lugar, disse D. Manuel, ha muito tempo que teria dado por isso.

Puxaram das espadas. Foi um bello duello com scintillações d'aço e relampagos na noite. Um duello muito demorado; os dois combatentes, da mesma força, tinham a mesma coragem. «Certamente, pensou D. Manuel, a dama velada já teve tempo de se por a salvo.» Quando acabava este pensamento, a lamina do adversario entrava-lhe no peito, sobre o coração, profundamente; e elle cahiu, com um grande grito.

— Deus tenha piedadẽ da sua alma! exclamou o vencedor prompto a seguir o seu caminho.

— Uma ultima palavra! disse D. Manuel, agonizando. A dama que persegue é nova e bonita?

— Que lhe importa?

— Importa-me muito! Teria muita pena de morrer por alguma triste velha, feia e horripilante.

— Saiba pois que D. Anna tem vinte annos e é a mulher mais bonita de Madrid.

— Ainda bem! disse D. Manuel exhalando o ultimo suspiro.

CATULLE MENDÉS.

TYPOS DO NORTE



MULHER D'AROUÇA



MULHER DE VILLAR D'ANDORINHO (Gaya)



VENDEDEIRA D'ALHOS (Porto)



LAVRADOR DA CARRIÇA

“Versos,, de Carlos de Pina Machado



ESTE livro que acaba de sahir e que revela no seu auctor um grande sentimento alliado a uma tal ou qual ingenuidade, que não é dos modernos tempos, em que a poesia é requintada e vestida de ouropéis vistosos, traz um leve perfume de simplicidade e despretenção que o torna querido e faz com que se leia com agrado.

A poesia, tal como hoje a comprehendem os poetas modernissimos, deixou de ser uma fórma de sentimento para ser apenas uma bizarra constellação de pedrarias, encastelladas umas nas outras e produzindo, n'um colorido fogo de artificio, uma attracção que distráe o olhar mas que não deixa no espirito um rastro que perpetue a emoção sentida.

O sr. Pina Machado, não quiz trilhar os primeiros passos n'esta escola e crêmos que fez bem; a sua poesia, sem grandes brocados que deslumbrem é, comtudo, de uma singela contextura e commove, por vezes, porque parte directamente de um coração que soffreu muito. Se isto não fosse o bastante para a recommendar bastaria a cartaprefacio com que o grande morto, que se chamou n'esta vida João de Deus, antecede estes *Versos*. D'ella destacamos este curto periodo em que se aquilata o valor da obra de que tratamos :

“... Até hoje não pude ainda lêr tudo com a attenção precisa; mas li bastante para lhe poder dizer em consciencia que de tudo gosto, reconhecendo até n'algumas ou antes em muitas poesias, prodigalidades de concepção e expressão poetica. E' bom tambem deixar o leitor tomar pé no mundo das realidades, ao menos de vez em quando.”

Isto que sahiu de uma penna auctorisada no assumpto, representa a maior consagração que se possa fazer ao auctor d'este livro. Pela nossa parte, gostámos; outros pôdem ter uma opinião contraria, porque a critica é livre e os pontos de vista não são os mesmos de individuo para individuo. Mas isso não obsta a que emittamos a nossa com o maior desassombro, sem temor das cathedaticas affirmações em contrario.

Ao acaso, arranca nos do livro estas bellas quintilhas, de um bucolismo tão encantador e casto :

SUB TEGMINE FAGI

A' sombra, recostada, de uma faia,
Sobre a areia tão fresca como o linho,
Qual um floco de espuma sobre a praia,
Vejo-lhe os olhos namorando um ninho,
Vejo lhe o rosto onde o rubor se espraia.

Toda de branco, branca como a neve,
A' beira da torrente que murmura,
Busco-lhe a aza setinosa e breve,
De pomba nivea original e pura
Que da jornada repousasse, leve.

Sob os salgueiros ondulando á brisa
Gorgeiam rouxinoes ;
Emquanto o rio como prata lisa,
Serenos como as almas dos heroes,
Junto a seus pés meiguissimo deslisa.

Ha no ambiente perfumes enervantes,
Transpirações da primavera em flôr ;
Sôam vagos os echos dos descantes,
E na maracha, arrulham, ao frescôr,
Duas rôlas de amor febricitantes.

E ella volvendo a face, docemente,
Onde fulgura o orvalho de uma prece,
Alguem lhe lembra... alguem que está ausente !
E a rosa do seu rosto empallidece
Emquanto o sol se esconde no póente...

Accentuam-se as manchas dos macissos,
As aguas côr de chumbo tem queixumes,
Tremulam movediços
Os altos choupos ; luzem vagalumes ;
Ha presagos ruidos de feitiços...

E sobre a areia accinzentada e baça,
Qual um floco de espuma,
Como visão crepuscular perpassa
Um vulto aereo e branco que se esfuma
Com vibrações magneticas de graça...

*

Calou se o rouxinol e as rôlas namoradas
Os ninhos vão fazer em tepidos retiros.
No escuro salgueiral, pousam notas veladas
Dolentes vibrações, lamentos e suspiros...



O IMPOSSIVEL

(A ALGUEM)

I

Dorme, dorme, anjo do ceo ;
 Revive em sonhos dourados,
 Não vejas os meus cuidados,
 Não saibas as minhas dores !
 Dorme, dorme, e, n'esses sonhos,
 Vae tua alma ao ceo levando,
 Emquanto eu velo chorando,
 Emquanto eu morro d'amores !

II

Oh ! geme guitarra, geme,
 Que cada nota sentida,
 São prantos d'alma dorida,
 São prantos de quem adora.
 Levae, ó brisas, bem longe,
 Ais d'um triste trovador,
 Ninguem saiba a minha dor,
 Oh ! geme guitarra, chora !

III

Oh ! geme, que o teu gemido
 Parece que a dor acalma :
 Suspiros são filhos d'alma,
 Quanto geme quem adora . . .
 Quem tem peito tem gemidos,
 A onda geme nos mares,
 Geme o vento lá nos ares
 E a flor chora á luz d'aurora.

IV

Foi n'um dia, era de festa ;
 (No templo se ouviam cantos)
 Que a manhã dos teus encantos
 Me veiu amor despertar.
 Tentei ainda occultal o,
 Mas olhei . . . tambem olhaste . . .
 Córei eu, e tu córaste . . .
 Quanto disse o nosso olhar ! . . .

X

O estio tem a brisa,
 O inverno tem o sol,
 O occaso tem arrebol
 E o campo tem muita flor ;
 A noite tem o luar,
 O mar tem muita bonança ;
 Mas eu não tenho uma esp'rança,
 Eu só tenno a minha dôr !

XI

P'ra que veiu a tua imagem
 Acalentar os meus sonhos,
 Guiar-me em plainos risonhos,
 Sorrindo a cada momento ?
 Se veiu logo o impossivel
 Esmagar tanta ventura,
 Lançar n'alma a noite escura,
 Tornar-me a vida um tormento ! . . .

V

Senti n'alma chamma infinda,
 Amor santo, amor sem fim ;
 Amar tanto, amar assim,
 Não é amor é loucura !
 Depois, embalado em sonhos,
 De mil speranças, mil anhelos,
 Nas nuvens de teus cabellos,
 Subi aos ceus da ventura !

VI

Mas veiu logo o impossivel,
 Vieram noites passadas,
 Em vigalias tresloucadas,
 Cançado já, sem alento,
 Sempre o impossivel, sempre,
 Sempre a nuvem do desgosto
 E sempre a vêr o teu rosto
 Seguir-me a cada momento.

VII

Oh ! nunca tu saibas quantos
 Suspiros lancei ao vento,
 Quanto ai, quanto lamento
 Me ouviu a noite tambem !
 E que vezes, horas mortas,
 Eu contei, chorando, ás aguas,
 Segredos das minhas magoas
 Que eu nunca disse a ninguem !

XII

Mas de que valem queixumes,
 De que me servem lamentos,
 Se a noite dos meus tormentos
 Parece nunca ter fim ?
 Que vale amar e não ter
 Um raio sequer d'esp'rança ?
 Oh ! cessa, pranto, descança,
 Não saiba ella que aqui vim.

XIII

Dorme, dorme, anjo do ceo,
 Revive em sonhos dourados,
 Não vejas os meus cuidados,
 Não saibas as minhas dores !
 Dorme, dorme, e, n'esses sonhos,
 Vae tua alma ao ceo levando,
 Emquanto eu velo chorando,
 Emquanto eu morro d'amores !

VIII

Sabes o que são mil noites
 Mal dormidas, a espreitar
 O nosso astro polar,
 N'um ceo esplendido e bello ?
 E quando amor nos sorri,
 Desapar'cer essa estrella,
 E não mais tornar a vel-a ? . . .
 Não queiras nunca sabel o.

IX

Que noites passei velando,
 Olhos fitos na janella,
 Onde de dia tão bella
 Te vejo, alegre, assomar !
 E horas, horas esquecidas,
 Me par'cia ver ainda
 A tua imagem tão linda ! . . .
 Mas de que vale chorar ?

CURIOSIDADES



UM AMERICANO CURIOSO. — E' sabido o esforço que os animaes de tiro teem de empregar para poderem suster na descida de rampas de forte inclinação, o carro a que estão atrelados. Nos Estados Unidos já se obviou a este inconveniente, aproveitando para as descidas o impulso do proprio carro e poupando assim o gado. Effectivamente, se o carro pôde muito bem descer por si só, pela acção da gravidade, para que fatigar os animaes? A nossa gravura apresenta o modelo do systema que está sendo usado n'uma linha americana de Denver, no Colorado. Nada mais simples como se vê: apenas uma plataforma, de paredes gradeadas, muito leve, e que rola sobre pequenas rodas de 30 centímetros de diametro pelos mesmos rails. No alto de cada rampa o carro pára, e engata-se-lhe uma d'essas plataformas, onde a parelha toma lugar. Depois tudo aquillo desliza por alli abaixo, suavemente, sem perigo para ninguem, e sem fadiga para o gado.

EXPERIENCIA ELECTRICA. — Aqueçam-se ao lume duas folhas de papel branco, de iguaes dimensões; colquem-se, depois de justa-postas, em cima de uma superficie qualquer, como uma mesa, um livro, etc.; friccione-se depois bruscamente a folha superior com um bocado de caoutchouc. As duas folhas adquirirão uma tal força electrica, que será impossivel separal-as sem recorrer a meios extremos, — e, o que é ainda mais curioso, se as rasgarmos ás escuras produzirão faiscas perfeitamente visiveis.

E' uma experiencia bem simples e bem interessante.

COISAS UTEIS

SOUFFLÉ MAIZENA COM BAUNILHA

N'um litro de leite, em que se tem feito ferver meio pau de baunilha, e que se deixa esfriar, desfazem-se 125 grammas de maizena, 100 grammas de assucar branco e 50 grammas de manteiga fresca. Faz-se ferver tudo mechendo com uma colher de pau durante tres minutos. Tira-se em seguida do lume, deixa-se esfriar, e junta-se-lhe, uma a uma, quatro gemmas d'ovos, incorporando-as o melhor possivel, no leite.

Deita-se então uma pitada de sal nas claras dos quatro ovos, fazem-se levantar o mais que se possa, batendo as bem, com um garfo, e juntam-se ao crême, tendo o cuidado de não deixar abaixar as claras.

Unta-se com um pouco de manteiga fresca uma tarteira ou um prato bem covado, deita-se-lhe dentro o soufflé e mette-se n'um forno um pouco esperto.

Vinte e cinco minutos de forno bastam. Serve-se o crême logo que elle tenha levantado bastante.

CRÊME DE CAFÉ

Faz-se ferver 1 litro de bom leite e junta-se-lhe uma

chavena de café liquido, bem forte, e 200 grammas de assucar fino. Batem-se bem cinco a seis gemmas de ovos e uma ou duas claras; misturam-se com o leite fervido, que deve estar bem quente e passa-se tudo pelo peneiro fino. Enchem-se com esta mistura copos pequenos, ou canequinhas proprias para este fim, e collocam-se bem n'uma caçarolla contendo agua bem quente, que se deixa ganhar fervura sobre o fogão, depois do que se mette tudo no forno aonde deve estar pouco mais ou menos 20 minutos, até que o crême prenda, tendo o cuidado em que a agua, com a fervura, não entre dentro dos copos, para o que se deve ter a precaução de não deitar mais agua que até á altura de dois terços dos copos.

TORTA FRANGIPANE

Pede-nos uma assignante a receita da *torta á Frangipane*, que figura nos menús do nosso n.º 8 Eil-a:

Dilue-se em crême ou em leite uma pequena porção de farinha de batata; junta-se-lhe algumas gemmas de ovos, e a essencia que se quizer, e põe-se a cozer a um fogo muito brando ou em banho-maria, mechendo sempre. Esta é a receita do *Frangipane*: com este preparado fazem-se depois tortas, ou pasteis, etc.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

SANTO ANTONIO

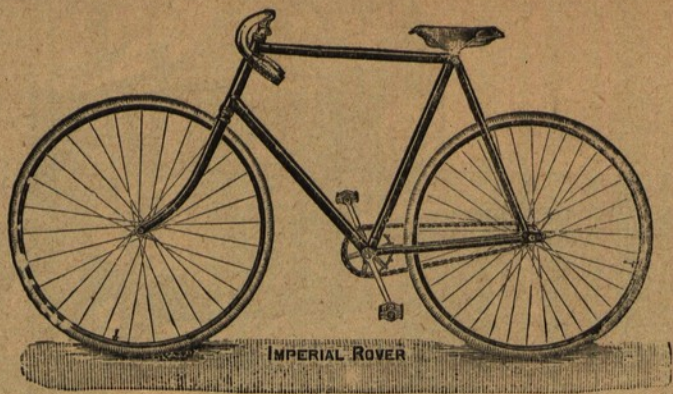
NOTAVEL DISCURSO DE

ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

IMPERIAL ROVER

Pecam catalogos illustra-
dos das "Rovers"



Fortaleza, elegancia,
ligeiriza

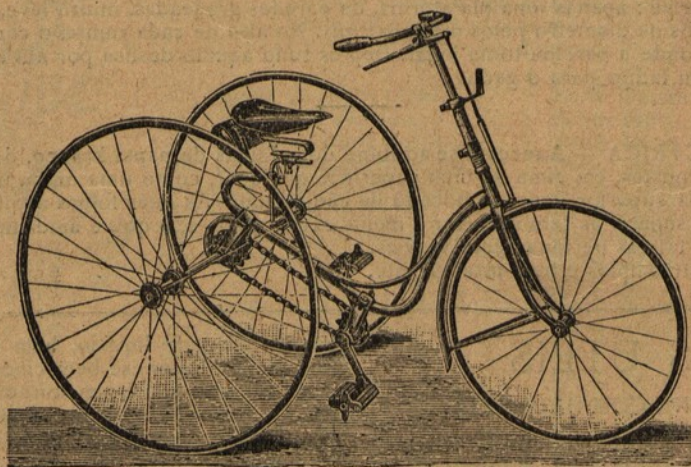
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são ni-
ckelados em parte, e têm
travão e rodas com caute-
chut.



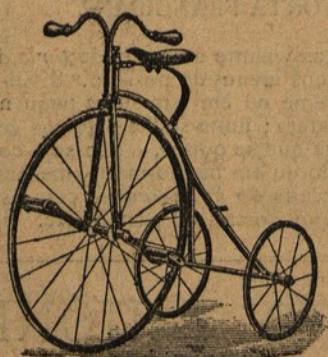
Ha tricycles para adul-
tos bem assim para se-
nhoras, em grande sorti-
mento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restanradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Pecam catalogos a esta casa



Velocipedes
para rapazes de 4
a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

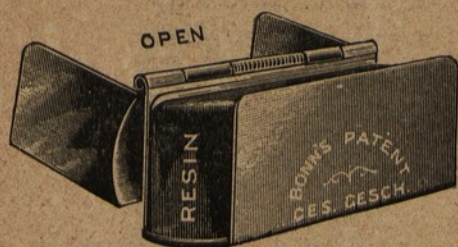
BRANCO E NEGRO



SONHO D'AMOR

PREÇO 40 RÉIS

N.º 12



RESINA BONN

Para arcos de Rebeca e Violoncello

— ULTIMA NOVIDADE —

O MELHOR QUE HA N'ESTE GENERO

DURAÇÃO, ACEIO E COMMODIDADE

Preço de cada caixa completa — 240 réis

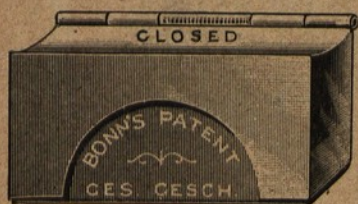
UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

Onde se encontram á venda todos os artigos referentes á

— ARTE MUSICAL —



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 12

LISBOA, 21 DE JUNHO DE 1896

1.º ANNO



A VIUVA, esculptura de Teixeira Lopes, enviada á exposição de Berlim

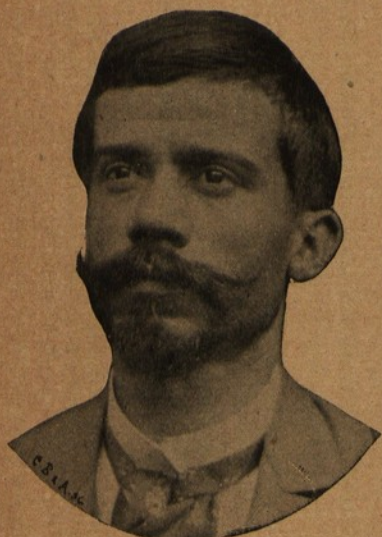
Pintores Portuguezes que enviaram quadros à Exposição de Berlim



Columbano



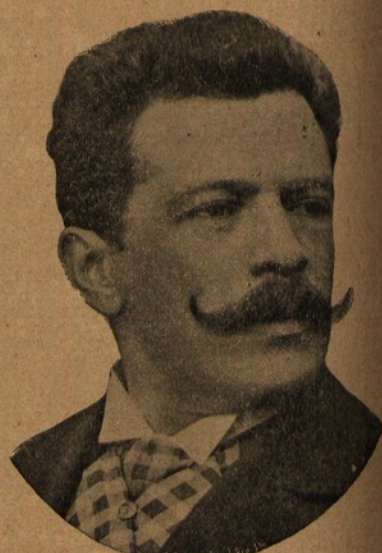
José Malhõa



Luciano Freire



José de Brito



Julio Costa



Velloso Salgado



Antonio Ramalho

TEIXEIRA LOPES

E' já um artista consagrado pelos grandes mestres lá de fóra. A sua escultura *A Viuva*, que damos na primeira pagina do nosso jornal, foi considerada, ao tempo do seu apparecimento no *Salon* de Paris em 1891, uma das suas obras primas. Agora, no certamen de Berlim, onde as obras dos artistas portuguezes eram absolutamente desconhecidas, tem ella causado um certo assombro e levantado na critica berlinense grandes enthusiasmos.

Este artista é d'aquelles que levantam o nosso nome no estrangeiro, ao mesmo tempo que é uma gloria nacional de que nos podemos orgulhar com razão.

COLUMBANO

Columbano é já um pintor extraordinario, um dos raros que comprehendem a grandiosidade da arte. O que elle pinta é profundo, vivo, sentido e individual. Ha na sua alma alguma coisa acima do vulgar, um ideal soberbo, um orgulho de raça e de caracter que fazem d'elle um dos mais notaveis pintores peninsulares. A sua maneira de desenhar é por manchas largas, nenhuma dureza nos contornos, e um vigor surpreendente. Columbano faz a sua arte com uncção, religiosamente, como o sacerdote erguendo a patena que cobre o calix sagrado. E' altivo e independente; passa affectuoso por entre os applausos dos que o comprehendem, e indifferente por entre a chusma dos ignorantes e invejosos.

Porque não? Que lhe importa a critica malevola, ou a apreciação dos estupidos, a elle, alma nobre e concentrada, que reflexiona, cerebro pujante que indaga e cogita?

E' notavel nos retratos de Columbano o cunho de personalidade que elle imprime á physionomia e figura do modelo, que está ali todo vivo; em alguns d'esses retratos, os mais descuidosamente tratados, a personalidade exagera se, frisando ao de leve pela caricatura. Este defeito revela a exuberancia de uma força que o artista por vezes se esquece de conter. São de uma notavel superioridade os retratos de sua irmã D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, de Marianno Pina, de Bulhão Pato; recordo-me tambem, entre outros, dos de Luiz Guimarães, Gustavo Bordallo Pinheiro, Lopes de Mendonça. Feitos primorosamente a pincel, os retratos de Ramalho Ortigão e de sua filha D. Bertha, de Eça de Queiroz e de um filho de Bernardo Pindella.

MALHOA

Trabalhando sempre, incansavel, febril e irrequieto, tem-se occupado de tudo. Na pintura decorativa, além de outros trabalhos, tem o magnifico tecto da casa de jantar do conde de Burnay e os aposentos do infante D. Afonso. Na pintura historica ha o seu grande quadro — *O ultimo interrogatorio do marquez de Pombal* — e o esboceto apresentado no concurso que a camara municipal de Lisboa abriu em 1887 para um quadro representando — *A partida de Vasco da Gama para a India* —, esboceto que recebeu a primeira classificacão entre os concorrentes, sendo n'essa occasião Malhõa agraciado com o habito de Christo. São de Malhõa os retratos de El Rei D. Carlos que estão nas salas do Tribunal do commercio e do Tribunal de contas. Um delicioso retrato do principe Real, o esplendido retrato da filha de Henrique Sauvinet, que póde considerar-se a obra prima de Malhõa, n'este genero, os bellos retratos de D. Luiza de Almedina e do menino Isaac Abecassis, distinguem-se entre os muitos que têm sido encarregados ao seu pincel.

SALGADO

José Velloso Salgado é um artista *hors ligne*, um pintor que promette dar brilho ao nome portuguez: o seu talento vae muito para alem dos talentos vulgares, e as largas aspirações do seu espirito superior hão de ser plenamente satisfeitas.

A fortuna sorri lhe. Durante o curso não lhe faltaram recompensas a incital-o ao trabalho; na escola de bellas artes de Paris obteve mesmo um dos primeiros premios pecuniarios. O *Salon* concedeu lhe já a 3.ª e 2.ª medalhas, e a honra de o considerar *hors concours* como artista consagrado. Na ultima exposicão universal de Anvers, obteve uma 2.ª medalha, outra em Munich; o *Gremio artistico de Lisboa* premiou o seu esplendido retrato de Braamcamp Freire com a 1.ª medalha em 1894 e o nosso governo, tão avaro geralmente de attentões para com os artistas, decorou-o com o habito de S. Thiago.

Charles Yriarte, fazendo no *Figaro-Salon* a critica dos trabalhos exostos o anno passado em Paris, colloca Salgado no grupo dos primeiros retratistas francezes da actualidade.

E' effectivamente ao retrato que mais se tem dedicado ultimamente; leva-o a essa preferencia o desejo de estudar fundamente a personalidade humana, para assim melhor comprehender as grandes figuras historicas a cujo caracter as linhas physionomicas podem dar o verdadeiro relevo.

RIBEIRO ARTHUR.



O ACTOR JOÃO ROSA, quadro de Columbano, enviado á Exposição de Berlim

BEIRA MAR



TRAZ-ME o vento esta noite angustias lancinantes; gritos, allucinações. Ouço gemer as aguas em cachão, cortam a tréva os soluços dos naufragos. Porque nos manda Deus as temerosas tempestades? Aqui sósinho, sob o farol que allumia os horrores com o seu olho glacial tremo de medo e de pavor. Correm fantasmas pela crista das ondas, correm agitando os mantos côr de espuma. Ha banquete nas algas. Sinto o frio da morte passar aqui por cima, cortante como uma espada de gelo. Ainda ha pouco um grito de mulher brilhou no escuro, como um relapago...

Cantam os abysmos a ronda da agonia, escancarando as fauces; riem as caveiras dos rochedos.

Oh! Os risos esta noite têm scintillações extranhas, rálos de asphyxia. Eu nunca vi um riso de enforcado mas deve ser assim. Na phosphorescencia das cavernas dansam as sombras e um sino esvoaça pelo ar os seus lamentos, vindos não sei d'onde, chorados não sei por quem.

Esta voz! esta voz! é o bronze que corre, que vôa, que retumba com uma cadencia sinistra, acompanhando mortos. Se eu pudesse estrangulal-a! Não sei o que me diz que é esta mesma voz a que ha-de

cantar a minha missa de *requiem*, seguir-me até ao frio do ultimo descanso.

E tenho mêdo! tenho mêdo como uma creança a quem contaram historias de lobishomens. Não poder eu falar a alguém, ouvir a voz d'alguem que me livrasse d'este peso que me calca o peito, n'uma raiva feroz. Serão assim os remorsos? serão assim as allucinações?

Quero lembrar-me de uma vida melhor que eu já passei, n'um recanto do mundo onde havia sol e flores, n'um casto perfume de noivado, sob a umbella dos sonhos. Mas o vento soluça e blocos de drama cáem das suas azas, escorrendo sangue. A noite é cada vez mais funda e só agua, agua só, verde de abysmo.

Quero dormir, mas o somno anda por longe voando sobre leitos tranquillos. Aqui só ha a vigilia tenebrosa, fria como uma esphinge, arripiada de tremores. Não quero pensar e vejo, não quero vêr e penso. Não ha nada em que repouse, um seio de mulher ou o regaço de minha mãe. Oh! este inferno de não ter ninguem é bem peor, que aquelles com que nos mettem medo.

*

* * *

O Diabo anda esta noite na folia. Vejo-lhe o pêllo crestado e emmaranhado, a pêra adunca, os olhos côr de brasa. E' Elle que espalha estes horrores, estes delirios; Elle que levanta os rochedos do fundo e despedaça os barcos; Elle que remexe as correntes e eriça as aguas; Elle que toca o carrilhão dos infortunios, que cobre o chôro com a gargalhada, que estrangula os Bons e faz medrar os Maus.

Tenho a certeza que Elle sepultou esse barco de pescadores que sahiu esta tarde. Iam todos alegres e cantando, enterrando os remos n'agua, com uma galhardia de moços aventureiros, deixando no ar a chispa do seu riso como uma poeira luminosa. Nos seus rostos côr de bronze transluzia uma esperanza; e pela praia, as mulheres corriam, acenando ainda, acenando sempre, ao barco que se perdia n'uma linha cinzenta debaixo do lilaz do céu.

O mar tem seus segredos. A sua caricia é traiçoeira como a mão de um bandido; mas quando franze a testa as rugas são tão fundas que submergem n'um relance quem lhe aflora a epiderme.

Tenho a certeza que Elle sepultou o barco dos pescadores... Não tarda ahi a procissão dos gemidos, á luz amarella dos desesperos. Quem pudesse fugir-lhe!



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

ESPERTEZA D'UMA VELHA

(Segundo a tradição popular em Setúbal)

ERA uma vez uma velha que vivia com o seu nêtito, n'uma pequena aldeia da serra.

Uma noite acendeu o lume para fazer a ceia e disse ao pequeno que fosse buscar uma alcofinha d'ovos, que ella tinha guardado debaixo da cama. O rapaz foi, mas vendo uns olhos a luzir debaixo da cama, começou a gritar cheio de terror: — «O' minha avó, venha cá vêr! Estão aqui uns olhos que metem medo, venha cá, venha cá!» — A velha pegou na candeia e foi vêr. Realmente encontrou lá um homem, com cara de ladrão, mas não se deu por achada. Fingiu que não tinha medo nenhum, dizendo com muito bom modo: — «Eh! não te afflijas, rapaz; é um pobresinho que se recolheu em nossa casa. Venha cá, irmãosinho, deve estar com muito frio. Venha aquecer-se ao meu lume e comeremos todos uns ovinhos que vou fazer para a ceia.»

O homem sahio de lá, agradecendo e dizendo que estava allí por causa do frio. Que passára, vira a porta aberta, por isso entrára, mas que não queria fazer mal a ninguem.

A velha dava-lhe toda a razão, desfazendo-se em cumprimentos, apesar de lhe vêr uma grande faca debaixo do casaco. Foi com elle para a cozinha, sentaram-se ao lume e cearam todos tres. No fim da ceia disse a velha: «Agora, meu irmãosinho, vou entrete-lo um pouco, enquanto nos não dá o somno, contando-lhe algumas historias, que eu sei. Bem vê, como sou já muito velhinha, tenho visto muita cousa. Olhe, meu pae era muito bom homem, mas falto de paciencia para a doença, como não havia outro. Tudo soffria com muita resignação menos uma qualquer doença, por pequena que fosse! Então custava-nos muito a aturar, coitado! Um dia appareceu-lhe um tumor que muito o fazia soffrer e gritar constantemente. Já não o podiamos ouvir e fomos com elle á cidade consultar um medico. O tumor não estava ainda bom para ser lancetado, mandou-nos lá voltar d'ahi a dois dias. Passados os dois dias voltámos á cidade, e todo o caminho fomos a pedir ao meu pae, que tivesse paciencia, que não gritasse, porque era uma vergonha. Primeiro estava muito bem; mas, mal o medico pega na lanceta e lhe levanta a pelle, começou n'uma gritaria espantosa! Aqui d'El-Rei! Aqui d'El-Rei!» — E a velha gritava com quanta força tinha. O homem, muito afflicto, dizia-lhe: — «Senhora, não grite tanto, que podem ouvir os vizinhos.»

— «Eu! não ha duvida, meu irmãosinho. Eu já tenho contado esta historia a mais hospedes, que aqui têm pousado. A vizinhança já sabe o que é. Voltando a meu pae; — lá o accomodámos conforme podémos, para o medico espetar a lanceta. Se elle não fosse tão desinsoffrido, era só uma dôr, assim ainda foi peor; mal o medico espetou a lanceta, o senhor não imagina o que allí foi! Era uma gritaria que não se podia aturar: — Aqui d'El-Rei! Aqui d'El-Rei, que me matam! Acudam-me!» — E a velha gritava com toda a força dos seus pulmões.

O homem afflicto: — «Não grite assim, tiasinha, olhe que podem ouvir!»

— «Isso sim! descance, que nao ha perigo.—O meu pae, coitado, gritou muito; mas o peor foi ainda quando lhe espremeram o tumor. Já se vê, que não podia ficar assim. Então é que foi o bom e o bonito!» — E a velha poz-se a berrar com toda a força: — «Acudam-me! Aqui d'El-Rei que me matam! Aqui d'El-Rei!...»

Ainda não tinha acabado, já a vizinhança lhe batia á porta. Ella, muito descansada, foi abrir. — «Que é isto, em que afflicção se vê?»

— «Não é nada! Era eu que estava a contar aqui uma historia a este irmãosinho.» — E muito baixo foi dizendo: — «Agarrem aquelle homem, que é um ladrão, estava escondido debaixo da minha cama.»

Deitaram-lhe a mão, e como foi de surpresa, não se pôde defender.

Foi levado para a cadeia pelo povo todo e guardado á vista, até o entregarem na cidade.

E aqui está como a velha se livrou da morte, a si e ao neto, graças á sua coragem, sangue frio e esperteza.

Uma Surpreza...

(A M. P.)

Bons dias ! Bons dias !...

Elles não esperavam : era domingo e fazia um calor de crear maleitas...

Vieramos na mala-posta, em cima, na imperial, á torreira do sol toda a santa manhã : eu não prevenira na vespera o homem da carreira — o José Ouriço — porque jamais me passára pela ideia que havia de pôr pé na rua com um calor d'aquelles !...

— Oh ! Isso sim !... Com este tempo !...

Depois, a estrada é toda em zig-zagues pela serra... — um horror !... — e a minha casa fica alcandorada, além n'aquelle monte, onde as nuvens parece poisarem quasi... — não muito longe, como veem, mas mau caminho, muito mau...

Levantei-me cedo : minha mulher andava já no jardim, colhendo flôres, fazendo ramos... Uma manhã tão linda !...

— E se nós fossemos passar o dia ás Settas !... aventei. Valeu ?... Queres ?...

Ella sorriu-me meigamente...

— Que ideia !... A estas horas... e com o calor que lá vem !... Olha como o céo está azul — até as folhas dos alamos parecem dormir...

E na verdade assim era ! As andorinhas riscavam, a traços negros, o ar, rastejando as suas azas quasi pela terra, os bicos em V, muito abertos, entontecidas pela calma... Em baixo, o rio, como uma fita d'aluminium, brilhava ao sol, muito quieto, sem um unico barco !... — oh ! quem seria o tolo que iria para lá, com um calor d'aquelles !...

Só de quando a quando uma ou outra fataça vinha acordar aquella tranquillidade de lago, emergindo da superficie do rio, n'um salto, e mostrando, ao sol, o iris das suas escamas... — para logo tornar a desaparecer, nas mesmas aguas d'onde viera... Mais nada. Melancolicamente os salgueiros, na margem de lá, curvavam os seus ramos, n'uma atrophia de órgãos sem seiva, n'uma subserviencia de cortezãos á passagem do seu Rei...

E por aqui, por além, um ou outro rapazito estendido á sombra, á caça dos taralhões, talvez, uma mulher lavando na ribeira, lá ao fundo do valle, e, mais para o norte, n'um retiro, sob uma latada, homens em mangas de camiza jogando o jogo da bola...

Tudo isto eu via, cá de cima, do muro do meu quintal : serviam-me de parasol as glycinias, dois annos antes plantadas por mim, dois annos completos por mim olhadas, dia a dia, com todos os cuidados... — não fossem secar...

— Oh ! Estava se alli tão bem... Mas uma tenacidade n'aquella ideia que, ao levantar da cama, viera assaltar-me o espirito, dominava-me...

— Vamos, Maria ?...

Ella olhou-me, novamente, com um sorriso angelical nos labios côr de morango... Se era a sério, se eu tinha vontade d'ir passar o dia fóra... Lá por ella... O que temia é que o calor me fizesse mal — e accrescentava :

— Para mais, quem sabe se o carro virá cheio... Eu bem te dizia que não mandasses a charrette a pintar, agora... Está sempre a ser precisa...

— Não ha mal... Basta que traga um logar, dentro... Eu irei fóra... — mesmo gosto mais, bem sabes...

— Isso não ! Isso não !... Então não iria... N'isto ouviu-se, ao longe, na curva da estrada que circumda o monte um toque de corneta, muito prolongado, que foi perder-se no valle... — vinha já a entrar a aldeia o carro do José Ouriço...

— Vamos, vamos... Vae pôr um chapéu... Se queres ir não ha tempo a perder... Depressinha, depressinha...

E minutos depois, sentados na imperial, tendo por companheiros unicamente o José Ouriço, os dois, ao abrigo d'uma enorme umbella vermelha que, dias antes, eu comprára na feira dos vinte, riamos da surpresa que iríamos fazer ao tabellião, á mulher... — uma boa senhora, aquella Dôres !...

— Não nos esperam, com certeza...

— Melhor ! Melhor ! dizia eu antevendo já a cara do tabellião, quando me visse assim : de grande chapéu d'abas largas atirado para a nuca, na botoeira do meu casaco de flanela azul meia duzia de cravos vermelhos...

— Ih ! Santo Deus ! E' quasi um jardim... E compôria os oculos no grande nariz aquilino, passando cariciosamente as mãos pelas suissas... — estava a vel-o ! E depois a creada — a Carolina — toda dengosa, saracoteando-se muito, rindo, toda affavel, quando eu lhe chamasse *mademoiselle* !... Como lhe soava bem, ao ouvido, aquelle nome !... Ella não sabia — quem o duvida ?... — a significação de tal palavra... — mas ria, ria muito, e gostava... Uma santa alma, aquella rapariga !...

— Olha lá, José Ouriço... De quem vem a ser aquillo, acolá ?...

Elle passou o chicote á mão esquerda e levou a direita ao chapéu, voltando-se...

— A' vontade... Deixa lá estar o chapéu...

— E' a herdade do Tiberio... Lá está o açude... Foi alli que ha annos...

— Ah ! Bem sei... Mas pára lá, homem, que nós sahimos ahi já, á volta da estrada...

— Tó !...

A guizalhada deixou d'ouvir-se : e por entre uma nuvem de poeira saltámos em terra...

— A' volta, não te esqueças de nos chamar... Ouviste ?

— Ora essa !...

E o carro poz-se novamente a caminho, e novamente a corneta se fez ouvir... Elle irá, n'um relampago, passar o povoado — leva já um atrazo de duas horas e ainda tem seis leguas, bem puxadas, a percorrer...

Tomámos o atalho que da estrada leva acima, ao outeiro... E n'um minuto estavamos em casa do tabellião :

— Bons dias ! Bons dias !...

— Ah ! Quem tal diria !...

Era de prever... A Carolina veio logo pôr mais dois talheres na meza, porque elles estavam já no fim do almoço, quando chegámos...

O diabo da rapariga é viva como azogue !... — olha-me gentilmente, desafiando-me á troça...

— Vá, *mademoiselle*, depressa um copo, porque trago muita sede !... E' do verde, ó tabellião ?

— Legitimo... Lá das bandas de Meção-Frio.

— Oh ! Devé então ser magnifico...

Almoçámos. E depois do chá, enquanto Maria ficára palestrando com a mulher do tabellião, nós levantámos da meza... Elle tinha coisas a dizer-me — e levou-me para o seu escriptorio... Um encanto, aquelle sitio, alli ! As janellas deitando por sobre a encosta do monte, completamente desafogadas, um horizonte largo, vastissimo, ante nossos olhos...

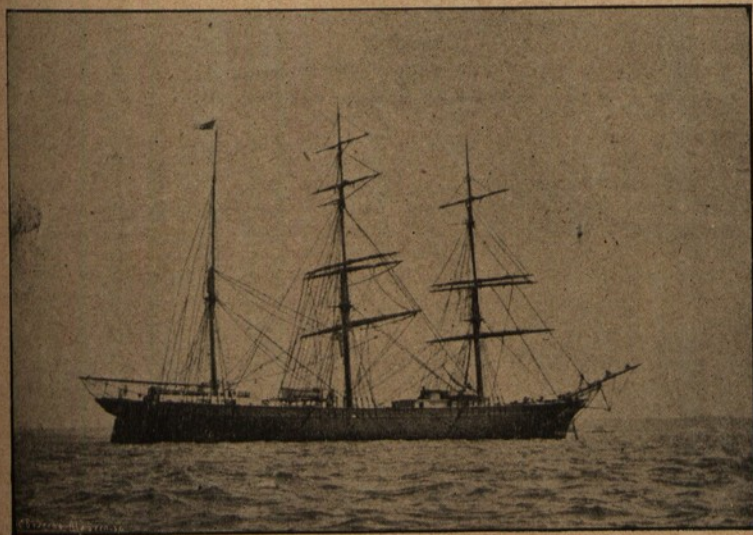
Repoltriei-me n'uma cadeira de verga, e accendendo um charuto, perna cruzada :
 — Dize lá !
 Mas não poude ser. Ellas tinham vindo ao nosso encontro... Não consentiam, a um domingo, que estivesse mos a tratar de negocios...
 — Isso póde lá ser, diziam...
 — Perdão ! Não são negocios, atalhava o tabellião !.. São simples confidencias...
 — Peior ! Peior !...
 — Nada ! Isso não se admitte...
 E riam e sentavam-se em cadeiras, a nosso lado... Que remedio senão resignarmo-nos !... — oh ! ha maneiras tão boas de converter impenitentes...
 Houve um pequeno silencio, á roda... Foi a mulher do tabellião que o quebrou :
 — Ainda te lembras de miss Jota, Micas ?...
 — Se lembro... Coitadita !... Deve estar muito velha...
 — E da D. Anna Barbas, accrescentei eu !... Todos se recordavam... — Muito bem ! Muito bem !...
 Era uma mulhersinha muito gorda, quasi hydropica, baixa, pescoço curto, de espaduas largas e ancas muito roliças, que tinha sempre, afluando-lhe aos cantos da bocca, um risinho nescio, muito alvar — e uns cabellos que não eram d'ella, diziam...
 — Isso lá !...
 — O mal era d'ella !...
 — Ora adeus... E cada qual ria para seu lado...
 — De que se havia de lembrar...
 — Que ideia !...
 — Bom tempo esse... disse com amarga saudade o tabellião, passando a mão pelo cabello, em grenha...
 — *Tempus fugit*...
 Eram retalhos da nossa vida de namorados que iam passando, em visões côr de rosa, pelo diorama da nossa memoria...
 — E' sempre grato recordar estas coisas...
 — Oh ! O passado é como uma flôr murcha, atalhava do lado, suspirando, a mulher do tabellião...
 N'esse momento o reposteiro da porta do fundo levantou-se e a Carolina, saltitando, muito jovial, veiu chamar-nos para o jantar... estava na meza !

Quando o José Ouriço passou, na volta, era noite feita ! O luar estendia-se, como um manto de nevoa, por sobre a ramaria das arvores — e aqui e além, pela estrada adiante, os pyrilampos destacavam, na meia claridade da noite, a sua phosphorescencia pallida.
 — Então quando vão até lá ?...
 — Qualquer dia !... Qualquer dia !...
 — Queremos vêr isso.
 O tabellião e a mulher tinham vindo acompanhar-nos até abaixo: á beira da estrada... — Estava uma noite linda !
 — Parece mesmo agosto...
 — Em querendo, José Ouriço...
 — Schut ! E os cavallos, sentindo o estalido do chicote, deitaram a trote largo...
 — Adeus, adeus...
 — Não te esqueças d'ir lá...
 E já na volta da estrada, — ia-me passando... — debruçado da portinhola do carro, eu gritava ainda :
 — Oh ! tabellião ! Não te esqueças de me recommendar ao Bertoldo.
 Elle não ouvira, de certo. . Os pinheiros ramalhavam dolentemente os seus ramos, acariciados pela brisa do norte, e estrada fóra, em ranchos, as raparigas, de volta ao povoado, iam cantando... — os braços estendidos para o alto, os dedos feitos castanholas :

O meu amor é soldado
 Na guerra se vae bater...
 Cantae, dançae, raparigas,
 Ninguem falta ao seu dever...

ANTONIO SARMENTO.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA



NAVIO-ESCOLA PEDRO NUNES

DAMOS hoje a photogravura do segundo navio que o governo portuguez adquiriu no estrangeiro — o *Pedro Nunes*. Este barco é elegantissimo ; o seu apparatus é excellente. E' todo de ferro e teca, construido em 1868 nos estaleiros de Walter Hood & C.^a, Aberdeen, para a firma George Thompson & C.^a, do systema composito, de 947 toneladas de registo, 210 pés de comprimento, 36 de bocca e 21 de pontal.

Custou 1:800 libras esterlinas e foi adquirido na praça de Leith, Cherbúrg, d'onde sahiu para Lisboa, gastando 12 dias na viagem e deitando 12 milhas por hora.

Destina-se a navio-escola dos aspirantes de marinha.

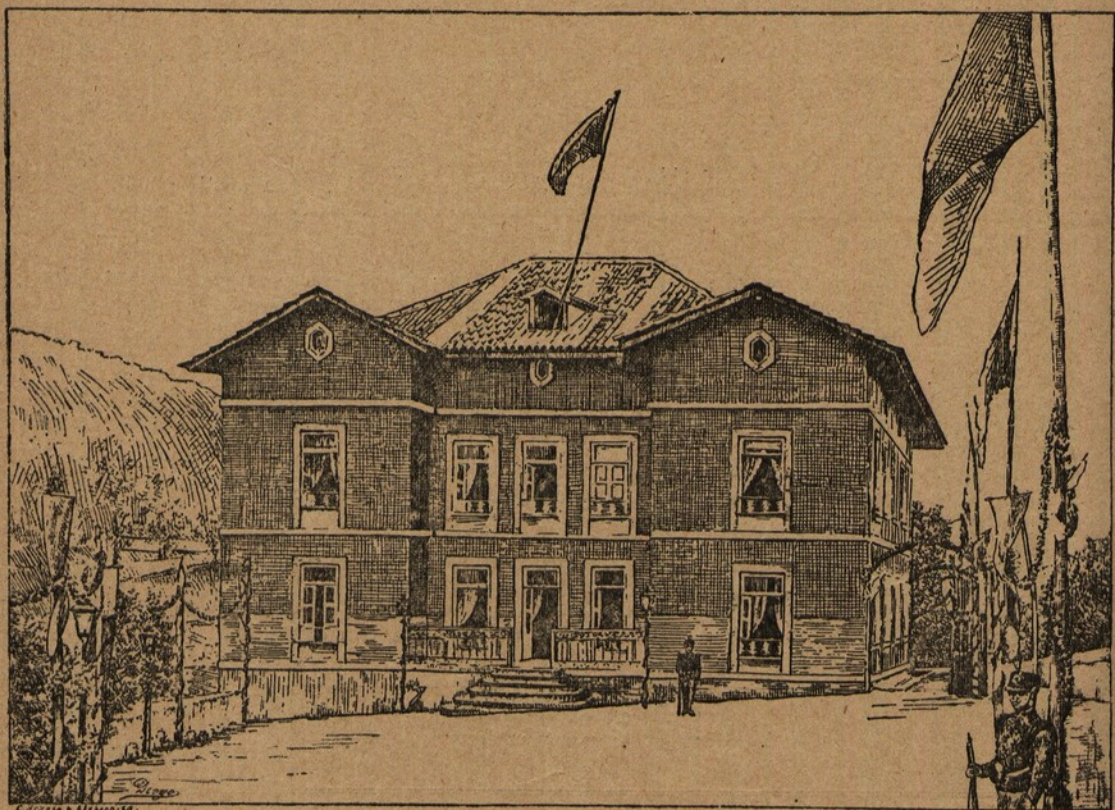
S. PEDRO DO SUL

A Beira Alta!... Os senhores imaginam bem — aquelles que se limitam a viver a vida smorzante do sul, com as suas paysagens monotonas, uniformes, sem vida, sem côr... o que seja aquella vastissima região?
De Vizeu a Vouzella — uma distancia de 18 kilometros — a paysagem é larga e lavada: montanhas aqui, mais além desenrolando-se já em vastissimas planicies, verdadeiros jardins, a esmo espalhados e que só uma concepção divina poderia crear!... Um encanto! Uma manhã d'abril ou maio — para longe o *spleen*! — tomem o carro da carreira, subam para a imperial, e percorram esse pedaço, esse recanto da Beira Alta que vae de Vizeu a Oliveira de Frades!

Sahindo de Vizeu ás 6, ás 8 estarão em S. Pedro do Sul.

E' uma villa toda cheia de sol: alegre, de casas muito caiadas, docemente reclinada na encosta d'um monte, e ali mesmo na confluencia dos rios Sul e Vouga...

Para um lado, para outro, quintas e pomares: uma vegetação exuberante, ante nossos olhos: golpes de vista



CASA ONDE HABITOU ESTE ANNO S. M. A RAINHA (photographia de Antonio Tudella)

formosissimos: o imprevisto a empolgar-nos, a cada momento — se subimos té lá ao alto das serranias, que a cercam como muralha indestructivel; dulcificando a nossa alma, extasiando-nos — se nos embrenhamos por essas aldeias alem: S. Christovam, Carvalhaes, Figueiredo do Alva, Varzea, Santa Cruz da Trapa...

A sua posição topographica, o seu clima justificam bem o nome de Cintra da Beira, porque é conhecida: nada mais apropriado, nada mais real!

Depois, como se isto já não bastasse, ha ainda a admirar o caracter d'aquelles povos: robusta e pacifica, leal e trabalhadora, toda aquella gente!

Manhã cedo, mal o sol é nado, tudo sae das choupanas para o trabalho; os homens, d' enxada ao hombro, para a sacha, para a monda ou para a ceifa; as raparigas para as espadeladelas do linho se é o tempo, ou para as co-lheitas, de saias alçadas e lenços vermelhos, amarellos, azues, traçados no peito sobre as grosseiras camisas de estopa, se o setembro já chegou...

As mães, essas, lá ficam em casa cuidando dos filhos, tratando do jantar — a roca mettida na cinta e o fuso nos dedos — fia-que-fia transformando, com arte, o linho em rama, em fios, estes em maçarocas, que depois vendem ás tecedeiras...

A hospitalidade é proverbial em toda a provincia da Beira Alta.

Abrem-se as casas aos que chegam: a meza está sempre posta! E' vêl os! Nos seus rostos, levemente tostados, d'um acobreado arabe, desenha-se nitidamente o bem-estar que experimentam por poderem ser-vos agradaveis: abrem-se os bragaes; a roupa da vossa cama exhalará ainda o perfume da flôr do linho...

Os romanos tinham as mulheres d'estes sitios pelas mais bellas da provincia, e ainda hoje ellas gozam, com justo titulo, d'esses creditos.

Adiante logo de S. Pedro do Sul — meia hora de caminho — na margem esquerda do Vouga fica a antiga povoação do Banho — hoje *Thermas da Rainha D. Amelia*.

E' pouco concorrida esta estação, posto sejam muito antigas aquellas thermas. Já em Setembro de 1175 D. Afonso 1.º foi alli curar se da perna que tinha, n'esse mesmo anno, quebrado contra o ferrolho da porta da praça de Badajoz, que elle então tinha tomado aos mouros. São as aguas thermaes mais quentes do reino: nascem proximo á margem do Vouga, meia distancia entre Vouzella e S. Pedro do Sul.

O novo edificio dos banhos, de moderna construcção, é elegante e está bem dividido. Não está, porém, ainda acabado, sendo, por esse motivo, o tratamento das inalações ministrado n'uma pequena casa, á parte — alguns passos de distancia do Estabelecimento Novo.

Pouca gente haverá que alli tenha ido e não conheça um dos typos mais populares d'aquelles sitios : o *Meio Kilo* — um homenzito baixo, quasi imberbe e que, com a profissão de barbeiro, exerce a de *cicerone* lá das terras de Lafões.

Como todos os *cicerones* elle conta historietas engraçadas a proposito de qualquer coisa ; a sua phantasia de meridional borda sobre o mais insignificante assumpto as mais romanescas e tragicas aventuras !...

E' na Beira Alta que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia vae todos os annos fazer uso dos banhos thermaes. E' d'alli que ella acaba de regressar. Sua Magestade deve trazer ainda bem viva em seu coração magnanimo a mais entranhada sympathya por esses povos tão hospitaleiros e que tão bem sabem sempre honrar-se com a estada da virtuosissima soberana n'aquellas paragens. A maneira como foi recebida, a expontaneidade nas manifestações com que, de todas as vezes, alli é acolhida provam bem a nobreza incomparavel de sentimentos, a dedicação aos monarchas portuguezes.

A estada da augusta princeza em S. Pedro do Sul deixa sempre, e por largo tempo, um echo de saudosa recordação.

A maneira extremamente affavel e desprendida dos preconceitos da côrte, como Sua Magestade recebe todos os que d'ella se acercam, é uma das causas preponderantes da entranhada e bem merecida sympathya que todos ahí lhe tributam.

Prompta sempre a quinhoar da desgraça, ella é a primeira a investigar onde a aza negra da desventura paira, para, com o seu sorriso angelical, com a sua bolsa sempre aberta, ir levar ás choupanas dos infelizes o balsamo consolador d'uma relativa alegria !

Estrada fóra, a pé, acompanhada dos seus gentilissimos filhos, ou mesmo sósinha, ella atravessa aquellas aldeias tendo para todos o mesmo sorriso d'uma bondade infinita, de todos recebendo em lagrimas de agradecimento ou em manifestações da mais profunda e sincera veneração, as mais vivas, as mais altas demonstrações de suprema alegria — do intimo jubilo que todos sentem por tel-a como hospede.

As raparigas : — aquellas lindas mocetonas da Beira Alta !... — vão cantar debaixo das janellas do Paço, as suas canções — singelas como flôres do campo... ; os descantes succedem-se, desfolham-se flôres á sua passagem, em todos os rostos se espelha a mais indizível sympathya pela augusta soberana...

Sua Magestade, antes de retirar para Lisboa, mandou distribuir avultadas esmolos pelos pobres d'aquelles sitios, não esquecendo tambem ao seu espirito altamente caritativo as casas de beneficencia existentes tanto em S. Pedro do Sul, como em Vouzella.

Que as esmolos que tão gentilmente Sua Magestade a Rainha vem de espalhar, encontrem, no anno proximo, a devida recompensa : que se desfolhem sobre a cabeça da excelsa Rainha, em petalas de rosa, os agradecimentos d'aquelle bom povo...

A casa onde, este anno, Sua Magestade se alojou fica situada em Forno Telheiro, a dois passos de S. Pedro do Sul. Pertence a sr.^a D. Maria Emilia Pinto Leite, e está situada n'um dos pontos mais pittorescos e formosos d'aquella estancia.

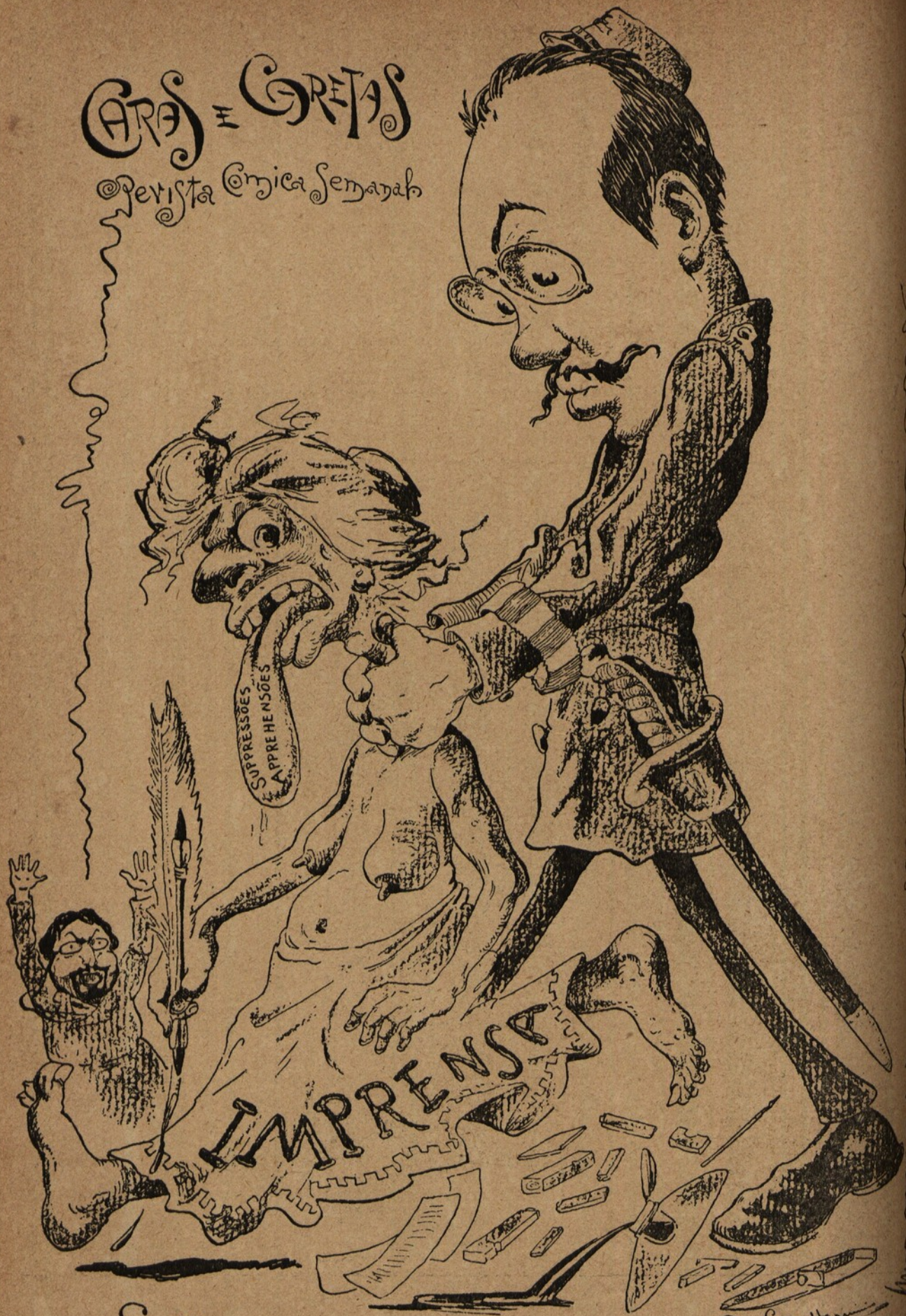
D'ella damos uma photographura, assim como uma outra d'um dos sitios mais attrahentes d'aquella rica e salutifera região.



S. PEDRO DO SUL — RIO TROÇO (photographia de Antonio Tudella)

ARAS E GRETAS

Revista Cômica Semanal



São ordens...

CELSO Henrique



CONDE DO CASAL RIBEIRO

N'um hotel de Madrid, onde tinha ido a convite do illustre cathedratico hespanhol Sanchez de Moguel assistir ao elogio historico de Alexandre Herculano, falleceu este illustre titular que na politica e nas letras occupou um tão proeminente lugar.

Atacou-o uma pneumonia, que em poucos dias o victimou; e assistiram lhe na ultima hora o dr Eduardo Burnay e Sanchez de Moguel, seus amigos intimos, e seu filho Frederico.

O conde do Casal Ribeiro era conhecidissimo em Lisboa. O seu typo era d'aquelles que destacam no nosso meio, a ponto de lhe terem posto uma alcunha; mas maior ainda que a fama que a sua figura lhe trouxe na mediocridade da nossa terra foi o seu talento, sempre posto ao serviço de uma causa nobre, não se dobrando a corrilhos de especie alguma nem a ordens de camarilhas.

Ha um traço até na vida d'este homem que denota bem o seu caracter elevado e a sua grande independencia. Um dia chegou-se ao pé de Fontes Pereira de Mello, com o *Diario Illustrado* na mão, e disse-lhe:

—E' preciso que v. ex.^a recomende aos seus creados que escrevam de maneira que a gente de bem os possa lêr! E pisou aos pés o jornal.

Foi varias vezes ministro e era decano dos membros do conselho de estado.

Em Hespanha, onde agora foi encontrar a morte, representou o nosso paiz de uma maneira brilhantissima, deixando fundas saudades na melhor sociedade madrilena quando d'alli retirou.

Era um orador vibrante; a palavra sahia-lhe fumegante dos labios, cheia de scintillações e de uma sinceridade que, se não convencia alguns, os deixava pelo menos abalados. Agudissimo nos argumentos com que rebatia a phrase d'outro, nunca, no mais acceso das discussões, deixou de ser cortez, delicadissimo, d'essa delicadeza fidalga que era um dos caracteristicos da sua longa vida de politico.

Como escriptor produziu diversas obras de um certo valor especial.

O seu ultimo livro publicado foi o *Esboço critico do «Principe Perfeito»*, a derradeira obra de Oliveira Martins.

A FLOR DA FELICIDADE

(LENDAS TRANSTEVERINAS)

ERA uma vez uma menina extraordinariamente bella e boa como os anjos, — tão boa que soffria immenso quando via alguém soffrer e não podia minorar as suas penas. Uma vez, desesperada por vêr tanta miséria humana, adormeceu, chorando, n'uma planície baça, e teve, durante o somno, uma visão extranha. Um anjo fulgurante, com um diadema rutilo, appareceu-lhe n'uma nuvem; e por traz d'ella, duas figuras veladas surgiram, sinistras como um mau presagio. O anjo caminhou para ella e disse-lhe :

— Se tens coragem, arranca o coração do peito e enterra-o profundamente na terra. No lugar em que o tiveres plantado, brotará ama flôr tão bella e tão maravilhosa que todo o que se aproximar d'ella e respirar o seu perfume experimentará uma felicidade celeste. Por um instante d'essa felicidade supportará sem se queixar todos os tormentos que a nossa existencia terrestre traz consigo.»

E a menina arrancou o coração do peito, plantou-o profundamente na terra e regou-o com as suas lagrimas.



E no mesmo lugar brotou uma planta de uma belleza fantastica, com uma folhagem de uma verdura luxuriante e com grandes flores brancas de brilhantes calices côr de sangue; e tudo o que se approximava d'ella era invadido por uma felicidade inexprimivel; sentia o sangue correr mais vivo nas suas veias, e, no enebriamento da sua alegria, esquecia por instante as miserias terrestres. A flôr ia crescendo e tornando-se cada vez mais brilhante; e atravez da sua rica folhagem suspirava a mais deliciosa musica.

Quando os anjos do céo ouviram fallar d'aquella planta extranha, pediram licença ao Todo-Poderoso, para a transplantar para o Paraizo. O Senhor consentiu. Os anjos voaram para a terra. Mas quando chegaram junto da planta maravilhosa, ouviram uma voz muito fraca que dizia :

— Deixae-me, eu floresço para a consolação dos homens, e não viveria no Paraizo, porque não posso prosperar senão n'um solo saturado de sangue e de lagrimas.

Os anjos não fizeram caso d'estas palavras, e, exaltados pelo doce perfume da flôr, esforçaram-se por a arrancar do seio da terra, mas não o conseguiram.

Os homens, vendo isto, regozijaram-se na sua louca presumpção e escarneceram do ciueme impotente dos anjos. Mas estes lançaram-se aos pés de Deus e pediram-lhe que os vingasse d'aquelles escarneos. O Todo-Poderoso escutou-os; lançou os seus raios sobre a flôr, e ella desapareceu da terra.

Mas as suas raizes ficaram sempre na terra e, muitas vezes, nas noites calmas da primavera, quando um perfume mysterioso e doce atravessa os ares — um perfume que parece não pertencer a nenhuma flôr visivel, — então as raizes da planta maravilhosa renascem e a primavera cobre-as de folhas verdes. O doce perfume excita sempre a colera dos anjos, e, mal elle se espalha na atmosphera, o trovão ribomba e o raio despedaça as folhas tenras. A planta nunca mais floresceu!...

VIDA NOVA

I

Na vida que tenho agora
Faço canções vaporosas ;
Inspira-me a luz da aurora,
Lê-me a bohemia das rosas.

II

O metro sae-me enfeitado
Da inspiração matutina,
Como de um berço encantado
O rosto de uma menina.

III

Do monte á sombra, dos valles
No seio campestre é amigo,
Deslembro passados males,
O triste viver antigo.

IV

Ouço a critica sincera
Das folhas, dos ramos, quando
Apóstropho a primavera
Que anda por longe cantando.

V

Logo bem cedo, mal saio
De casa a ver, em surpresa,
O sol que mama com um raio
No pei:o da natureza ;

VI

O madrigal, nos caminhos
Bordados de heras viçosas
Salta entre o verde dos ninhos,
Canta entre as moitas das rosas

VII

Então, como o deus do Lacio,
Peço um abrigo ás ramagens,
E leio uma ode de Horacio
Aos velhos troncos selvagens.

VIII

Tudo me arrouba, essa festa,
O bosque, a luz da manhã ;
Diante de uma floresta
Sinto a minh'alma pagã.

IX

Tenho composto um volume,
Uma epopeia, que offerto
Ao prado, ao sol, ao perfume ;
Faz o prefacio o deserto.

X

D'aqui ninguem mais me arranca ;
Vou-me sentindo mais forte ;
O sol augurios espanca . . .
Vivamos longe da morte.

XI

Levante-se o corpo exangue !
Longe o terror, as paixões !
Borbulhe a estrophe do sangue
Na rigidez dos pulmões.

XII

Ah ! como é bom ter-se em frente
Da casa em que nós moramos
Um claro jardim florente,
Um verde mundo de ramos !

XIII

Cada uma d'aquellas flores,
Que vêm da porta aberta,
Entende das nossas dores,
Falla á noss'alma deserta.

ALBERTO DE OLIVEIRA (Brazileiro).



A ESQUADRA INGLEZA



A esquadra ingleza sabindo do nosso porto

A esquadra ingleza que ha pouco tempo fundeou no nosso porto e que se demorou no Tejo até ao dia 9 do corrente, era composta dos couraçados *Revenge* (almirante), *Royal Oak*, e cruzadores *Gibraltar* e *Theseus*.

A esquadra partiu no dia 27 de maio de Queenstown, cidade do sul da Irlanda, tendo uma magnifica viagem, sem mesmo se resentir do habitual mau tempo que encontram os navios ao cruzarem o golpho de Biscaya.

A esquadra, sob o commando do contra-almirante Alfredo Taylor Dale, veiu a Lisboa em simples visita.

O *Revenge* e *Royal Oak*, couraçados de combate e ambos do mesmo typo, teem 14:150 tonnelladas, 380 pés de comprimento, 75 de largura e 27 de callado. São ambos da força de 13:000 cavallos e da velocidade de 17 milhas e meia por hora. O primeiro custou 852:750 libras e o segundo 877:378, sendo construidos respectivamente em 1892 e 1894. A couraça é de 18 pollegadas no costado, 16 nos reductos e 17 nas torres. O convez tem couraça de tres pollegadas.

O armamento é de 4 peças de 67 tonnelladas, 10 de 6 pollegadas de fogo rapido, mais 28 menores, tambem de fogo rapido, 8 metralhadoras e 7 tubos lança-torpedos. São ambos de aço como o *Gibraltar* e o *Theseus*.

Do mesmo typo possuia a Inglaterra em 1895 mais 5 couraçados: o *Empress of India*, *Ramillies*, *Repulse*, *Resolution* e *Royal Sovereign*.

O *Gibraltar* e o *Theseus* são do mesmo typo, construidos ambos em 1892, tendo o primeiro 7:700 tonnelladas e o segundo 7:350, e cada um d'elles a força de 12:000 cavallos, 360 pés de comprimento, 60 de largura e 23,9 de callado e a velocidade de 19,7 milhas por hora. Custaram respectivamente 347:634 e 347:517 libras. De igual typo tinha a Inglaterra em 1895 mais 7 navios: *Crescent*, *Grafton*, *Edgard*, *Hawke*, *Endymion*, *Royal Arthur* e *Saint George*.

O armamento é para cada um de 2 peças de 22 tonnelladas, 10 de 6 pollegadas de fogo rapido, 17 menores tambem de fogo rapido, 7 metralhadoras e 4 tubos lança-torpedos, dos quaes 2 submarinos.

A guarnição, de 2:589 praças, era assim distribuida:

Revenge 791, *Royal Oak* 731, *Gibraltar* 533, *Theseus* 534. Os commandantes eram respectivamente os srs. A. Curson Howe, Buyes Watson, Hughes Halleth e C. Campbell.

O commandante da divisão era o contra-almirante Dale, tendo como ajudante o sr. O. V. Satije e como secretário o sr. C. E. Byron.

TRABALHOS NO CAMPO

AS CEIFAS



TEM ido mau o anno para os lavradores.

A estiagem prolongada crestou as terras; fizeram-se preces *ad petendam pluviam*, sahiram para a rua as procissões de penitencia. E a chuva veio, em diminuta quantidade, dando de beber ás terras côr de saibro... mas veio fóra de tempo. Estavam perdidas as favas, mas aproveitava o trigo.

Agora, o mau tempo vem fazer mal aos trigos, deixando os lavradores perplexos, sobre se devem arrancar a palha, que, sêcca em casa, se faz negra, ou deixal a na terra, onde estará em riscos de apodrecer.

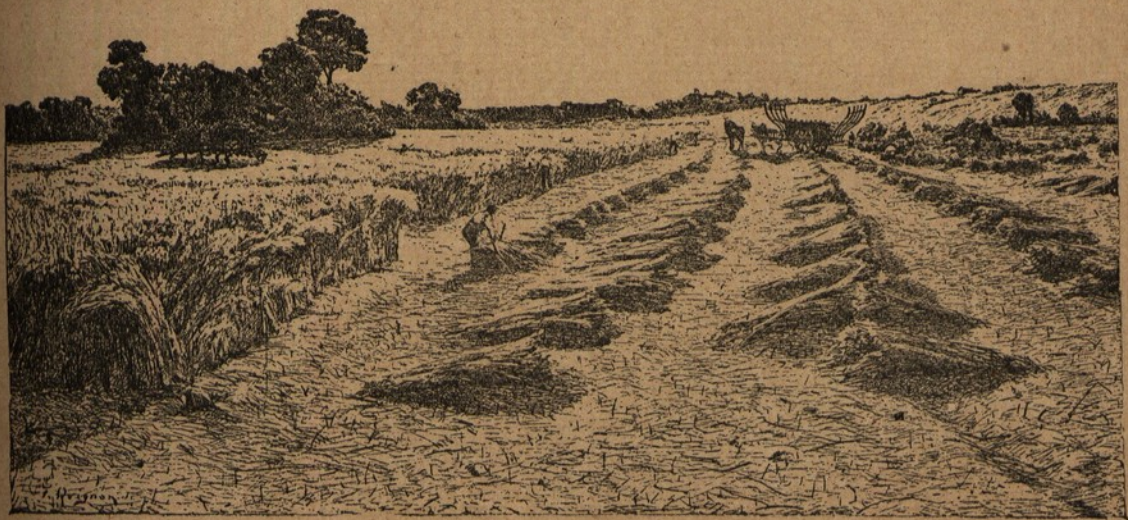
As estações andam mudadas; que bello tempo esse mez de maio passado! que horroroso tempo este meiado de junho que findou!

No emtanto, em muitas partes já se começaram a fazer as ceifas. Pelos campos, curvados para a terra, andam os lavradores, de foice em punho, ceifando o trigo abençoado. Alastram cantigas pelo ar; as mulheres ajudam n'esta faina, de saia arregaçada na cinta, mostrando até ao joelho as pernas encarniçadas e rijas.

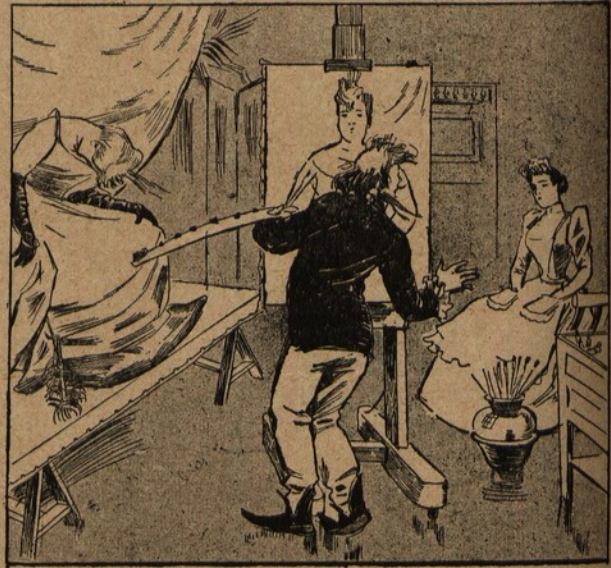
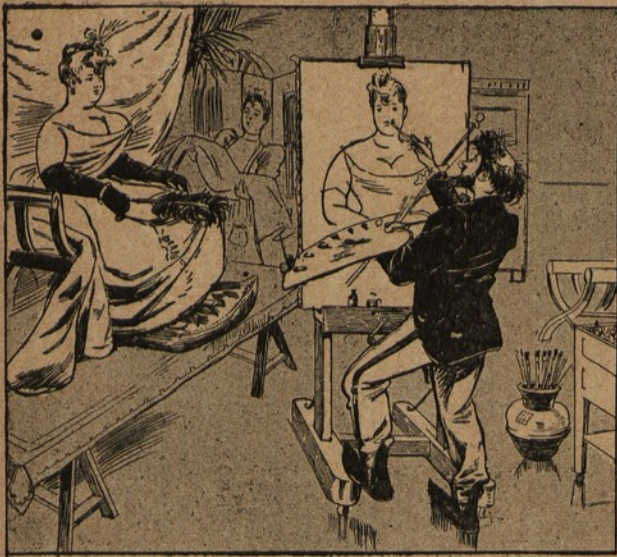
E' um bello tempo nas aldeias, este, quando o sol doira as primeiras espigas e se ouvem as primeiras cantigas nas terras semeiadas. Coincide com a alvorada das romarias; e as raparigas, nos seis dias da semana, curvadas no rude trabalho da ceifa, pensam no fato que hão-de vestir p'ra esse dia, no derriço que as espera, de jaqueta ao hombro e varapau com ponteira amarella, no entremez onde os rapagões de bigodeira crespa fingem de ingenuas alambicadas, o que as faz rir com as mãos nas ilhargas, um riso sadio e forte de quem não tem pezares.

E conversam com as companheiras, mostrando a feira dos dentes côr de neve, atirando para o ar a gargalhada argentina que sôa como um timbre alacre, prolongado de quebrada em quebrada pelas serranias sobranceiras.

Mas nem por isso o trabalho affrouxa; para o provar, ahi estão os molhos que se vão empilhando pelo campo adiante, á espera do carro que os ha-de levar para o eirado.



UM RETRATO FIEL



RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

HISTORIAS DE ANIMAES

Por J. Q. TRAVASSOS LOPES

1.^a Parte: 1 volume com 100 gravuras; — 2.^a parte: 1 volume com muitas gravuras.

Preço de cada volume, br. 200 rs. Com uma linda encadernação em percalina, 400 réis. E' o melhor brinde que se pôde offerer a uma creança.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 15000 rs.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidè n.º 2 e seguintes)

DOMINGO. — Sopa d'ovos escalfados. Croquettes de galinha. Linguado cosido com molho de manteiga. Carneiro assado. Salada de feijão verde. Compota de morangos.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de lazanha. Salmonete grelhado. Mão de vacca guizada. Vitella á jardineira. Salada de feijão frade. Crème de chá.

TERÇA FEIRA. — Sopa de arroz Julianna. Costelletes de carneiro panadas. Robalo cosido com azeite e vinagre. Feijão carrapato guizado. Frango assado. Gelado de leite.

QUARTA FEIRA. — Sopa de macarrão com parmezão. Salmão com molho de manteiga. Lingua de vacca com azedas. Rosbife com batatas. Couve cosida com azeite e vinagre. Geleia de morangos.

QUINTA FEIRA. — Sopa de purée de ervilhas. Fatias recheiadas com carne. Tainha cosida. Costelletes de vitella com purée de batata. Esperregado de alface. Pudim de gabinete.

SEXTA FEIRA. — Sopa de pão em caldo de peixe. Pescada cosida. Ovos verdes. Pargo assado. Salada de feijão encarnado. Frituras de massa.

SABBADO. — Sopa de sagú. Filetes de pescada. Borrachos de fricassé. Perna de carneiro assada. Salada de alface. Croquettes de arroz.

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 17000 rs. Enc. 17400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

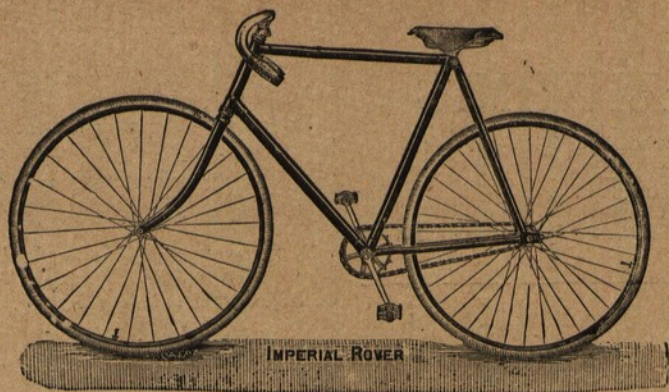
A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol: br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

IMPERIAL ROVER

Peçam catalogos illustra-
dos das "Rovers"



Fortaleza, elegancia,
ligeiriza

Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são ni-
ckelados em parte, e têm
travão e rodas com caute-
chut.



Ha tricycles para adul-
tos bem assim para se-
nhoras, em grande sorti-
mento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Peçam catalogos a esta casa



Velocipedes
para rapazes de 4
a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA



FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

LAMBERTINI



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1 \$300 »	2 \$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 13

LISBOA, 28 DE JUNHO DE 1896

1.º ANNO

AS CEREJAS



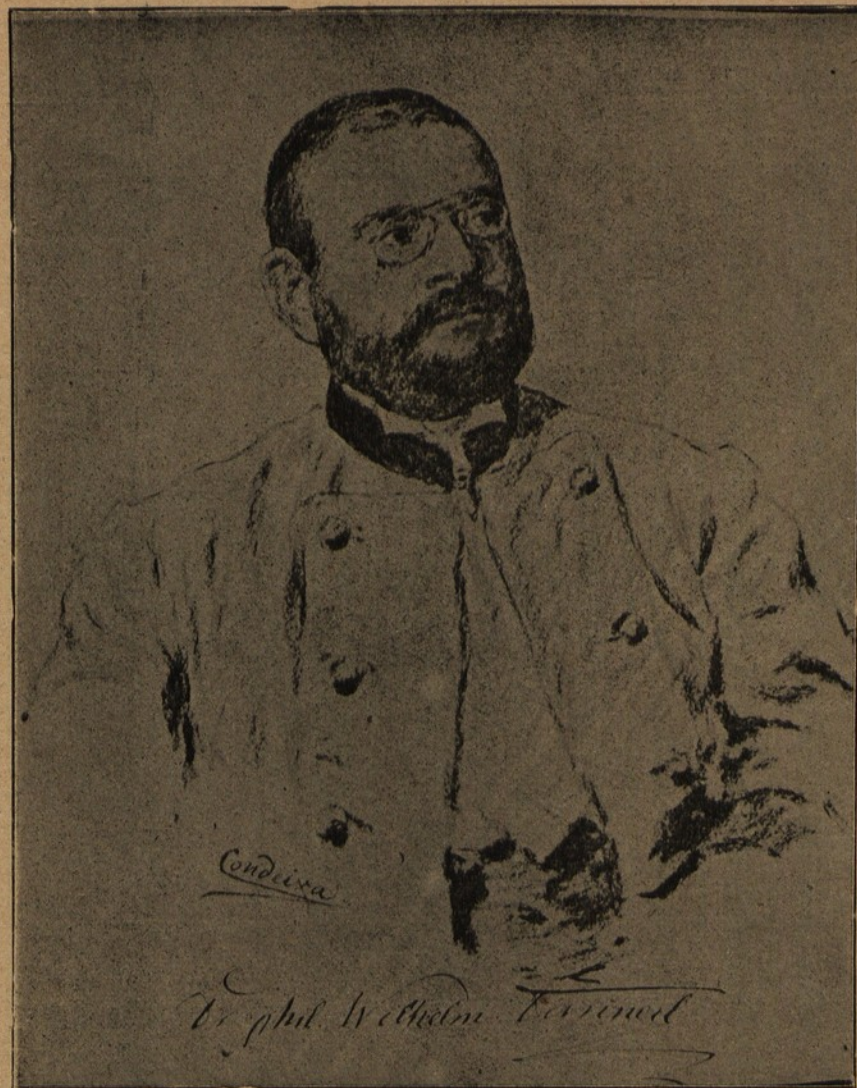
Oh! as bellas cerejas côr de sangue que abrem um riso de frescura ao vir dos primeiro fructos! Por essas ruas, em pilhas nas canastras, ellas despertam o appetite de se trincarem, como os labios rubros da mulher amada. E as creanças, principalmente, esses diabretes que são toda a nossa alegria e toda a nossa paz, atordâm-nos o ouvido, pedincham-as, e tem risadas estridentes quando se vêem diante de um bom prato d'ellas. Então, antes de as comerem, põem-as á maneira de brincos nas orelhas, o que dá a illusão de traze-rem penduradas duas grandes pintas de sangue coalhado.

Vejam a expressão com que o pequenito olha a irmã, que ensaia uma d'essas poses; e a cara d'ella que des- abrocha n'uma aurora d'alegria, com o prato diante d'ella, a trasbordar.

Oh! as cerejas, logo nos primeiros dias do verão é o que ha de mais alacre entre as primeiras fructas que apparecem — os figos verdes, as pêras de Santo Antonio, os damascos, as primeiras ameixas. Só os morangos rivalisam com ellas; mas ainda assim, as suas rugas asperas não lhe dão a suavidade setinosa que as cerejas tem, a fórma redonda, a linda côr.

Oh! as cerejas são tudo o que ha de mais suggestivo para um beijo!

Os jornalistas allemães em viagem a pé á volta do mundo



O *Branco e Negro* tem-se esforçado quanto em si cabe para de perto acompanhar sempre todos os acontecimentos de maior relevo na vida portugueza e que dignos se tornem de commentario quer pela illustração, quer pela penna. E a prova que o tem conseguido está na carinhosa effusiva sympathia, verdadeiramente unica nos annaes do jornalismo da nossa terra, com que o publico o tem distinguido e que por nosso lado nos obriga a desvelarmo-nos para fazer do nosso jornal uma publicação absolutamente modelar.

Mal que soubemos, pois, encontrarem-se em Lisboa, de passagem para a America, dois nossos illustres collegas da imprensa allemã que a pé andavam fazendo uma viagem á volta do mundo, immediatamente os procurámos para colher da sua bocca a narrativa pittoresca da sua longa e arriscada viagem atravez tão varias e tão descontraidas regiões.

Os intrepidos viajantes, que se hospedaram no Hotel Francfort, receberam-nos com a mais captivante gentileza, consentindo tambem em pousar para que o nosso collaborador artistico e illustre pintor Ernesto Condeixa lhes esquisasse os retratos.

São, como o leitor verá, dois homens no pleno vigor da vida e mocidade. O dr. Guilherme Danneil tem 35 annos e Arthur Thielheim 24 apenas, sendo um e outro dotados de uma grande robustez physica e de uma grande audacia. O dr. Guilherme que na viagem tem perdido cerca de 30 kilogrammas, physicamente, lembra agora muito Zola, ao passo que Arthur Thielheim com o seu pittoresco costume de viagem tem o ar galhardo de um moço official d'infanteria bulgara. São ambos dotados de uma vasta e profunda illustração, principalmente Guilherme Danneil, que sobre ser doutorado em philosophia é um critico litterario e theatral de primeira ordem; no *Hamburger Journal*, o mais importante diario da grande cidade commercial da Allemanha e do qual é o redactor chefe, tem elle a seu cargo especialmente a critica litteraria e theatral que exerce com natural proficiencia; Arthur Thielheim pertence á redacção do *Hamburger Fremdenblatt* e possui grande aptidão para o estudo de linguas, fallando correctamente dez a doze idiomas.

Os nossos confrades e amigos sahiram ha cerca de 14 mezes da sua terra. A viagem, que começou no 1.º de abril de 1895, deverá terminar em egual dia de 1897, e o fim que a determinou foi uma original aposta de 50:000 francos, cerca de doze contos de réis, que fizeram com alguns seus amigos e que certo ganharão, pois têm já

vencido mais de tres quartas partes do seu itinerario e ainda dispõem de uns dez mezes para o que lhes falta percorrer.

Até hoje têm atravessado os seguintes paizes : Allemanha, Austria, Hungria, Servia, Bulgaria, Turquia, Anato-
lia, Armenia, Siria, Palestina, Egypto, Italia, França, Argelia e Hespanha, com-
provando a sua passagem com certifica-
dos passados pelos soberanos, auctori-
dades consulares. etc. De Lisboa partiram
no dia 21, tendo-se demorado oito dias
que foram preenchidos por visitas aos
pontos mais pittorescos da cidade, que
acharam maravilhosa, Setubal, Cintra,
Mafra, Coimbra e Porto. Agora seguem
a bordo d'um navio hespanhol para Cuba,
onde a sua curiosidade jornalística os
leva, afim de assistir *de visu* ás peripecias da guerra, e d'alli seguem para o
Brazil, Americas Central e do Norte, e
por Inglaterra regressarão a Hamburgo.



A sua viagem tem sido fertil em situações imprevistas e em recontros perigosos de que miraculosamente sempre escaparam. Na Arabia, por exemplo, quando atravessavam as montanhas dos Balkans foram de subito atacados por um bando de arabes que pretendiam matal-os para os roubar. Arthur Thielheim recebeu ainda uma punhalada que lhe atravessou o ante-braço esquerdo e Guilherme Danneil esteve quasi a ser morto por uma bala que lhe arrebatou o chapéu. O sangue-frio e a coragem de que dispõem fizeram por mais uma vez sahirem sãos e salvos d'esta grave situação, tendo o dr. Danneil morto em defeza propria dois dos arabes, pelo que estiveram cerca de dez dias sob prisão.

Os nossos amigos referem muitas e curiosas aneddotas e casos picaros que recolheram na sua *tournee*. Tambem levam preciosas notas sobre varias altas individualidades com quem tiveram occasião de conversar. Entre estas conversas resalta, pelo interesse dos depoimentos, a que tiveram com o khediva do Egypto e uma outra com Stambulof na propria vespera do seu assassinato. Stambulof, apesar de despota, era, segundo elles, um talento natural.

Todas estas narrações de viagem farão parte d'um livro que no seu regresso publicarão.

Aos nossos amigos boa viagem.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES EM BARCELONA



SERÁ DIPHTERIA?—Quadro de M. de Santa Maria

Sua Magestade a Rainha na Beira Alta

A soberana de Portugal, que ha poucos dias regressou a Lisboa da sua viagem ao coração da Beira Alta, visitou no dia 12 do corrente a cidade de Vizeu, capital d'aquella provincia. A' imitação dos annos anteriores, a vetusta cidade de novo se vestiu de gala para condignamente receber a sympathica princeza e seus filhos. Foi um verdadeiro dia de festa, festa rija e vibrantissima de enthusiasmo caloroso e sincero. Porque em verdade, a senhora D. Amelia é adorada dos vizienses e de todos os habitantes d'aquellas formosissimas paragens beirões, — de maneira que as suas visitas áquelles povos revestem-se sempre d'um caracter particular do qual dimana, puro e resplendente, o culto fervoroso, de quasi perfeita idolatria, que essas gentes rudes mas leaes e francas, honradas sempre em tudo e por tudo, votam aos nobilitantes sentimentos da Virtude. E bem sabido é de todos que em sua magestade a rainha abundam esses predicados valiosos, que d'ha muito vem redundando em geraes beneficios para os seus subditos.

A senhora D. Amelia aproveitou a sua ida a Vizeu para visitar mais uma vez a velha e curiosissima cathedral, que encerra algumas dezenas de verdadeiras preciosidades artisticas, que vem fazendo a constante admiração dos nacionaes e estrangeiros cultos, entre as quaes destacam as soberbas pinturas gothicas attribuidas ao famoso Vasco Fernandes, o *Grão Vasco* da velha lenda. Aqui assistiu a um solemnissimo *Te-Deum*, apinhado o vasto templo de



VISTA GERAL DAS THERMAS DA RAINHA D. AMELIA (photographia de A. Tudella)

tudo o que ha de mais selecto em Vizeu. Da cathedral saiu para o Asylo-Officinas ha pouco inaugurado pela benemerita Real Confraria de Santo Antonio, aggremação religiosa, de um largo futuro de bella utilidade, da qual a soberana e seus filhos são membros, e em seguida dirigiu-se ao Collegio da Immaculada Conceição e de lá á Via-Sacra, onde bateu a primeira pedra do novo edificio *Asylo de Mendicidade Viscondessa de S. Caetano*. A scena d'esta inauguração foi realmente admiravel, e muito pesar sentimos por o distincto photographo Perez, d'aquella cidade, não conseguir, apesar dos seus grandes esforços e boa vontade, obter o respectivo *cliché*. N'aquelle acanhado recinto, onde formigavam nada menos de quatro mil pessoas, acotovelando-se, empurrando-se, sem poder estar quietas um unico segundo, impossivel era, realmente, apanhar um bom trabalho photographico. Deixada a Via-Sacra, sitio deliciosissimo, subtilmente encantador, dominando a cidade que lá adeante e um pouco em baixo se recosta em extensa linha n'um fundo de monticulos e planicies verdejantissimas, offerecendo um panorama tão delicado como surprehendente, que a rainha não se cansava de admirar visivelmente commovida, veiu o imponente cortejo pelo largo Alves Martins e rua Maria Pia até ao palacete dos condes de Prime onde sua magestade deu recepção e jantar. Era quasi noite quando a familia real se retirou para S. Pedro do Sul, gozando na despedida as mesmas inequivocas demonstrações de alta estima e respeito que caracterisaram a chegada.

Vizeu é uma das cidades provincianas que n'estes ultimos tempos mais teem sentido a acção beneficiadora do progresso. Modernisando-se com muita vontade e rapidez, ella offerece já hoje ao forasteiro larguissimos momentos de distracção e prazer na proverbial communicabilidade affectuosissima dos seus habitantes; nas suas muito bem montadas associações de phylantropia e recreio; nas obras de arte preciosissimas e numerosas que encerra dentro de seus muros; nos habitos e costumes tradicionaes dos povos que a cercam; e, sobretudo, na opulencia panoramica e paysagistica dos seus suburbios, os quaes são lindos a valer e de tal maneira que ainda não vimos, verdade seja, outra cidade do paiz que n'este sentido possa aventajar-se-lhe. Testemunham plenamente esta affirmacção nossa os descriptivos entusiasticos de viajores competentissimos e insuspeitos.

O *Branco e Negro* espera poder offerecer mui brevemente aos seus leitores uma descripção minuciosa de Vizeu e arredores, acompanhada de photographuras dos monumentos e locaes mais notaveis da importante cidade da Beira.



VIZEU — S. M. A RAINHA NO LARGO DA SÉ CATHEDRAL (photographia de Peres)

O ENTERRO DO CONDE DO CASAL RIBEIRO



Como os jornaes diarios deram já pormenores desenvolvidos sobre o enterro do illustre homem politico que acaba de morrer, parece nos de mais interesse para os nossos leitores publicar na integra o primoroso e sentido discurso que o eminente orador Antonio Candido proferiu á beira da sepultura do Conde do Casal Ribeiro.

Damos além d'isso tres photogravuras representando a passagem do feretro em diferentes pontos de Lisboa, e reproduzidas de magnificas photographias de Arnaldo Fonseca, feitas expressamente para o *Branco e Negro*.

Não venho fazer a oração funebre do conde do Casal Ribeiro. A hora não é propria, nem o logar conveniente. A religião, que elle professou com inabalavel fé e acendrado amor, far-lhe-ha, de certo, piedosas exequias; e o parlamento, que eralteceu com o seu porte honrado, e tanto exaltou com a sua elevada eloquencia, ha de votar-lhe, com o luzimento devido, as homenagens que bem mereceu. Mas é para a minha consciencia, se não dever, necessario desafogo saúdar aqui, nos aditos da eternidade, um dos mais altos, mais gentis, mais formosos espiritos, que ainda conheci e admirei na minha vida!

O seu perpetuo desaparecimento é uma grande perda nacional. Esta phrase, tantas vezes repetida, sempre com sinceridade de quem a diz, mas nem sempre com verdadeira justiça, — é agora absolutamente certa. O conde do Casal Ribeiro assignalou-se entre os maiores da ultima geração de homens illustres que houve na nossa terra. Não direi que a vitalidade da nossa raça ficou exhausta n'essa geração, que, infelizmente, é já quasi toda do cemiterio e da historia; mas vae-nos tardando, e tardando muito, a hora em que ella outra vez se mostre tão vivaz, tão fecunda como foi então...

Na politica portugueza não havia homem de mais nobreza pessoal, do que a que teve, e irradiou de si, o conde do Casal Ribeiro. Quem olhasse para a sua alma, via-lh'a logo toda: via-lh'a até ao fundo... E havendo de procurar-se comparações para elle, tem de se invocar a effusiva generosidade de Manuel Passos, abundante no affecto e facil no perdão, e a fidalga isenção do marquez de Sá, destemido e immaculado. O odio, a calumnia, a inveja, a ambição maligna, eram sentimentos e processos que o conde só conhecia por os ter combatido algumas vezes, e por os ter perdoado e esquecido muitas mais!

Nobre character, nobilissimo character, o seu! E é, sob este aspecto considerada, que a falta d'elle é enorme, que a sua falta é insubstituivel. O conde do Casal Ribeiro tinha tambem um dos mais poderosos entendimentos que ahí se estrellaram e resplandeceram nos ultimos cincoenta annos; mas as ideias importam-se, se o genio nacional as não produz; e, na sua expansão irreparavel, as obras da intelligencia não medem distancias nem conhecem fronteiras. Mas os grandes exemplos de dignidade pessoal, de virtude civica, de nobreza moral evidente, esses é preciso tel-os perto, vel-os em cada hora, sentir-lhes a todo o momento a clara lição, e a alta, perenne, suggestiva influencia.

Orador e estadista, foi n'essa dupla qualidade, igual aos maiores da nossa historia constitucional. A sua eloquencia ponderada, grave, cheia de pensamento, d'uma claridade exemplar — tinha tambem, se era preciso, a subita illuminação d'uma phantasia, capaz de bellas imagens, e a energia d'uma coragem altiva, capaz de soberbos movimentos. Não sei se elle se compunha pela admiravel attitude parlamentar de Guizot, seu mestre em muitas coisas; mas, fosse assim ou não, é certo que não honrou menos a nossa tribuna do que o illustre orador francez a da sua patria. Que formosa, original cabeça, a sua! Que ampla sonoridade de voz!

Ministro da fazenda em 1850, e, depois, d'outras pastas, mostrou em todas, mas principalmente na sua gerencia financeira, que as mais extraordinarias aptidões se harmonisavam bem no seu complexo e vastissimo espirito. Ahí exemplificou a coexistencia, tão rara e tão apreciavel, d'um grande talento de generalisação, verdadeiramente superior, e d'aquella faculdade de analyse, miuda, paciente, exactissima, sem a qual não ha trabalho pratico viavel, nem obra de reformação social, que resista á primeira acção do tempo.

No largo conjuncto da sua vida publica, ha duas phases distinctas: nem contrarias, nem oppostas. Foi revolucionario, na mocidade; foi conservador, depois. Foi revolucionario quando era preciso reconquistar liberdades que uma longa dominação incomputavel usurpára por traição e retinha pela violencia; e então, pamphletario e soldado, viu-se bem para quanto era a rija valentia do seu animo, a acerada agudeza da sua penna e a larga chamma da sua tribunicia eloquencia... Readquiridas as liber-



dades necessarias, quiz mantel-as, quiz conserval-as, e defendeu-as, contra os perigos que as ameacaram, qualquer que fosse a sua natureza e a sua direcção.

São profundamente, sympathicos, irresistivelmente sympathicos estes espiritos; mas não são mais, não valem mais do que os dotados, pela natureza d'um forte poder de localização e de especialidade, e que se sustentam, na base moral que elegeram, com intima firmeza, com imperturbada serenidade, até que a morte os vem ferir e tombar por terra; mas sem os destruir, sem os mutilar, sem os descompor na sua inteirica immobildade!



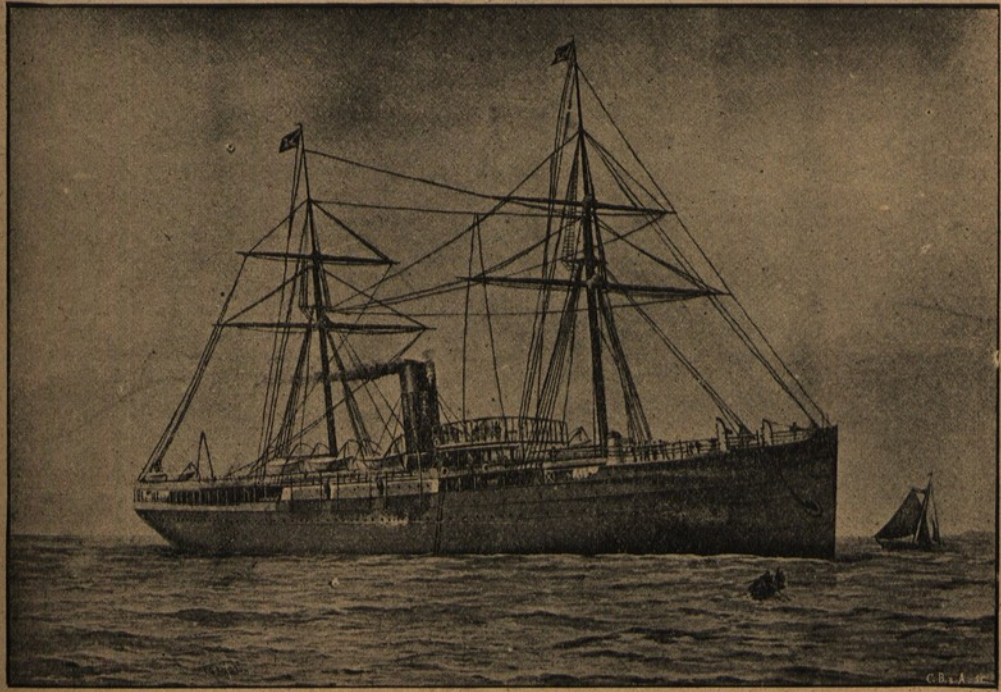
As insignias do poder não augmentam nem diminuem a estatura a ninguém. Despidas essas insignias, cada um fica o que é... Fóra da politica a figura do conde do Casal Ribeiro era tão superior, tão dominante, tão primacial como no exercicio dos mais eminentes cargos do Estado. Vendo-o e ouvindo-o sentia-se logo que estava ali um homem digno de commandar homens!

Como no melhor tempo da sua mocidade, ultimamente absorvia-o, quasi por completo, o amor e a pratica das letras, e a meditação dos graves assumptos que se referem aos destinos sobrenaturaes da nossa especie. A sua ultima viagem á Hespanha, de onde não voltou vivo, inspirara-lhe o fervoroso culto, nunca diminuido, á memoria insignissima de Alexandre Herculano, seu grande amigo e seu venerado mestre, a quem sempre respeitou e quiz com piedade quasi filial. Lá o surprehendeu a morte. Se não tinha de vêi a luz, pela derradeira vez, n'es-

te canto do mundo, entre os que mais o amavam, e elle estremecia tanto — ainda bem que foi ali, na fidalga capitania da Hespanha, que o honrou em vida, com o mais carinhoso affecto, e lhe glorificou a morte com tão extraordinario sentimento! Assim, o seu funeral poude ser quasi uma apothese; e, se tivesse havido preterições e injustiças para elle em vida, ter lh'as-ia a morte vingado soberbamente! Os dois soberanos da peninsula associam-se magnificamente nos preitos devidos á sua memoria; os dois povos unem-se amavelmente no lucto e na saudade d'elle; e, diante d'esta grandeza extincta, que passa, as bandeiras das duas nações enlaçam-se e as suas fronteiras desaparecem!

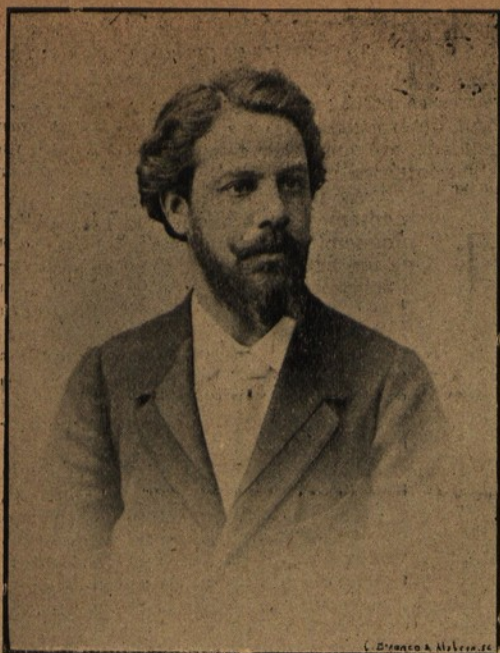
Admiravel coincidencia! Na morte de Casal Ribeiro veiu a reflectir-se, a figurar-se, o que houve, talvez mais dominador na sua consciencia de pensador e de politico. Elle era portuguez de lei, e pela patria verteria o sangue e daria a vida; mas queria cordialissimamente á Hespanha, com extremosa preferencia, sentimental e politica, sobre todas as nações do mundo. E foi lá que exhalou o derradeiro alento; e o seu ultimo somno vem dormil-o na sua terra, na terra sua amada, entre a germinação das nossas flores, sob a lucilação incomparavel do sol e das nossas estrellas!

Descance em paz o seu coração; e viva na gloria eterna a sua alma, que o sentimento de Deus engrandeceu tanto!



O vapor DRUMMOND GASTLE, naufragado em Brest no dia 16 do corrente ás 3 horas da manhã

CARLOS REIS



CARLOS Reis, o novo artista de que hoje damos o retrato, era até á recente exposição do Gremio, para o grande publico, um quasi desconhecido. O bello quadro que, como prova final dos seus estudos, expozera nas salas da Academia das Bellas Artes, por poucos fôra visto e o pintor independente e largo que aquella tela deixava vislumbra, não affirmara comtudo alli todos os ardentes rythms de que a sua paleta era capaz, todas as poderosas e intensas qualidades do seu temperamento. Probo, de uma grande honestidade artistica n'este periodo de reles cabotinagem e de frivolo reclame, sem camaradagem de botequim a fazer-lhe cauda e por demais denhoso para tomar d'aluguer a gandaia dos cafés a incensal-o de apotheoses ephemerhas, Carlos Reis ia obscura e corajosamente fazendo a sua aprendizagem sem que infantis vaidades, vãos aneios de fama, rumores de voga, conseguissem preverter o seu alto sonho de arte. E só quando se sentiu forte e seguro na sua technica, docil e apto o pincel para exprimir com precisão e luminosidade todos os movimentos da sua alma ante a natureza que o embriaga e os puros horisontes que o extasiar, se apresentou em publico.

Carlos Reis forma na *clan* dos pintores portuguezes de hoje logo á esquerda de Columbano, o maioral, de Velloso Salgado, o artista de uma sensibilidade tão inquieta e de uma imaginação tão vagamente sonhadora e de Souza Pinto, a mascula e vigorosa paleta que uma excessiva preocupação de detalhe pouca e tolhe por vezes. Não tem de certo ainda a fluidez maravilhosa do pincel de Silva Porto nem a sua melancolia

espiritualisante, aquella taciturnidade tão religiosa e candidamente amaciada por não sei que vaga, ondulante poesia. Não. Mas é um portuguez tambem e porta nto um melancolico. Certo a sua triste amorosidade é cortada de clarões, de bruscos lampejos sensuaes; a côr muitas vezes embebeda-o mas é ainda descrevendo poentes que ella afflora, — poentes que se não teem a ungil-os a penetrante e dolorosa poesia cheia de saudade de Xavier Pinheiro, não são comtudo calidos e perturbantes.

É um nervoso, além d'isso, um nervoso cheio de virtuosidades energicas; e basta defrontar com uma sua tela para conhecer que as tintas são dadas a pinceladas bruscas, sem grandes retoques.

A sua figura, porém, melhor do que nós, diz e sublinha estas qualidades. Pelo saccudido dos seus movimentos, pelo seu pisar largo e desempenado, pela expressão dos seus claros olhos, dos quaes uma barba em dois bicos de um loiro ardente corrige a doçura, o sonho.

Observador que se deixa commover, elle pinta a realidade não convencional, de uma amavel poesia de romance, mas forte e poetica. Foi decerto essa qualidade que em Berlim fez notadas as suas telas, especialmente aquelles platanos que uma doçura de crepusculo avelluda de oiro, e aquelles seus horisontes tão cheios da vaga poesia do espaço.

EXPEDIÇÃO Á INDIA

A CHEGADA DO AMBACA



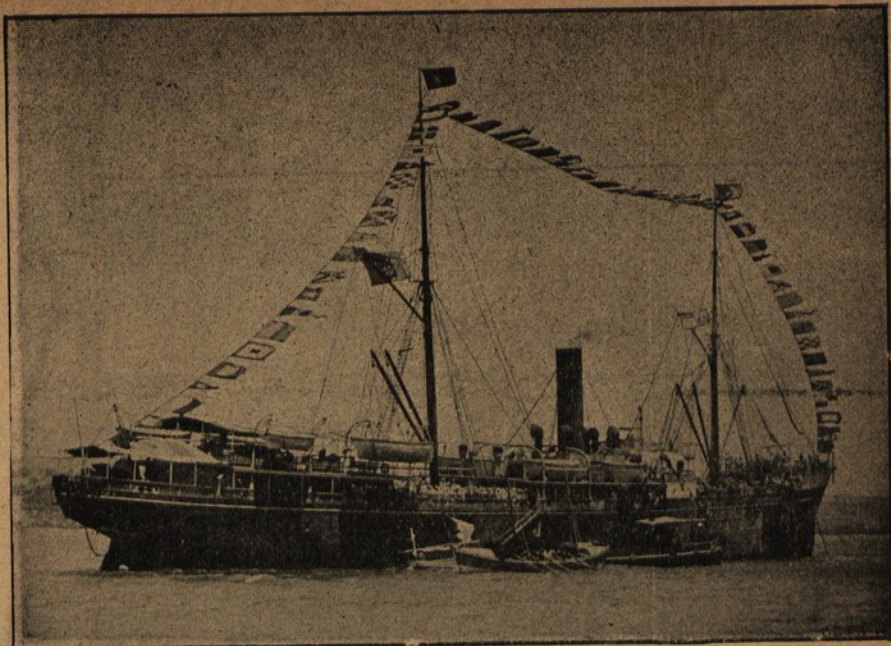
Foi o ultimo acontecimento palpitante na vida portugueza, a chegada da expedição á India, commandada pelo sr. infante D. Affonso.

No Pelourinho, á porta do Arsenal, e por todas as ruas do transito, apinhava-se o povo, desejoso de vêr

os soldados que voltavam de um paiz tão distante e levado um pouco pelo apparato que se tinha posto na recepção d'esse troço do exercito portuguez.

Era difficilimo atravessar por entre aquella massa compacta que se empilhava sob um sol abrazador, não arredando pé para assistir a todas as peripecias e não perder migalha do que se ia passar.

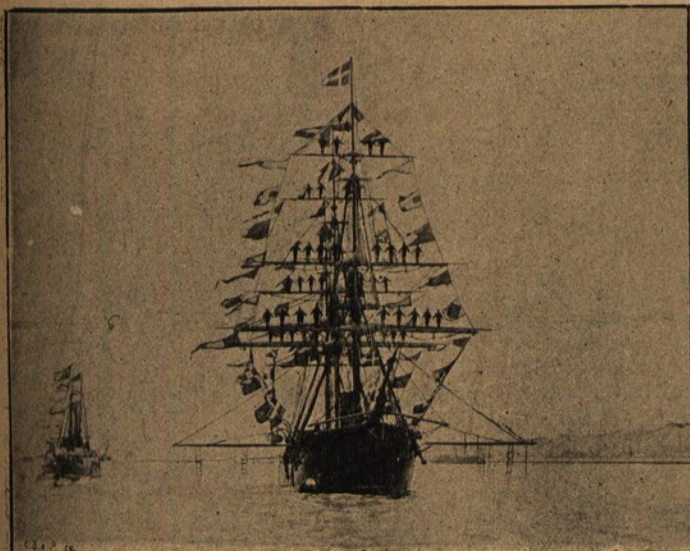
Logo que o sr. infante D. Affonso desembarcou de bordo do *Ambaca* com as praças de seu commando, seguiram todos para o Terreiro do Paço onde Sua Magestade El-rei passou revista ás tropas. D'ali dirigiu se a familia real para o paço e o povo dispersou alegre e satisfeito por ter visto os expedicionarios e o sr. infante D. Affonso que vinha de barba toda — o que lhe não ficava nada mal.



O jantar que foi dado com todo o brilhantismo em infantaria 2 e ao qual presidiu Sua Magestade El-rei correu animadissimo, havendo brindes entusiasticos aos expedicionarios e especialmente ao sr. infante D. Affonso que demonstrou no primeiro lance em que se arriscava grandes qualidades de commandante e disciplinador.

Effectivamente, este facto de um infante portuguez se ter offerecido para ir pelear em tão longinquas paragens pelo brilho do nome portuguez, se não é unico na nossa historia tem pelo menos um grande merito na epocha que vamos atravessando, toda de commodismos e de regabofe. Sua Alteza pondo de parte a vida cheia de delicias que aqui podia ter levado sem sacrificios de especie alguma, mostrou n'este acto possuir grandes qualidades de cidadão portuguez que não são para olvidar. E o povo, indo saudal-o na sua chegada, praticou um acto de cortezia que muito deve ter calado no animo da familia real portugueza.

A chegada do *Ambaca* deu lugar a diver-



sas manifestações de regosijo particular, entre as quaes avulta a promovida pelo sr. Conde de Burnay em frente do seu palacio da Junqueira, no extenso areal que ha n'aquelle ponto, e onde á noite se queimou um vistoso fogo de artificio.

Além d'esta festa puramente popular, o sr. conde de Burnay projecta um baile em honra do sr. infante D. Affonso, que a sua volta tem visto multiplicar-se as festas em sua honra: illuminações, fogos d'artificio, etc.

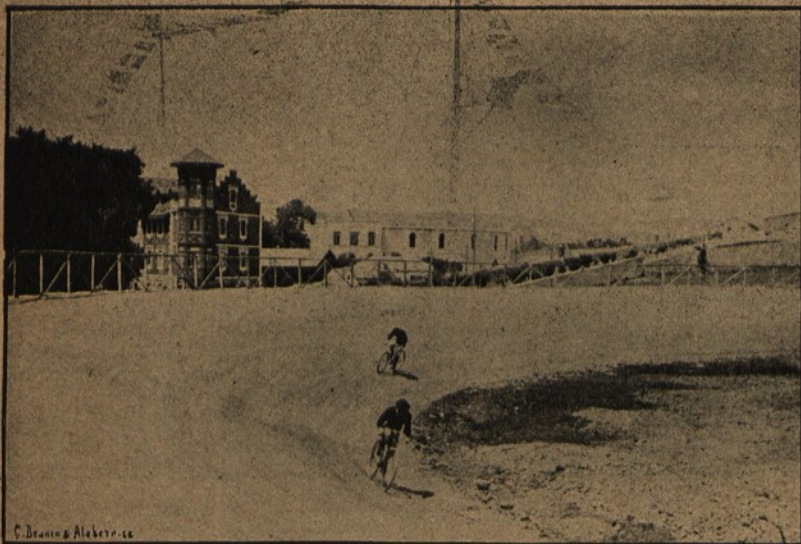
*

* * *

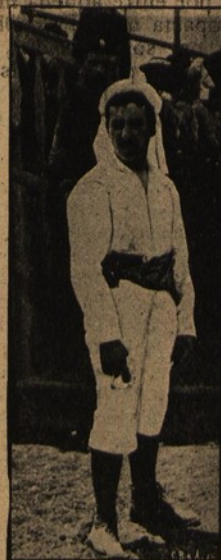
Damos quatro photogravuras representando a *vista do Tejo á chegada do Ambaca*, o *desembarque*, o *Ambaca visto de frente e de lado*, reproduzidas de excellentes photographias de Arnaldo da Fonseca.



"RECORD," DE 24 HORAS



O Velodromo d'Algés



O recordman Santos

O illustre *recordman* Arthur Santos, fez no domingo passado um *record* de 24 horas sobre pista no velodromo D. Carlos em Algés.

Este facto extraordinario nos annaes do *sport* levou grande concorrência áquelle local. O sr. Santos começou o seu *record* ás 6 horas da tarde de sabbado e acabou-o ás 6 horas da tarde do dia seguinte.

O distincto *recordman*, apesar de lutar com o excessivo calor que fazia e com o mau piso da improvisada pista, deu 250 voltas, ou sejam 22 leguas, sempre no passo ordinario.

Não é este o primeiro *recora* que o sr Arthur Santos leva a cabo. Tem feito mais os seguintes:

- 1.º— Lisboa, Ramalhão, Cascaes, Lisboa, 9 h., 40^m; 65 kilometros. Foi fiscalisado pelo Grupo *Foot Ball*.
- 2.º— Caes do Sodré, Avenida, Largo de Andaluz, Bemfica, Queluz, Estrada dos Frades, Rocha, Carnaxide, Algés, 2 h., 30.", 25 kilometros. Fiscalisado pelo *Walking Race Club*.
- 3.º— 24 horas sobre pista; 251 voltas (454,60 cada volta, — 22 leguas).

Entraîneurs: Carlos Esteves, Julio Esteves, Raul Lisboa, João Bregáro, Mario Celestino, Pinto Bastos, Honorato Santos, Albano C. Caleya, Frank Adam Soares, Domingos Abreu, e outros.



Ao meio da pista



Em volta da pista

Tem tres *unicas* medalhas, isto é, nos *record* que fez não teve competidor; e tres primeiros premios. Entre todas as distincções que lhe foram conferidas destaca o *Campeonato*, que o collocou no primeiro e unico lugar entre os *recordman* portuguezes.

OS MEDRONHOS



TENHO para vos contar uma doce historia, pequenina historia, passada á sombra de um medronheiro rubro. Era eu então um caçador terrivel, que estava já nos mattos ao romper do dia, bem fornido de chumbo para a passarada que começava a espreguiçar-se nos ramos; mas longas horas passavam, a passarada desferia os seus vôos pelos altos céus, e eu continuava, de barriga para o ar, na relva, á espera do meu sonho. Devia vir de qualquer parte, do azul do ar, da agua que corria murmurante sobre os seixos claros, da campina verde, dos olmos. Todos os dias, de olhos fechados, eu o via passar n'uma nuvem côr de rosa, vaporoso e leve; seria talvez a alma d'uma flor que fallasse brandamente á minha alma, adormecendo-a n'uma melopeia de cantares; seria a sombra vaga de um lyrio que me afagasse com a alvura immaculada das suas folhas. Seria tudo, mas era um sonho. E eu esperava-o. Manhã fresca d'abril, com um sol radiante, a visão tomou corpo, — oh, o delicioso corpo, tão bem talhado ao sabor dos meus roseos devaneios!

Vinha saltando airosa, sob o bosque de medronheiros e eu abraçava-lhe a cintura fina com um olhar, e os medronhos, de cima, riam lascivamente cantando a vermelha canção dos beijos.

Mas ainda hoje não sei se o sonho tomou corpo, se eu continueo a sonhar. Beijos, eu os dei, eu os sorvi n'uma bocca de coral, soffrego, n'um delirio que me entontecia. Corri pelo prado da alegria onde rebolei n'uma festa d'amor, com extases de céu, n'uma santa reveria. E até parece que Deus fazia côro commigo, rindo pelo azul hilariante, talvez tambem entregue a volupias divinas. Anjos sopravam pelo ar nas suas tubas sonoras cantos que embriagavam; flores abriam languidamente as suas corollas, mostrando o alvo seio, que arfava de prazer ao luminoso ar; e por sobre os medronhos poeirados de uma chuva fina de sangue, andava um estonteante perfume de luxuria, em ondas, segredando nupcias.

Ah! meus amigos, se foi sonho, que pena!

De cima os medronhos riam como perdidos, afogueirados n'um rubor, e rolavam tontos pelo chão, a meus pés.

DOMINGOS GUIMARÃES.

UM ALVITRE



Ao sr. ministro das obras publicas apresentamos este novo processo de aplanar as estradas para bem dos cyclistas

A HERVA AROMATICA

EM Palos de Moguer, n'um alegre dia de 1493, o povo andava pelas ruas n'um rutilo alvoroço, cantando e rindo, fraternizando n'uma mesma communhão de pensamentos. Chegavam á patria, depois de annos volvidos de ausencia os expedicionarios da *Niña* e da *Pinta*, por quem se havia já chorado muita lagrima e rezado — quem sabe



— muita missa! E de repente, a noticia correu de bocca em bocca: aproavam á barra as naus que tinham levado Colombo á conquista de novas terras. E amigos e conhecidos, com o coração inundado de uma grande alegria, corriam para a praia e acenavam de longe ás naus que vinham singrando, levemente, com as altaneiras prôas

apontadas para a terra mãe.

Desembarcados esses heroes que tinham visto tantas maravilhas até então ignoradas, apertando ao peito esses que julgavam sepulta-

dos para sempre nos abysmos profundos do tenebroso mar.

A' roda dos marinheiros, acalmada a primeira febre, pullulavam os grupos, pedindo informaçães, investigando tudo, querendo ouvir da bocca dos que tinham corrido tantos perigos a narração d'essa viagem tão laboriosa e tão cortada de interessantes peripecias.

— Então essa nova terra é uma maravilha? perguntava n'um dos bandos um conterraneo e amigo do expedicionario Pedro Luna.

— Oh! o clima é delicioso; os habitantes têm um caracter dôce e affavel; as aves e as plantas são garridas, de pennas flammantes e de perfumes embriagadores... respondeu Pedro Luna.

— Aquella descoberta surprehendeu-te, hein? Em vez de monstros, escuridão e grandes massas de fogo, encontraste homens e terras encantadoras.

— Não esperava aquillo. E, para dizer a verdade, fiquei triste. O almirante andava em cata de terras; eu procurava encantos e prodigios: — grandes quedas d'agua defendidas por dragões, o leito de chammas em que o sol se deita, a fabrica das tempestades e relampagos.

— E não achaste nada d'isso?

— Nada; atravessámos mares e terras e encontrámos outros mares e outras terras semelhantes. Tinha confiança em que, pelo Oriente e pelo Occidente, pelo Norte e pelo Sul, só se encontrariam aguas como as que estamos vendo e homens como nós nas suas ilhas. O reino enriqueceu, mas a minha imaginação ficou mais pobre e arida. Errámos o caminho dos prodigios e dos monstros.

— De modo que não voltas em viagens d'aventuras?

— Enganas-te; tornarei a partir na primeira expedição. Já'gora é um vicio.

— O que é que te leva ás Índias?

— Esta herba aromatica. Deram m'a a provar os indios de uma ilha chamada Cuba, e tanto prazer me deu, que não trago nem oiro, nem flechas, nem correntes, nem papagaios domesticados, mas folhas d'essa planta com que perfume constantemente a bocca.

E pegando fogo a um rolo de folhas de uma côr vermelho-escuro, mettu-as na bocca pelo sitio opposto ao lume, aspirou com delicia e logo pela bocca lhe sahiu uma nuvem de fumo de um aroma desconhecido e agradável.

— Como se chama essa herba? perguntou cheio de curiosidade o conterraneo do expedicionario Pedro Luna.

— Chama-se tabaco.

— Deixa-me provar.

— Não provas: esta herba produz nauseas ao que não nasceu para aspiral a. Bestialisa e faz escravo todo o que se entrega ao seu deleite.

— Pobre amigo! disse o companheiro apertando-lhe a mão; d'antes vivias de illusões, agora vives de fumo: has-de ser sempre o mesmo.



Na Torre do Outão

Lindo castello á beira-mar erguido,
Cortando o ceu, como uma evocação!
Passa o vento, que entoas n'um gemido
Entre as ameias medieval canção:

Côrtes d'amor, torneios, alarido
De caçadas... e o velho castellão
Na torre-de menagem abatido,
A lembrar-se dos tempos que lá vão!

Oh! quem me dera ser um cavalleiro,
Vestido de aço, de broquel e espada,
Pelo amor a correr o mundo inteiro!

De toda a parte a multidão pasmada,
Ei-la a saudar o meu ardor guerreiro,
E a dar os parabens á minha amada!

Setubal, 13-6-96.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(Inedito).

N'ALDEIA

O JOSÉ DA RUSSA



RAIO de vida! Não me basta a sécca nos milhos e na horta, e ainda agora tu, rapariga, me queres apoquentar tambem com os namoricos! Mas toma cuidado, cachopa, que ninhos de traz das orelhas não m'os fazes tu. Boa vae ella! Anda lá, anda lá que o filho do morgado dá-te na cabeça. Já não te serve ali o Manuel da Engracia, rapaz de trabalho acostumado a tudo, e além d'isso com uma boa folha? Queres fidalgos? mas nem sequer te lembras, doidivana, que a esse mariola o querem fazer padre? Olha a cegueira!

Assim increpava a filha um dia ao declinar da tarde, junto ao telheiro da cosinha, o bom do José da Russa, lavrador remediado do logar da Coitada, porque desde a festa do martyr a via amiudadas vezes fallar lá em baixo junto ao muro do pomar, com o senhor Julio, o filho do morgado da Ribeira, que todas as tardes ali passava á mesma hora, de espingarda ao hombro e chapéu derrubado para a nuca. E voltando-se para a Margarida, uma boa companheira sempre

atarefada com o governo da caza — o José da Russa gritou-lhe:

-- Tu, mulher, não me encubras maroteiras que vaes mal avisada n'isso. Juizo, juizo, senão...

Deixando as duas mulheres tranzidas de susto o José pegou na enxada que lançou para o hombro e lá foi cabisbaixo rosnando ainda imprecações.

De repente parou; ergueu o braço musculoso em attitude ameaçadora na direcção da herdade do morgado e exclamou espumando de desespero:

-- Malditos! sempre vós, sempre vós!

E deixou-se cahir occultando o rosto com as mãos, sobre o muro do grande poço do engenho, guarnecido de craves e rosmaninho. Que surda tempestade se desencadearia então no cerebro pouco illuminado do pobre José? que sentimentos, que paixões, que odios, que ideias de vingança?!

Só quando lá em baixo, no fundo do valle, onde o rio serpeia entre os salgueiros murmurando canções, o sino da ermida melancolicamente tangeu as *Ave Marias*, é que elle pareceu despertar da prostração em que permaneceu a bastamente. Tirou pausadamente o chapéu de grandes abas, juntou as calosas mãos e murmurou erguendo os olhos rasos de lagrimas para o ceu:

-- Perdoae-me, Senhor, se as fiz soffrer, mas eu quero-lhes tanto!...

() José da Russa não via com bons olhos o morgado da Ribeira. Quizera até um dia quebrar-lhe as costellas com um marmeleiro, porque elle lhe cortara a agua que ha bastantes annos lhe dava de renda para fazer moer a azenha que o José tinha e que bem bons lucros lhe dava. Cortara-lhe a agua o morgado sem lhe dar cavaco, no mesmo dia em que elle lhe disserá não poder votar com elle nas eleições da junta de parochia. Ao ver a azenha para a adivinhára o motivo e foi-se a casa do morgado dar-lhe satisfações, pedir-lhe desculpa.

-- Que não podia tornar a traz com a sua palavra. Já tinha promettido ao senhor doutor Maciel, a quem não podia dizer que não porque lhe devia favores. Tratára-lhe ainda ha pouco a sua Margarida d'uma doença grave. Era-lhe muito obrigado.

Mas o vingativo e estúpido morgado a nada cedera, nem mesmo ao senhor abbade que viera interceder em favor do José.

Vinha d'ahi o odio que o José da Russa tinha ao morgado da Ribeira. E era um filho d'este homem, tyranno e vingativo, que vinha assombrar lhe a porta, requestrar-lhe a sua Roza? A sua querida e unica filha para quem com tanto afan trabalhava deixando-lhe alguns bens que lhe dessem jus a arranjar um bom casamento.

-- Raio de sorte!

Decorreram talvez dois annos durante os quaes o *senhor Julio* não foi visto rondar a porta do José da Russa e nem mesmo a filha d'este dava mostras de sentir qualquer affecto por elle. Andava alegre, como d'antes, trabalhava com vontade, amimava o pae e até mesmo nas esfolhadas atroava os ares com os seus descantes ao som da viola.

Teria esquecido o namorado? acabariam para sempre as relações entre os dois? Talvez não, porque alguém disse ter visto uma noite um embuçado saltar o muro da quinta do José, que lhe pareceu ser o *senhor Julio*.

Ali pelos sachos o filho do morgado foi a Coimbra tomar ordens, cantar missa nova, e de lá partiu para o Minho a parochiar uma freguezia.

Passados, porem, poucos mezes, um dia que o José da Russa sahia de casa ao alvorecer, para o campo, encontrou a porta da saleta aberta.

Julgou-se roubado, e para dar busca á casa acordou a familia toda. Fôra effectivamente roubado e n'aquillo que mais estimava — a honra!

A sua filha, a sua Roza não estava em casa.

Não teve, o José, lagrimas com que chorar a sua desgraça nem tentou saber onde sua filha estava. Adivinhou-o n'um momento.

Soffreu em silencio e em silencio jurou vingar-se.

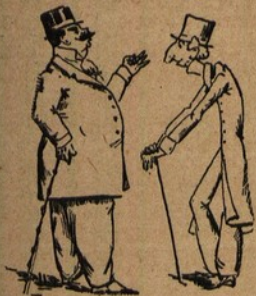
Algum tempo depois sahio de casa allegando afazeres na cidade e dirigiu-se para a terra onde sabia estar o ladrão de sua filha.

Apenas lá, procurou a capella, occultou-se com o muro do adro e, quando ao romper da manhã o senhor prior *Julio* se encaminhava para lá a dizer a missa muito embrulhado no seu capote, sahio-lhe de cara e desfechou-lhe á queina-roupa em pleno peito uma pistola de dois canos, deixando-o estendido de bruços á porta da capella, gollando sangue.

.....
Em cima da torre o sacristão repicava alegremente o sino chamando para a missa.

UM POLITICO E UM AMIGO

POR JORGE COLLAÇO



Politico — Olhe, meu amigo, cá o meu systema é radical. E' o que é preciso n'este desgraçado paiz, olhe que lh'o digo eu...
Amigo — D'accordo...



P. — Nós não temos marinha...
A. — E' verdade.



P. — O exercito está uma desgraça...
A. — Valha-nos Nossa Senhora!



P. — Onde é que está o nosso commercio? a nossa administração colonial? Sim, onde é que está, faz favor de m: dizer?...
A. — Pst...



P. — Portanto, ha que reagir, e o meu programma é o seguinte: atacar com valentia as instituições, na sua base e completa totalidade...
A. — Bravo!



P. — E vibrando um golpe radical, cortar com os abusos administrativos, augmentando o orçamento sem augmentar as contribuições.
A. — Bravissimo!



P. — Mas com um golpe energico... Assim, de cima... zás... para baixo...
A. — Apppp.....



P. — Está o meu amigo convencido da efficacia do meu systema?
A. — Do que estou convencido é que começa por dar cabo do contribuinte que paga as favas como sempre.

J. Collaço



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

QUEM TUDO QUER TUDO PERDE

SABEM todos que nas noites de inverno quando o vento assobia lá fóra, nada ha melhor que phantasiar castellos em Hespanha, ao lume rubro da lareira.

N'uma das taes noites, pois, marido e mulher, gente remediada, gozando um palmo de terra, uma eira e uma nóra, architectavam lindas coisas diante de boas achas de lenha que ardiã por baixo da trempo.

De repente, diz a mulher :

— Ah ! que se aiõda houvesse fadas !

N'isto, surgiu de cima da cama uma mulher linda como os anjos, de cabellos d'oiro e os olhos que pareciam sóes.

— Aqui estou, o que queres ?

(N'aquelle tempo todos se tratavam por *tu*).

O marido olhava p'r'a mulher, a mulher p'r'o marido e nenhum se atrevia a fallar.

— Vamos, disse-lhe a fada, pede tres coisas e serás satisfeita.

Os dois começaram de parafusar.

Diz a mulher, olhando para o lume :

— Que ricó fogo para se assar linguiça !

Immediatamente, pela chaminé abaixo, começou a desenrolar-se uma longa fita de linguiça, appetitosa e bem cheirante.

O marido, fulo, grita :

— Era bem feito que ella te saltasse ao nariz !

Não tinha acabado a phrase quando a mulher começou em altos gritos, com a linguiça pendurada no nariz. O consorte infeliz agarrou n'uma thesoura e pega de cortar, de cortar — thesourada aqui, thesourada acolá.

Mas agora o vereis. Quanto mais elle cortava, mais a maldita linguiça crescia.

A mulher desesperada queria deitar se da janella abaixo. O marido consolava-a.

— Não sejas tonta, mulher. Deixa estar que eu vou pedir á fada que nos dê muito dinheiro e mando-te fazer um agulheiro d'oiro, para esconder a linguiça.

O' misero que tal disseste ! A triste debatia-se em convulsões de chôro. 'Té que o marido vira-se para a fada e, de joelhos, pede-lhe que tire a linguiça do nariz da mulher.

Estoirou no ar uma gargalhada estridula e tudo voltou ao seu estado primitivo.

O ANTROPOPHAGO

Dois rapazes, que sem licença de seus paes, saíram para se divertir, perderam-se, e, chegando a noite acolheram-se n'uma casa e ahi pernoitaram.

Seria meia noite quando ouviram estar fallando no quarto immediato.

Aplicaram logo o ouvido á parede para ouvirem melhor. Perceberam bem que o dono da casa dizia :

— A'manhã, minha querida, hasde pôr o caldeirão ao lume porque quero matar aquelles parvinhos que vieram hoje.

Apoderou-se tal medo dos rapazes que disseram um para o outro :

— Ai de nós ! que este homem é antropophago !

Levantaram-se promptamente e saltaram da janella a baixo, para fugirem.

Mas como a janella era alta e o trambolhão foi grande, ficaram moidos ; e, para mais, a porta do pateo estava muito bem fechada. Não sabendo a que santos se haviam de encommendar enfiaram pelo curral dos porcos onde passaram toda a noite em angustias e colicas mortaes.

De madrugada foi o dono da casa para a porta do curral afiar a faca e gritar :

— Vamos, tunantes ! vamos ! saiam cá para fóra que está chegada a sua ultima hora !

Começaram os rapazes lá de dentro n'uma gritaria infernal a ponto de o bom do homem ficar sem pinga de sangue. Tornando a si, enche-se de animo, empurra a porta e dá com os rapazes de joelhos e mãos erguidas todos lavados em lagrimas a pedirem que os não degolasse. O homem, espantado, perguntou-lhes o que era aquillo e se estavam doidos.

— Ouvimos-lhe hontem, altas horas da noite, dizer a sua mulher que de manhã pozesse o caldeirão ao lume para nos matar e fugimos para aqui !

— Ess'agora ! diz o homem com os olhos muito esbugalhados. Eu referia-me aos leitões que comprei hontem na feira, e vocês julgaram. . . E' bem feito para não se pôrem a espreitar e a escutar o que se diz e para não terem sahido de suas casas sem licença.

E o bom do homem tranquillizou-os dando-lhes de comer e mandando-os acompanhar a casa.

LOPES SIMÕES.

VIAGENS DE COELHO DE CARVALHO

(MADRID, BARCELONA, NICE, MONACO)



Este livro concorreu ao *Premio D. Luiz*, distribuido annualmente pela Academia Real das Sciencias, no mesmo anno em que tambem concorreram Eça de Queiroz com a *Reliquia*, Lopes de Mendonça com o *Duque de Vizeu*, Abel Acacio com o *Germano*, Sousa Monteiro com os *Amores de Julia*, Guilhermino de Barros com os *Cantos do fim do seculo* e Theotonio Flavio da Silveira com o *Egas Moniz*. No relatorio que, em nome da Academia, Pinheiro Chagas apresentou, apreciando e criticando estas obras, diz elle ácerca das *Viagens de Coelho de Carvalho*, que, «com quanto ellas sejam «uma simples collecção de cartas de um viajante, de notas e impressões lançadas ao correr da penna, teem innegavelmente qualidades nobilissimas, e são uma nova manifestação do talento brilhante do seu auctor.»

«Este livro (continúa o mesmo relator), em que transluzem o vivo sentimento do pittoresco e um delicado humorismo, se este anglicismo póde aspirar a ter fóros academicos, é na verdade um livro encantador, e que tem paginas bellissimas como a da representação de um drama de Echegaray no Theatro Hespanhol, que é um modelo de graça e de fina observação.»

Um volume illustrado com desenhos de artistas portuguezes. — Brochado 600 réis. Encadernado á ingleza 900 réis

HISTORIAS DE ANIMAES

POR J. Q. TRAVASSOS LOPES

1.^a Parte: 1 volume com 100 gravuras; — 2.^a parte: 1 volume com muitas gravuras.

Preço de cada volume, br. 200 rs. Com uma linda encadernação em percalina, 400 réis. E' o melhor brinde que se póde offerecer a uma creança.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.^a de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.^a de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente — 3.^a que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.^a que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se pôde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o pôde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTACAO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Buraay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA